UMA VIAGEM

AO

VALLE DAS FURNAS

NA

ILHA DE S. MIGUEL.

UMA VIAGEM

AO

VALLE DAS FURNAS

NA

ILHA DE S. MIGUEL

EM JUNHO DE 1840

POR

BERNARDINO JOSÉ DE SENNA FREITAS

FIDALGO CAVALLEIRO DA CASA REAL, COMMENDADOR DA ORDEM DE CHRISTO,
&c. &c.

LISBOA
NA IMPRENSA NACIONAL.

1845.

Ill.^mo e Ex.^mo Sr.

A benevolencia, e affectiva amizade, com que V. Ex.ª inalteravelmente me tractou n'essa Ilha, nas differentes vezes que a ella tenho aportado; e o apreço que V. Ex.ª faz do celebre Valle das Furnas, no qual paſsa uma parte do verão na sua boa Casa, e onde edificou os seus Banhos, que tão cavalheiramente costuma franquear; uma e outra cousa sim, e não o servilismo da dependencia, nem a lisonja dos partidos politicos, me animam a vir dedicar a V. Ex.ª este meu trabalho, que intitulo = Uma Viagem ao Valle das Furnas na Ilha de S. Miguel em Junho de 1840. =

Confio pois, que V. Ex.ª o acceitará como inequivoco testemunho de gratidão, e tributo de verdadeira

amizade; e que os Michaelenses na sua leitura encontrarão uma prova incontrastavel de quanto aprecio essa Ilha, de que V. Ex.ª é oriundo, e um dos seus primeiros Cavalheiros.

Ha poucos annos disse um dos mais benemeritos ornamentos da Lusa-Athenas, « que o commum dos Portuguezes é tão apaixonado pelas cousas estranhas, e tão pouco pelas suas, tão activo em inquirir as bondades e formosuras dos outros paizes, e tão indolente em ver e examinar o que tem ao pé da porta, que é bem raro entre nós não se experimentar grande estranheza ao ver alguns dos muitos e preciosos monumentos da fecundidade da natureza, ou do artificio do homem, em que abunda

Portugal, como se foram plantas exoticas de outras regiões, em cujo seio se crê só existir tudo quanto ha formoso e proveitoso.... Occupados na leitura dos livros estrangeiros, desprezamos quasi inteiramente a dos nossos escriptores, que muitas vezes descrevem lugares e successos, como se foram não só historiadores, mas pintores.... Nem lemos, nem vemos o antigo, e como que tapamos os olhos, e desviamos o passeio para não observar o que é nosso.»[1] Estas verdades são, em parte, applicaveis á Ilha de S. Miguel: ninguem melhor do que V. Ex.ª sabe o pouco que se tem escripto relativamente ao Valle das Furnas; parece ter havido entre os nossos uma desidia injustificavel, uma desestima

[1] Forjaz de Sampaio — Viag. á Ser. da Louz.

indesculpavel, uma falta de patriotismo. D'entre os nacionaes, o que apparece escripto é deficiente, e se alguem foi mais amplo e minucioso, não offerece o seu trabalho um corpo de noticias, que forme, para assim dizer, a Historia do Valle das Furnas. Dos nossos, o que poderemos ler com mais facilidade, são as «Observações sobre a Ilha de S. Miguel, recolhidas pela Commissão enviada á mesma Ilha em Agosto de 1825, e regressada em Outubro do mesmo anno, por Luiz da Silva Mouzinho d'Albuquerque, e seu Ajudante Ignacio Pitta de Castro e Menezes:» trabalho este, que muito honra os seus Auctores, maiormente na parte chymica, que fez o principal objecto dos cuidados e das observações destes

distinctos escriptores; porém está despido de certo interesse historico, e, em grande parte, reproduz n'outros termos o que se acha escripto na «Historia Insulana» do Padre Cordeiro. Com difficuldade se encontra o que, muitos annos antes do Sr. Mouzinho escreveu, em poucas palavras, Felix de Valois e Silva, na sua «Descripção das Agoas mineraes das Furnas na Ilha de S. Miguel, offerecida ao Ill.mo e Ex.mo Sr. Martinho de Mello e Castro, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Marinha e Dominios Ultramarinos, e dada a conhecer por este meio ao publico, em cuja utilidade tanto se interessa o zelo d'aquelle Ministro.» Este Opusculo é tão raro, que não o encontrei na Bibliotheca Nacional de Lisboa, nem na

da Academia Real das Sciencias, nem no Deposito das Livrarias dos Conventos extinctos. Foi o nosso Litterato, o Sr. Conselheiro A. J. M. Campilo, (e nosso commum amigo) quem me facilitou da sua livraria este pequeno, mas precioso Opusculo. Afóra estes escriptores, só o Dr. G. Fructuoso escreveu com mais alguma amplitude; porém, achando-se inédito o que elle disse ácerca do Valle das Furnas; e sendo de poucos visto este manuscripto, bem como os apógraphos que existem d'esta Obra, um na Bibliotheca Nacional de Lisboa, e outro em poder do Sr. Morgado João d'Arruda Botelho e Camara, é incontroverso que nas Ilhas dos Açores poucos sabem o que se ha escripto no tocante a este Valle; e em Portugal, mão grado nosso,

quasi que geralmente se ignora que nos Dominios Portuguezes existe esta maravilha, de que a Chymica, as Artes e o Commercio poderão obter grandes utilidades. Com razão disse um benemerito escriptor contemporaneo: «Entre as nações estrangeiras, onde quer que appareça um objecto, que pela sua formosura de natureza ou de arte fixa a attenção do viajante, elle logo encontra um guia, uma descripção que o faça participante dos mais reconditos arcanos do objecto que fere a sua imaginação pela belleza natural, ou a sua admiração pelo artificio dos homens. Todas as Cidades, Villas e sitios mais notaveis têem dado materia a descripções mais ou menos sumptuosas, e exercitando as pennas dos mais habeis escriptores, ficando só ao viajante a difficuldade

da escolha entre obras tão bem trabalhadas. Entre nós existio antigamente este bom uso, que se vai perdendo; André de Rezende, Gaspar Estaço, Duarte Nunes de Leão, entre outros, investigaram as antiguidades da sua patria, que nos deixaram transmittidas.»[1] A maior parte dos estrangeiros que tiem visitado o Valle das Furnas, guiando-se por informações oraes; e sendo rapidas as suas investigações, abundam seus escriptos em dicacidades immerecidas, em frequentes inexactidões, e até em puerilidades; tisnando as suas paginas de ataques, ora aos Michaelenses, ora á Nação Portugueza, com uma filaucia insupportavel.

Compenetrado d'estas verdades, desde o anno

[1] Cintr. Pintor., ou Mem. Desc. da Vill. de Cint. Col.

de 1841 tenho tantas vezes começado, quantas interrompido minhas investigações sobre o Valle das Furnas, assim em obras de nacionaes, e estrangeiros, como nos archivos publicos: averiguei de pessoas antigas d'essa Ilha, de curiosos, e intelligentes; fui talvez impertinente; cheguei com os meus esforços até entestar nas raias do meu possivel; porém, ingenuamente confessarei, que não julgo ter chegado o meu afan áquella perfectibilidade que desejara, nem me vangloria de ter tocado todos os pontos com aquella precisão, e desenvolvimento, que talvez V. Ex.ª espere encontrar ao ler este meu trabalho, que, alem de apoucado e sem a plumagem da eloquencia descriptiva, é feito por pessoa que não nasceu na Ilha, nem permaneceu n'ella largos annos.

Para se escrever uma Memoria Historica sobre o Valle das Furnas, ou fazer-se uma exacta descripção d'este sitio, que um distincto Americano intitula a «Suissa de S. Miguel» é trabalho mais improbo do que parece á primeira intuição. O pouco que ultimamente disse acerca d'este assumpto uma das mais habeis pennas da Sociedade Escolastico-Michaelense, o Sr. José Joaquim de Torres,[1] é uma prova irrecusavel, que vem roborar a nossa asserção.

Eis os meus esforços, o meu possivel, e não o meu optimismo: a verdade, e só a verdade, é o de que curei com mais cuidado; e se ella não basta para que V. Ex.ª e os leitores me relevem as imperfeições, e

[1] Vej. os ultimos N.os do Philologo.

involuntarias faltas, resignado com o meu desgosto, irei buscar algum confôrto ás paginas do «Critico Inglez» aonde se lê: «Se pensais ver uma obra sem defeito, pensais no que nem houve, nem ha, nem haverá. Em qualquer composição attendei o fim do escriptor; porque ninguem deve adiantar-se além do que elle intenta; e se escolheu os meios proprios, e os dirigio com acêrto, merece applauso com desprezo dos defeitos triviaes. Os homens de talento, como os de boa educação, devem ás vezes commetter pequenos erros para evitar os grandes: desprezai as regras que qualquer critico dér sobre palavras; porque não merece louvor conhecer certas bagatellas. A maior parte dos criticos apaixonados por alguma arte accessoria, fazem sempre depender

o todo de uma parte: fallam em principios; mas só pregam noções, e sacrificam tudo a uma loucura valida.»[1]

Tenho a satisfação de ser, com a mais alta consideração,

Ill.mo e Ex.mo Sr. Barão das Larangeiras

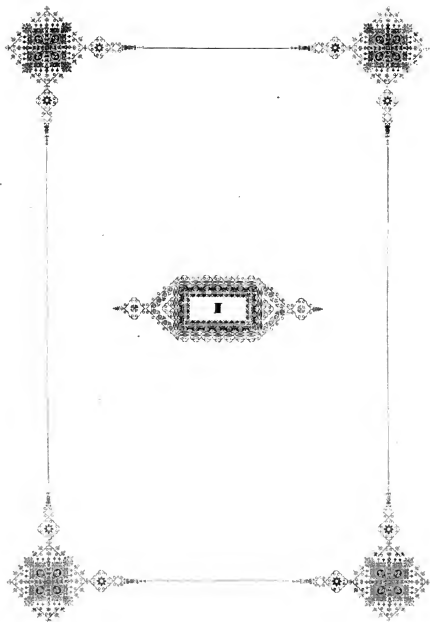
De V. Ex.a
Amigo certo e Obrigado

Lisboa 5 de Junho
de 1845.

Bernardino José de Senna Freitas.

[1] A. Pope. — Ens. sobr. a Crit.

UMA VIAGEM AO VALLE DAS FURNAS

NA

ILHA DE S. MIGUEL

EM JUNHO DE 1840.

HISTORIA — POVOAÇÃO — AGRICULTURA.

Onde em grata desordem pitoresca,
Rochedos em rochedos se encastellam
Sobre arvoredos, arvoredos zimbram
E por entre a verdura, pedras, valles
As aguas cristalinas se devolvem.

P. Munoz.

O PITORESCO e romantico Valle das Furnas, [1] pequena Aldéa assentada no interior da Ilha de S. Miguel, cercada de altissimas rochas no circuito talvez de tres legoas, demora ao N. E. da Cidade de Ponta-Delgada, e contem trezentos e trinta e quatro fogos, e mil trezentos e vinte habitantes. [2]

Destruida a primitiva Villa de = Villa Franca do Campo = [3] quasi em sua totalidade, pela espantosa subversão occorrida na noite de 21 para 22 d'Outubro de 1522, [4] o Capitão Donatario Ruy Gonçalves, e a Camara da dicta Villa, desejosos de que os moradores, que sobreviveram áquella catastrophe, reedificassem a Villa; e reconhecendo a conveniencia de desvial-os da intenção em que estavam de se ausentarem d'ella, mandaram cortar nas florestas da Valle das Furnas grande cópia de cedros, e de outras madeiras, em que abundava o dicto Valle; a fim de serem distribuidas gratuitamente pelas familias pobres d'esta Villa, para construirem novas habitações nas localidades que fossem designadas pela Camara.

O Capitão Donatario fez entregar a cada chefe de familia a porção de madeira que parecesse bastante para uma casinha, e a Camara promoveu uma subscripção. ElRei D. João 3.° louvou ao Donatario e á Camara esta providencia, eminentemente patriotica.

O piissimo Capitão Donatario Ruy Gonçalves da Camara, folgando de que com brevidade se edificasse a nova Igreja Matriz de Villa Franca com a mesma sumptuosidade e solidez com que a Igreja antiga fôra construida, a qual ficára sotoposta na referida subversão, mandou cortar grande quantidade de cedros para o tecto da nova Matriz, e outras madeiras para a mencionada Igreja.[a]

Desbastados, sem discrição, ou quasi destruidos os bosques do Valle das Furnas, annos depois começou o Donatario D. Manoel da Camara a mandar alli semear alguns pinheiros, no anno de 1553; cuja semente levou de Lisboa, quando de ordem d'ElRei D. João 3.° foi inspeccionar as obras das fortificações da Ilha de S. Miguel.

Seu filho, Ruy Gonçalves da Camara, mandou abrir tres caminhos, ou vias de communicação no referido Valle no anno de 1577, para serventia dos Povos da Ponta Garça, Povoação, Villa Franca, e da Maia: estas acanhadas estradas, ou veredas, em razão de serem muito estreitas e compridissimas eram denominadas *riscos:* e assim encontrámos escripto chamarem os Povos *risco de Villa Franca* ao caminho que ía do Valle para a Villa.

Os Donatarios começaram depois a mandar apascentar os seus gados no Valle; outros proprietarios fizeram o mesmo; e dentro em poucos annos seus donos já desciam por divertimento estes fragosos caminhos para visitarem os seus rebanhos, e as suas rezes; os pastores foram construindo aqui e alli algumas cafuas de ramos de arvores.

O ortodoxo D. Manoel da Camara, segundo do nome, e Governador da Ilha de S. Miguel, agradado da solidão do Valle, mandou construir n'este sitio uma pequena casa, e uma Ermidinha da invocação de Nossa Senhora da Consolação, no anno de 1613, tendo ao lado d'esta Ermida outra casinha, para onde foi residir um devoto criado seu, casado, que servia de sachristão, e diariamente accendia a lampada da Ermida. Nos mezes de verão, para desenfado do seu governo, e alguns querem que para se entregar á oração, a esta solitaria vivenda se recolhia.

O primeiro Historiador Açoriano, tractando d'este Donatario, diz que « governando esta terra com muita paz e mansidão, fazendo todas as cousas do governo della com grande saber, prudencia, e bom zelo, de que é dotado; dispondo tudo tão suavemente, que não se sentia o seu jugo ao povo obediente, que se quer reger por razão: e havendo alguns subditos sem ella, quando elle os não podia dobrar nem domar com a sua condição macia, então com aspereza os refreava; pelo que é amado e obedecido dos bons e obedientes, e grandemente temido dos que tem dura cerviz, e são reveis. » [6]

Foram pois estas moradas do Donatario D. Manoel da Camara, as primeiras casas que se edificaram no Valle das Furnas.

Os Eremitas de ha pouco estabelecidos n'aquelle Valle, em um quarto que lhes offerecêra o dicto D. Manoel da Camara, e com permissão sua, construiram no anno de 1615 umas cabanas de taipa na contiguidade da Ermida de Nossa Senhora da Consolação. [7]

Desmoronada esta Ermida, e o Conventinho, (que os Eremitas já alli haviam fundado) em consequencia da pavorosa erupção, que houve no Valle das Furnas no anno de 1630, e ausentando-se os Eremitas para outro ponto mui distante, tornou a ficar despovoado este Valle, que por muito tempo nem os pastores se animavam a penetral-o.

Observando-se porém, que depois d'esta erupção tornára a crescer o matto com mais força, talvez porque a cinza volcanica, e as arvores carbonisadas lhe servira de adubo, reconheceu-se que effectivamente a terra ficára mais fertil. E dando os Padres Jesuitas comêço ás suas roteações, nos terrenos que possuiam n'aquelle Valle, parte por compra feita ao Capitão Donatario, e parte pelo mesmo doados, estabelecendo alli uma residencia, com um Oratorio, ou pequenina Ermida da invocação de Nossa Senhora d'Alegria; seguio o Capitão Donatario este proveitoso exemplo; e assim atrahiram para o referido Valle alguns moradores da Ponta Garça, Povoação, Villa Franca, e muitos mais da Maia, os quaes, antes de levarem suas familias, se alhergaram nas grutas, que haviam feito os Eremitas no tufo [8] da rocha, para passarem horas de oração e penitencia: e dando estes habitantes demonstrações de desejarem estabelecer-se com suas familias no Valle das Furnas, a isto se quizeram oppôr os maiores proprietarios do Lugar da Maia, representando sobre este assumpto a El-Rei. Vindo o negocio a informar á Camara de Villa Franca, ella entendeu que a causal d'esta representação

era o projecto, em que ainda estavam os homens abastados d'aquelle Lugar, de obterem do Throno a graça de ser elevada a *Maia* á cathegoria de Villa, sem embargo de já ter sido indeferida esta pretenção; munindo a Camara seu informe do transumpto da seguinte Carta Regia, que lhe fôra dirigida em 30 d'Abril de 1546.

« Juizes e Officiaes de Villa Franca da Ilha de S. Miguel: Eu El-Rei vos envio muito saudar. Vi a carta que me escrevestes, na qual dizeis, que essa Villa foi a primeira e mais antiga que todas as outras que ora ha nessa Ilha, e tinha por Termo as Aldêas, que agora todas são Villas; pelo que lhe ficou muito pequeno o Termo, que é a Aldêa da Maia, e outras tres Aldêas pequenas; e que algumas vezes os moradores da dita Aldêa da Maia me requereram que fizesse Villa, o tiraram sobre isso instrumentos; e pela informação que do caso tive, Houve por escusado seu requerimento, como vi por uma Carta, que sobre isso escrevi a essa Villa: E ora dizeis que tornam ao mesmo requerimento, e me pedieis quo lhe não concedesse o que Me ácerca disso requeriam, porque seria azo de se a Villa despovoar, allegando para isso muitas cousas, que em vossa Carta apontais: Eu terei lembrança do que.............. [a] pelos moradores do dito Lugar for requerido. == Gaspar Pimentel o fez em Almeirim a 30 d'Abril de 1546. == Bastião da Costa a fez escrever. == Rey. == » [10]

Afracando os Donatarios da Ilha de S. Miguel n'aquella util roteação, e vendendo alguns terrenos dos que alli possuiam, com licença regia (em razão de permanecerem muitos annos na Côrte), mediante reiteradas supplicas d'aquella Colonia, que espontaneamente se tinha estabelecido no Vallo das Furnas, conveio o Donatario com aquelles moradores conserval-os nos mesmos terrenos que haviam agricultado, pagando-lhe annualmente cada alqueire de terra pelo preço de 100 réis. [11]

D'esta benefica resolução do Donatario de certo resultaria o incremento da cultura d'aquelle Valle; não cresceu porém a sua população; vagarosamente foram edificando algumas choupanas.

Vindo o Corregedor da Comarca das Ilhas dos Açôres á Ilha de S. Miguel, no anno de 1642, recommendou á Camara de Villa Franca, que melhorasse os pessimos caminhos do Valle das Furnas, e que promovesse o augmento d'aquella povoação.

Estes caminhos porém, só vieram a ser melhorados no anno de 1682 para

83, devendo-se, em grande parte, estas Obras aos espontaneos donativos offerecidos por um dos distinctos progenitores do Senhor Barão das Larangeiras.

Os Argelinos em 1679 desembarcando á noite de dous *chavecos*, saltaram na praia da Ribeira Quente, e no Portinho do Agrião; contornaram a montanha, e descendo ao raiar d'aurora o Valle das Furnas, roubaram alguns carneiros, e volveram para bordo dos *chavecos*, depois de terem praticado alguns latrocinios na Ribeira Quente.

Os pescadores da Ribeira Quente dando d'isto aviso aos povos da Ponta Garça, e Villa Franca, marcharam com alguma tropa a estes lugares; porém como as antigas estradas, ou, melhor diremos, pessimos carreirinhos, haviam sido obstruidos pelos tremores e cinzeiro do anno de 1630, seguindo a tropa tortuosas veredas, chegou quasi á tarde, hora em que nem no horisonte já viam os *chavecos*.

Indo a Villa Franca, em correição, o Desembargador Luiz Mattoso Soares, assim se expressou no anno de 1682: « Fui informado que o caminho da Gaiteira pera a Ribeira Quente he tão importante, que está provido em muitas correições que se faça o dito caminho, sem the agora se dar cumprimento a elles, e tudo se resume em requerimentos, sem se obrar cousa alguma, e ouvidas as difficuldades e a importancia deste caminho, não sómente necessario pera passagem dos moradores, mas tambem importante pera a defensa desta Ilha, pera se poder acudir á invasão dos inimigos, que poderão fazer por aquella parte, como se tem experimentado haver entrado os Mouros naquelle porto, sem se poder acudir a este damno com a promptidão necessaria, por a falta do dito caminho que vay pera a Povoação; e se me fez queixa, pelo Parocho do Lugar da Ponta Garça, que alguns freguezes morreram sem sacramentos por falta destes caminhos; e por elles Officiaes da Camara, e pessoas da Governança, que se acharam presentes, foi dito: que o dito caminho se poderia fazer com despeza de 20$000 réis pouco mais, com ajuda das Companhias daquelle districto, o qual caminho se devia fazer com mais conveniencia e segurança, por onde se chama a Grota da Amora, até sahir aonde se chama a Lobeira, e o Forno, o qual caminho serão obrigados mandar fazer os Officiaes da Camara. » [12]

O maior proprietario do Agrião construio na frente da sua casa uma muralha acastellada, para defensão d'este ponto, e mesmo para dar signal aos povos convisinhos, no caso de serem aggredidos pelos Corsarios; e pedio ao Governador

da Ilha de S. Miguel, José Pereira Sodré, uma das peças, que em Villa Franca costumava ir para defronte da Casa da Camara, a fim de dar as salvas na passagem das procissões. O Governador annuio, e louvou a supplica; porém a Camara repugnou mandar-lhe entregar a peça, dizendo: «que, possuindo tres, apenas ficava com duas, o que era pouco.» E como esta negativa fosse sustentada com reincidencia acrimoniosa, ordenou o Governador, que as duas peças fossem recolhidas no Castello Real da Villa, e que este salvasse n'esses dias festivos.

Quando em 1707 se reedificaram as fortificações da Ilha de S. Miguel, voltou para Villa Franca esta peça, a fim de ser assestada no Forte de Affonso Vaz, na referida Villa.

Demorando-se na Côrte os Capitães Donatarios, seus Procuradores julgaram que, estando melhorados, e talvez rendosos os terrenos do *Valle das Furnas*, muito solicitos se mostrariam, expulsando dos terrenos os pobres, quanto laboriosos agricultores, descendentes, pela maior parte, d'esses, que transformando a face medonha e sombria do Valle, d'elle fizeram pingues terrenos, enriquecidos com os dons de Ceres e Pomona.

> .... os fructos já maduros pendem
> No ramo com seus pomos encurvados,
> Tudo offerece singular tributo,
> Prado herva, herva flôres, plantas fructo. [13]

Essas tribus, para assim dizer, pelos Procuradores do Donatario foram citadas para immediato despejo. Gritos de angustia, lagrimas, soluços, desespero, vingança...! Eis o quadro que apresentava o *Valle das Furnas* no verão de 1644!

Os habitantes, Colonos do Capitão Donatario, coadjuvados pelos trabalhadores dos Padres Jesuitas, [14] armados de corpulentos páos, e de fouces roçadouras, rodeados de suas lacrimosas familias, aguardavam o momento fatal! Em boa hora chega a Villa Franca o Corregedor, Manoel Figueira Delgado, vindo da Ilha Terceira: as ordens estão passadas, pelo Ouvidor do Donatario, para serem presos alguns d'aquelles infelices mais corajosos: já sahe do Castello Real d'esta Villa um destacamento: o Corregedor faz suspender a ordem; e, demorando-se pouco, toma alguma refeição, e caminha para o *Valle das Furnas*, acompanhado d'algumas auctoridades, e d'alguns cavalheiros da Villa. É uma injustiça, dizia *Bruyere*,

fazer esperar a justiça. Assumando o Corregedor nas avenidas do Valle, pressurosos vieram todos os Furnenses ao seu encontro.

« A justiça, dizia um sabio Jurisconsulto, é a maior necessidade dos povos, seja qual fôr a região em que a Providencia os tenha collocado, e é a maior necessidade dos Governos, seja qual fôr a sua politica organisação. A cadêa, que entre si os póde ligar, é ella. Se alguma outra se vos figurar solida e segura, não tardareis em desenganar-vos, quando virdes que qualquer abalo a quebra, que a aniquila qualquer esforço. » O Corregedor, seguindo estes sãos principios, os escuta com attenção; prodigalisa algumas esmolas ás criancinhas, condoído da sua nudez, e consoladoras esperanças áquellas consternadas familias: interroga a um e a outro; e, volvendo para Villa Franca, com brandura lhes ordenou, a uns, que se recolhessem ás suas habitações, [18] e a outros, que recomeçassem os seus trabalhos agricolos, que haviam abandonado; protegendo d'esta maneira essa classe, digna da maior protecção do Legislador, e que um Rei agricultor chamou *nervos do Estado.* Depois d'elle tambem disse um Poeta nacional:

« Ó vida dos Lavradores,
Se elles conhecessem bem
As vantagens que tem,
Aquelles sanctos suores,
Que sanctamente os mantem. » [19]

E de um Poeta estrangeiro verteu o nosso Bocage:

« Arte annosa, e divina, ah tu, tu foste
Nos tempos de ouro, nos primeiros dias
Sublime emprêgo dos Heroes, dos Sabios!
Ao Latino cultor Catão deu normas;
Ao cultor oriental seus Reis as deram!
Quando a Virtude residia em Roma,
E pobre, e magestosa a Sobriedade
Inda sentia horror ás pompas d'Asia,
Os feixes alliavam-se aos arados,
E cem vezes o Povo achou lavrando
Aquelles que subiram a Dictadores!
Da plaga Boreal Guerreiros torvos
As necessarias Artes desdenharam;

> Quizeram para si boçaes, e altivos
> A frecha, o dardo, o alfange, arroteando
> Seus campos cada qual por mãos dos servos
> ....
> Rompe a verdade em fim por entre as sombras,
> Dos arredados Seculos; seu facho
> Aclara, e reconduz Sciencias, Artes;
> Mas o lavor dos campos na ignorancia,
> Na funesta ignorancia veio envolto
> Por instincto servil aos tempos nossos:
> Arte a mais util se avalia em menos. » [17]

Corre o letigio entre o Capitão Donatario (representado por seus Procuradores) e aquelles Colonos; porém, subindo a causa ao Tribunal da Relação, obtiveram favoravel Sentença, sendo mandados conservar nos predios, considerados como Colonos perpetuos, unicamente com a peosão dos 100 réis, que primordialmente pagavam. [18]

Animosos e satisfeitos, cada um levanta um monumento ao seu triumpho, este planta um renque d'avores, aquelle ergue uma parede, est'outro faz um tapume, aquell'outro edifica uma casinha.

«Com a justiça, dizia um douto Magistrado, tudo prospéra; faltando ella definha tudo. A agricultura, o commercio, a liberdade crescem e fructificam á sua vista: desapparecendo ella, o commercio acaba, a agricultura expira, a liberdade morre.»

Em remota época a principal producção d'este Valle era mel e cêra: os Padres Jesuitas tinham alli um grande colmeal, o qual cada anno lhes dava um quarto, ou meia pipa de mel, e alguns annos pipa inteira, e mais de pipa, e a cêra correspondente; e tanto a cêra como o mel excediam na perfeição ao de qualquer outra parte, por tambem as hervas, as flôres, e as agoas excederem muito a todas d'esta Ilha. [19]

No segundo periodo da sua producção, ou primeiro da sua cultura, produziam algum trigo e legumes, muito inhame, mogangos, e junça. O Corregedor, André Lopes Pinto e Vasconcellos, no anno de 1661 obrigou os Senhorios dos terrenos do Valle das Furnas a plantar, ao menos, meio alqueire de terra de

inhames, ou as dessem aos rendeiros de arrendamento, pelo preço que lhes parecesse.

Actualmente consiste a sua cultura em cereaes, e legumes: as bordas dos terrenos alagadiços abundam em inhames, dos quaes os habitantes se aproveitam, fazendo da raiz um dos seus primeiros alimentos, e nutrindo os seus porcos com as folhas. Essa grande porção de mel, esses colmeaes, do que acima fallámos, já não existem: a não ser o testemunho, talvez irrecusavel, do Padre Cordeiro, não crêra o viajante, que tivesse havido no Valle das Furnas tão copioso numero de abelhas, em comparação das poucas que actualmente se encontram.

« .... de Mantua o Cysne
Excitou-lhe o fervor, cantou costumes
E thesouros da Abelha, os seus trabalhos,
A sua economia, a ordem sua,
Seu amor a seus Reis, civís discordias,
O lucto de Aristeo perdendo o enxame,
Pelos Deoses, e a Mãe restituido
Aos prantos do infeliz; [20] mas dando apenas
Ao Hemisferio nosso o Novo Mundo
Sabor de succo estranho, as canas foram
Antepostas por nós ao doce favo:
Da massa com que engenha os edificios
O insecto sussurrante, inda atégora
Nada o notorio prestimo ha supprido. » [21]

As terras são adubadas com a rama dos tremoços, [22] semeados em Outubro ou Novembro, lançando-se á terra dois alqueires de tremoços em cada um alqueire de terra, ou mais, e nunca para menos: esta quantidade varía, segundo a natureza do terreno. Ordinariamente lavram no fim do mez do Março as terras que destinam para milho, o qual semeam, por via de regra, em Abril, ou principios de Maio, dando-lhe vinte e um dias de accessão, ou commutação. O estrume, que deitam na terra no tempo da semeadura do milho, é formado de hervas, e excremento de animaes; posto em monticulos na terra, depois de passo a passo um rego, e neste um punhado de estrume com tres grãos de milho. Quasi sempre em Novembro lavram as terras para trigo: em Dezembro se lhe dá camalhão, que vem a ser um rego chegado a outro: este camalhão, se é para commutação, tem entre si a distancia de palmo a palmo: se é para semeuteira

de fava, é de dois em dois palmos; se é para milho, é de tres em tres palmos. Em fins de Janeiro, ou em Fevereiro, com a lua cheia é semeado o trigo: para a fava se dispõe os estrumes da maneira que dissemos no tocante ao milho; o qual é semeado no mez de Dezembro; em Abril mondam o trigo; em Maio sacham o milho; em Junho abarbam; em Fevereiro sacham a fava; e em Junho a apanham. O trigo colhe-se em Julho; o milho em Outubro e Novembro. A palha do trigo serve para cobrir as casas da classe pobre; a do milho para sustento annual dos animaes; a rama da fava, e tremoço para aquecer os fornos de cozer pão.

Os instrumentos agrarios de que usam, são: *arado, grade, trilho, sacho,* que melhor chamariamos enchada, a qual tem a lamina larga toda igual, sem cava no centro do corte, mais larga, e menos comprida que as enchadas de que usamos em Lisboa, e com o cabo muito curto; e da *fouce roçadora* com o cabo comprido. Estas fouces, em antigos tempos, tiveram desmarcada medida, o que as tornava armas defezas; porém na Correição do anno de 1705 proveu o Corregedor, Manoel Alvares Pereira, que se lançasse pregão, que nenhuma pessoa trouxesse fouce com mais de cinco palmos de cabo, pena de dois tostões, pagos da prisão. [23]

A lavoura é feita com bois, os quaes geralmente são de marca pequena: os burros, que ha em grande numero, conduzem os estrumes para as terras, em ceirões feitos de um encanastrado de junco. Os carros tem rodas de dois pés de diametro, pouco mais ou menos, consistindo de uma peça de madeira, de fórma circular, cuja circumferencia é orlada de enormes pregos de cabeça conica: estas rodas são fixas a um eixo de madeira, o qual gira em uns encaixes de páo: o leito é formado de uma singela superficie raza de pranchas, apresentando na parte trazeira uma configuração quadrada, e descrevendo na parte dianteira uma insensivel curva, de cujo centro sahe uma simples astea. Para segurar as cargas grossas, usam no leito dos fueiros fincados em buracos; e quando conduzem as novidades, em torno d'estes fueiros costumam adaptar uma armação forte, composta de um encanastrado de verga, á feição de um cesto, sem fundo, nem tampa, que abrange todo o leito do carro, menos a trazeira, que é aberta, para dar ingressso ou sahida aos generos. Os aguilhões, de que usam, tem as varas compridissimas; n'ellas está engastada uma ponta de corno preto, não pequena, e n'olla embebido um espigãosinho de ferro. Antigamente ainda foram maiores, pois encontrámos o provimento de uma correição do anno de 1705, no qual foi defeso, que trouxessem aguilhadas com mais de doze palmos, sob pena de dois tostões, pagos da cadêa. [24]

Sendo a Parochial do Espirito Sancto do Lugar da Maia visitada por

determinação do Bispo d'Angra, D. Antonio Vieira Leitão, no onno de 1706, representaram-lhe n'essa occasião, que havia no Valle das Furnas 74 habitantes, e 22 fogos; que seus moradores, tendo sabido da referida Freguezia, e de outras, se estabeleceram no mencionado Valle, ficando em grande distancia das Parochias de cujas eram, e esquivando-se aos deveres religiosos sob especiosos motivos, quando a verdadeira causal era não terem Freguezia certa, nem Parocho que os exhortasse. Em consequencia d'esta representação expedio o supracitado Bispo uma Ordem, dada na Villa da Ribeira Grande no 1.° de Janeiro de 1707, pela qual annexou os habitantes do Valle das Furnas ao Curato de Nossa Senhora do Rosario da Lomba da Maia, suffraganeo á dicta Parochial do Espirito Santo; attendendo d'este modo á commodidade dos Furnenses; pois esta Igreja era a mais proxima do Valle; ficando porém o Parocho da Maia com o principal *onus curandi*, da mesma sorte que a respeito dos moradores da Lomba, em quanto não tivesse effeito a nova creação, que o Bispo fizera em visita, do Curato d'ella em Vigararia. [25]

Se o viajante inquirir não só no Valle das Furnas, mas aonde lhe parecer provavel encontrar uma resposta segura, sobre a épocha em que os Furnenses ficaram annexos á Vigararia da Maia, só lhe dirão, como nos disseram, a seguinte tradição: « Que certa mulher, fugindo com um cabreiro, com quem ao depois casou, este a conduzio para o Valle das Furnas, indo morar para os sitios de Nossa Senhora d'Alegria, perto do ultimo Pico, ao Norte da Freguezia; e como lhes ficasse muito proxima a Lomba da Maia, começaram a ir alli á Missa, e darem-se em rol com sua familia; ficando desde então annexos á Maia os habitantes das Furnas. » Porém a noticia que exhibimos, baseada em authentico documento, vem destruir esta ridicula tradição, e aclarar um ponto duvidoso da Historia Ecclesiastica da Ilha de S. Miguel; com o qual outro está conjuncto, e parece ser geralmente ignorado. Os Furnenses, antes de haverem abandonado o Valle, na occasião do volcão, que alli houve no anno de 1630, eram Freguezes da-Parochial da Ponta Garça. Tendo então cahido esta Igreja, e havendo os moradores do Valle abandonado as suas choupanas, ficou como destruida esta povoação, e ignora-se hoje que os primeiros habitantes do Valle pertenceram á supramencionada Parochia: os que lhes succederam, procedentes de diversas Freguezias, tomaram, até certo ponto, o caracter de uma Colonia errante. O venerando Bispo, D. Agostinho Ribeiro, querendo chamal-os a uma vida mais christã, encarregou os Eremitas do Valle das Furnas de desobrigal-os na Quaresma, e de convidal-os com exhortações a ouvirem Missa, nos dias de preceito, na Ermida de Nossa Senhora da Consolação, pertencente aos referidos Eremitas. A data mais remota dos livros parochiaes da

Ponta Garça, é do anno de 1647, épocha muito posterior á do estabelecimento dos primevos moradores do Valle das Furnas. Os antigos livros parochiaes, ou ficaram sob as ruinas d'esta Igreja, no anno de 1630, ou a nimia humidade da Ilha, e outras causas os destruiram. Lamentâmos a prejudicial carencia d'aquelles antigos assentos, tão subsidiarios; porém temos a satisfação de dizer, que em nossas investigações encontrâmos um manuscripto inédito, do anno de 1690, o qual, de passagem, dá a noticia de terem pertencido os habitantes das Furnas á Parochial da Ponta Garça.

Sendo os Jesuitas expulsos da Ilha de S. Miguel, no anno de 1760, e reconhecendo a respectiva Auctoridade Ecclesiastica os inconvenientes da descontinuação da Missa, que quotidianamente se dizia na Ermida de Nossa Senhora d'Alegria, edificada pelos dictos Padres no Valle das Furnas, foi então estabelecido um Curato n'aquella Ermida. Achando-se porém mui damnificada, passou-se o Sacramento, a Imagem, Calix, e paramentos para outra Ermida, da invocação de *Senhora Sanct'Anna*, edificada pelo Padre Cosme de Pimentel, no anno de 1745 (segundo a melhor tradição): crescendo a população, augmentou-se esta Ermida, fazendo-se uma muito mais espaçosa Igreja no anno de 1792, e estabelecendo-se n'ella a Parochial do Valle das Furnas. O altar mór, singelo e pobre como está, foi mandado fazer pela Rainha D. Maria 1.ª: os executores das régias ordens pouco interesse tomaram n'esta obra: o viajante não acreditará que isto fosse esmola d'uma Rainha Magnanima e Piedosa. Esta acanhada Parochia foi feita com esmolas dos fieis, sendo o Capitão Donatario, e os maiores proprietarios d'aquelle Valle os que concorreram com mais quantiosos donativos, porque os Furnenses, pela maior parte, apenas puderam offerecer seus trabalhos pessoaes, e outros pequenos auxilios; sua pobreza era tal, que alguns andavam quasi nus. [26]

Edificaram esta Igreja no mesmo sitio em que os Eremitas fundaram o seu Conventinho, que a erupção de 1630 desmoronou completamente. Vestigios se encontram d'esse Eremiterio; algumas das grutas, a que os Eremitas se recolhiam, ainda se vêem abertas na rocha, que fica por detraz da referida Igreja, e ao Poente d'ella. No anno de 1843, fazendo-se uma escavação ao Norte e Occidente d'esta Igreja, foram encontrados alguns objectos pertencentes á cosinha do Conventinho. [27]

Sem embargo dos Furnenses terem edificado a sua nova Parochia, ainda muitos annos depois o Provimento, que se passava ao Parocho das Furnas, era de Cura de Nossa Senhora d'Alegria, até que esta Ermida foi interdicta no anno

de 1811, pelo Bispo D. José Pegado: actualmente nem vestigios d'ella se encontram: no seu local está um serrado de terra, aonde se cultivam cereaes. O Cura percebia de congrua tres moios e trinta e oito alqueires de trigo, parto na propria especie, e parte conforme a liquidação, e em dinheiro seis mil e quatro centos réis, tudo pago pela Fazenda Publica; sendo auctorisada a congrua pela Provisão de 22 de Dezembro de 1826; e depois da Reforma Ecclesiastica começou a vencer a congrua de duzentos e cincoenta mil réis, na conformidade do Decreto N.° 25, de 17 de Maio de 1832, Tit. 5.°, Art. 5.°

A Parochial de *Sanct'Anna* do Valle das Furnas é suffraganea á Ouvidoria e Priorado de Nossa Senhora da Estrella da Villa da Ribeira Grande. Notámos nos povos do Valle das Furnas os maiores desejos de estarem annexos ao Priorado de Villa Franca.

No anno de 1840 houveram n'esta Parochia noventa nascimentos, sendo masculinos quarenta e nove, femininos quarenta e um; obitos trinta e quatro, do sexo masculino quatorze, do feminino vinte; e treze cazamentos. [28]

Os Furnenses trajam da mesma maneira que os seus comarcãos; porém no tocante ás *carapuças* (que um viajante denomina *bicorneo-chapéo*), usam não só das que exhibimos na *vinheta do rosto da presente Obra*, mas de outras, com a pala mais estreita, boleada, e sem bicos lateraes. N'estas *carapuças*, que são de panno azul, e poucas de estamanha, diversificam alguns dos povos da Ilha de S. Miguel. Os do Valle das Furnas conservam n'esta variedade uma especie de classificação etnografica, que de algum modo nos indica os Lugares d'onde sahiram os primeiros povoadores do Valle. [29]

De todas as observações que fizemos sobre estes habitantes, o quo nos causou maior admiração foi o seu amor patrio: não ha exemplo (quo nós saibamos) d'algum Furnense que emigrasse para o Brazil, quanto é certo que centenares de moradores das povoações limitrophes hão emigrado n'estes ultimos annos. Essa tal ou qual independencia, em que vivem os Furnenses, independencia, cuja origem é devida á Regia Resolução que lhes arbitrou o tenuo fôro, ou renda nominal de 100 réis de cada alqueire de terra, não é sufficiente para terem resistido aos embustes, e ás ardilosas diligencias dos especuladores de escravatura branca.

Os Furnenses (tomando a parte maior pelo todo) tem mais de pobres, que de ricos. Elles são tractaveis, e laboriosos; porém nimiamente demandistas,

ladinos, e avaros. Um illustrado, e benemerito Michaelense, conversando comnosco relativamente ao Valle das Furnas, disse-nos: «Os Furnenses tudo pedem aos de fóra, mas não dão uma folha de salça, que tenham no combro do seu quintal, que não seja por dinheiro.»

Ha quarenta, ou cincoenta annos, o povo do Valle das Furnas era o mais indiligente, e preguiçoso da Ilha: as mulheres cavavam as terras, e sachavam o milho; e os homens estavam em casa, as mais das vezes deitados. N'estes ultimos trinta annos elles se hão feito activos, serviçaes, e laboriosos; sendo devida esta mudança á affluencia de pessoas, que de todos os pontos da Ilha concorrem ao Valle para fazer uso das aguas medicinaes, ou para se divertir; e bem assim ás grandes quantias que alli deixam, as quaes ficam repartidas por todos os Furnenses, e talvez não haja um só que deixe de ser quinhoeiro. Em um d'estes ultimos annos estimaram-se essas quantias em mais de quatro contos de réis; e nos annos de menos concurrencia não ficam menos de tres contos. Estas grandes sommas são despendidas nos seguintes objectos: allugueis de casas, e de camas; lavagens, e engommados; lenha, e carvão; serviços domesticos, e de fóra; galinhas, coelhos, patos, marrecos, cabritos, leitões, carne de vaca, e de vitella, erozes da ribeira, pão de trigo, e de milho, leite, manteiga de vaca, e de porco, toucinho, queijos de vaca, e de cabra, óvos, couves, agriões, nabos (das roças do mato), feijão verde, ervilha verde, inhames, batatas, milho, morangos silvestres; (artigo este, que parecendo insignificante, produz um lucro talvez para mais de 200$ réis, ganhos por meninos de 6, 8, e 10 annos de idade!!): alugueis de burros para a ida e vinda dos banhos, para passageiros, e transportes na retirada; gratificações aos homens que apromptãm os banhos; compra de vinho (que lhes vem de fóra); esmolas a velhos, e a rapazes, que não se descuidam de pedir; paga a çapateiros, e a portadores de cartas, e de recados; comida de bestas, verde e secca, etc.

A producção do Valle das Furnas nos ultimos tres annos, de 1842 a 1844 inclusivè, foi a seguinte:

TRIGO — Em 1842 a 43 produzio de 24 a 28 moios; em 1844 de 28 a 32 moios. Não chega para o consumo, e compram dos lugares do Norte para seu proprio gasto. O terreno, por sua qualidade inferior, e o local soffrendo frequentes nevoeiros, concorrem para a pouca producção do trigo, e sua má qualidade.

MILHO — Em 1842 e 43 produzio 250 moios; em 1844, 255 moios. Dá para o consumo, em razão da muita batata, e inhame de que usam: e postoque

alguns moradores da Ribeira Quente alli vão cultivar algumas terras, que tomam de arrendamento, e levam comsigo o milho que ellas produzem; todavia dos lugares do Norte tambem importam algum milho.

FAVA — Em 1842 e 43 produzio 2 moios; e em 1844, 3 moios.

FEIJÃO — Produzio, em cada um dos referidos annos, 3 moios.

BATATAS — Em cada um d'estes annos, 400 moios. Cumpre-nos notar, que esta producção, pela maior parte, não é do Valle das Furnas, mas dos matos circumvisinhos, onde fazem grandes roças, que não só cultivam de batatas, que vem mais tarde, como tambem de linho, como logo diremos.

TREMOÇOS — De 90 a 100 moios por anno. Sobeja do consumo, e permutam com os habitantes da Maia por cebolas; os quaes levam os tremoços para alimento dos porcos, e nunca para semear, porque o tremoço das terras do Valle das Furnas não produz em alguma outra parte. Afóra a porção que os Furnenses escâimbam por cebolas, vendem outras muitas para differentes pontos da Ilha, e para o mesmo fim de nutrir os porcos, dando-se-lhes curtido; e, segundo nos asseverou um Michaelense intelligente, é dos melhores alimentos que n'aquella Ilha se póde dar aos porcos, mas em pouca porção; e alguns dias depois de curtido, quando se acha como podre, accrescentam-lhes a ração: antes de estar n'este estado, se comem em demasia, causa-lhes a morte.

INHAMES — De 40 a 50 moios por anno. O que lhe sobra do consumo exportam. O melhor para se comer é o que se cria nos terrenos seccos; mas são mais abundantes nos apaulados.

LINHO — Nos annos de 1842 e 43 a 80 quintaes por anno; e em 1844 90 quintaes. Alguns annos tem produzido 100 quintaes. Reléva dizer, que todo este linho é produzido fóra do Valle em roças, que fazem nos matos visinhos, e nomeadamente nos matos chamados *Achadas das Furnas*. Os Furnenses não consumem todo este linho: uma grande parte é exportada. Esta cultura da linho nos matos data de 12 annos, pouco mais ou menos, segundo nos asseveraram; até então nas terras do Valle é que se cultivava, mas em menos porção: calcula-se a linhaça que semeam nos matos em 20 moios.

No Valla das Furnas ha algumas larangeiras, que produzem poucos, e

máos fructos, pela frieza e humidade do lugar: algumas maceiras, e pereiros, que tambem produzem pouco, pela guerra que ás suas flores fazem os passaros *priolos*: pecegueiros, ha-os em mais abundancia, produzindo medianamente em alguns annos, e em outros nada. São raros os pés de vinha que alli ha, e esses pouco produzem, em consequencia das frequentes nevoas.

O Conde da Ribeira possue no Valle das Furnas 26 moios de terra, com a natureza de Colonia, de que lhe pagam 100 réis de cada um alqueire. André Manoel Alvares Cabral 13 moios, com o mesmo rendimento. Luiz Bernardo Estrella 2 e meio moios, parte a 100 réis o alqueire, e parte por diversos preços. Os herdeiros do Brigadeiro Francisco Jeronymo Pacheco de Castro 19 moios de terra, e matas, que foram dos Padres da Companhia; e sobre estes terrenos tem havido longos litigios com os Furnenses, que os querem tornar Colonia, para os pagarem a 100 réis o alqueire. O Barão das Laranjeiras tem alli 4 moios, a 100 réis o alqueire. Varios do Valle 3 moios, de fôro, á razão de 500 réis; outros 2 moios, sem pensão alguma; vindo a prefazer estas addições em 69 e meio moios, igual a 70 moios de terra, que é a totalidade do terreno que se acha cultivado na bacia do Valle das Furnas. Estas terras são pouco productivas, por serem compostas, na maior parte, de cinzas dos volcões que alli tem havido; todavia a sua producção é hoje muito melhor do que foi ha quarenta, ou cincoenta annos. Fóra do Valle ha uma porção de terrenos cultivados, a que chamam a *Lagoa Secca*, para a differençarem da lagoa a que chamam *Lagoa d'Agua;* aquella está ao S.O. do Valle.

Ha no Valle das Furnas para mais de 600 vacas, e só vacas; pois que não criam os vitellos além do tempo em que são amamentados; vendem-nos para fóra, ou para consumo no mesmo Valle. A razão d'isto é porque os bois não se criam bem nos matos, que é onde a maior parte do tempo se mantêem as vacas d'aquelle lugar. D'estas vacas tiram a maior utilidade; além da do leite, manteiga, e queijos, que tudo vendem para fóra, ellas carregam os seus generos, e lavram as terras, como já dissemos. [30] As pessoas que no Valle possuem vacas serão 60; algumas tem 16, e estes são os lavradores mais abastados, e d'aqui na razão descrescente até os ha possuindo 3 vaquinhas. Ovelhas são poucas, chegarão de 250 a 300. Cabras de 450 a 500. Criam muitos porcos, que sustentam com batatas, tremoços curtidos, (os quaes são cozidos nas *caldeiras*), e rama, ou folha de inhame; e por fim acabam de ceval-os com pouco milho.

Alli ha abundancia de burrinhos, e muitos tão corpulentos como os de

Hespanha; porém em geral são fracos, e desferrados: elles ganham muito para seus donos nos quatro mezes de Junho a Setembro, epocha em que se faz uso dos banhos. As melhores casas, e as que mais procuram habitar as pessoas que alli vão, não ficam perto dos banhos; e por este motivo quasi todos vão a elles a cavallo, os doentes por necessidade, e os sadios por commodidade. Ainda ha poucos annos iam todos a pé, e dizia-se então, que o passeio concorria para a profiquidade dos banhos. Ha burrinho, que de manhã faz dez caminhos, isto é, acarreta quatro e cinco pessoas para o banho, e do banho para casa, recolhendo-se com um lucro diario de 400 réis. As pessoas que vão ao Valle das Furnas fazem excursões em burrinhos á Villa da Povoação, á Ribeira Quente, ao Pico da Vara (que é o mais alto da Ilha, e distante do Valle tres leguas, pouco mais ou menos), á Achada das Furnas (a fim de vêr os linhos, e aquella grande planicie de matos), ao Pico da Vigia (que fica sobre a Ribeira Quente), á Lagoa (aonde levam lanchas para bordejarem n'aquelle tranquillo mar), ás matas d'Alegria, á cascata da Briosa, (que fica proxima d'este ultimo sitio), á outra cascata das Camarinhas; o em fim a muitos outros lugares, que omittimos para não sermos diffusos. Ter no Valle das Furnas um burro para alugar, é pingue negocio. Ainda diremos, que alli ha galinhas em abundancia, patos, e marrecos, que em grande cópia se encontram nas muitas ribeiras, e regatos que serpentêam no Valle.

Igreja Parochial do Valle das Furnas e Sitios adjacentes

NOTAS AO CAPITULO I.

1

Furnas chamam n'esta Ilha a uma vasta e profunda concavidado, que no meio de seu comprimento faz a terra em figura ovada, com circuito da mais de duas leguas, e uma de comprimento, o meia legoa de largo vão, em cima entre as rochas, e outra quasi meia legoa de largura em o profundo Valle, mas tão profundo, que a quem a elle chega, e quer olhar para o Ceo, d'este lhe parece não vê já senão uma carreira de cavallo mui comprida, por terem do altura as rochas d'uma a outra banda mais da meia legoa a prumo. Hist. Ins. L. 5.° Cap. 8.° §. 51.

2

Referimo-nos ao Mappa Statistico do Concelho da Villa da Povoação, pertencente ao anno de 1840, e enviado ao Governador Civil em 23 de Maio do 1842. (Archivo da Secretaria do Governo Civil da Ilha de S. Miguel.) O Sr. Capitão d'Engenheiros, Caetano Alberto Maia, no seu Mappa Statistico d'este Districto, pertencente ao anno de 1839, dá ao Lugar das Furnas 327 fogos, e 1:307 almas.

3

Nos Diplomas mais antigos d'esta Villa é denominada = Villa de Villa Franca do Campo.

4

Em nosso *Prospecto* promettemos, que sob o Apendice 2.° apresentariamos a *Noticia d'esta subversão*; e sob o 3.° o *Epitome da epocha mais notavel do Ilheo de Villa Franca*; porém tendo-nos escripto alguns cavalheiros da Ilha de S. Miguel, aconselhando-nos, o pedindo, que escrevessemos uma *Memoria* especial sobre todos os assumptos concernentes áquella Villa, eliminámos d'este Opusculo os dois referidos Apendices: e aqui apenas diremos, em duas palavras, que esta subversão occorreu na noite de 21 para 22 de Outubro de 1522, tremendo a terra de tal modo, que derrocava todos os edificios; e despegando uma montanha, que estava ao N., onde hoje se acha a Ermida de Nossa Senhora da Paz, correu sobre a Villa, e a cobrio até ao mar; ficando sepultadas centenares de pessoas, escapando da Villa apenas 70, o as que estavam nos arrabaldes, o quintas. Circumstanciadamente relataremos este evento, quando publicarmos a Memoria sobre Villa Franca do Campo, se os nossos amigos continuarem a coadjuvar-nos com as suas assignaturas.

5

Cabe aqui dizer, que este rico tecto fôra desprezado em 1631, epocha esta, em que a actual Igreja Matriz de S. Miguel de Villa Franca recebeu uma grande reedificação, em consequencia de ter ficado em partes arruinada pelas tremores do anno de 1630. Então altearam o tecto mais seis palmos.

6

Fructuoso — Cap. 96, §. 21 — Manuscripto inédito, Bibliotheca Publica de Lisboa, Mss. B — 3 — 31.

7

No capitulo em qua tractarmos d'estes Eremitas, daromos d'elles mais amplas noticias.

8

O tufo é uma especie de terra branca, e secca; e é tambem uma pedra esbranqueada, a esponjosa.

9

No Codica estão comidas da traça as palavras que omittimos.

10

Fragmento do Livro do Tombo antigo da Camara de Villa Franca do Campo, fol. 65.

11

Um alqueire de terra corresponde a 288 braças quadradas.

12

Livro da Correição do anno de 1682, fol. 10 v.

13

G. P. Castro.

Na pagina 8, linha 13, deve lêr-se: *expulsando d'elles;* — e na linha 15, *pingues territorios.*

14

Da leitura de uns Autos antigos, que nos chegaram ás mãos, colhamos a curiosa noticia de que os vinhateiros, caseiros, e trabalhadores effectivos dos Padres Jesuitas usavam pendente do peito uma como medalha, com a effigie de Sancto Ignacio da Loiola. Este distinctivo motivou algumas richas.

15

O Governador da Ilha de S. Miguel, Francisco Luiz de Vasconcellos, relatou estes factos pormenor, em uma Carta dirigida a El-Rei.

Na pagina 9, linha 8, deve lêr-se: *escuta os Furnenses.*

16

Sá e Miranda — Ep. ao Sr. de Basto.

17

A Agricultura — Poema de Rosset, Canto 1.°

18

Livro do Tombo antigo da Camara de Villa Franca, fol. 198.

19

Hist. Ins. Liv. 5.° Cap. 8.° §. 61.

20

Vej. o Liv. 4.° das Geog. de Virg.

21

Rosset — A Agric. Poem. Cant. 4.°

22

Começou este uso na Ilha de S. Miguel no anno de 1550, vindo os primeiros tremoços de Tolosa, encommendados pelo Donatario e Governador da Ilha, D. Rodrigo, 3.° do nome; e a primeira experiencia foi feita por Barão Fernandes, que então morava na Grota do João Bom.

23

Livro da Correição do anno de 1682, fol. 10 v.

24

Ibidem.

25

Livro das Visitas d'esta Parochia.

26

Chorographia Insulana, Cap. 5.º fol. 13. Manuscripto inédito da Bibliotheca Publica de Lisboa, B — 3 — 37.

27

A esta Parochia doou Francisco José Gomes, e sua mulher D. Maria Roza umas terras, que, segundo consta de assentos, renderam 39$000 réis no anno de 1830: estes rendimentos eram administrados pela Mesa da Confraria. Áfóra estes rendimentos, havia o de 60$000 réis de umas terras doadas ao Santissimo; cuja administração estava a cargo da respectiva Confraria.

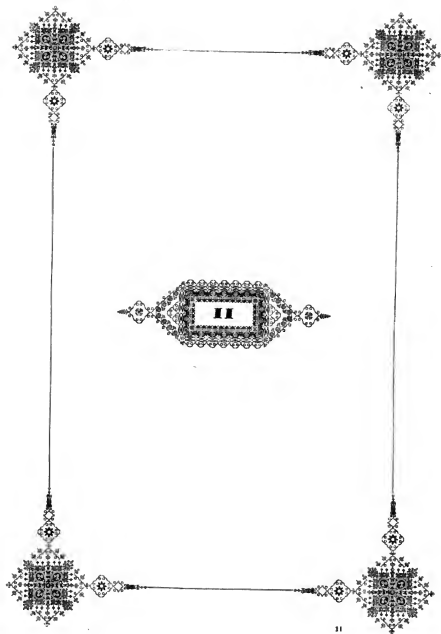
28

Mappa Statistico do Concelho da Povoação, já citado.

29

Tencionando publicarmos uma *Memoria* sobre os usos, costumes, linguagem, etnografia, e trovas mais populares nos campos, reservámos para esse logar uma minuciosa descripção d'essas carapuças.

30

Na pagina 12, linha 17, aonde se lê = A lavoura é feita com bois, os quaes, etc. = deve lêr-se = A lavoura é feita com vacas, as quaes, etc. — Uma precipitada, e alheia revisão deu logar a este *qui pro quo*.

Principal Caldeira das Furnas.

DESCRIPÇÃO DO VALLE DAS FURNAS.
ANALYSE DAS SUAS AGUAS MEDICINAES.

> «Contando estas cousas brevemente, pois são mais pera vêr com entendidos olhos, e longas considerações, que pera dizer, nem contar com compridas praticas nem multiplicadas palavras.»
>
> Dr. G. Fructuoso.

QUE variadas, e ricas scenas se offerecem no Valle das Furnas ao homem contemplativo! Perspectiva encantadora e maravilhosa, onde em admiravel contraste se exhibe o assombroso ao lado do aprazivel! Alli se vêem variegadas encostas, ferteis cómoros, e tractos cobertos de lucrosas producções. Além se elevam cónicos montes, escalvada e immensa serrania, volcanicas ondulações. Aqui se descobrem jardins, bosques, prados, gados pascendo, e se ouvem os alados solfistas:

«A tutinegra, em vario som trinando,
Entre todas, a musica sublima,
Com pausas, e eccos graves modulando,
Da musica levando a gloria prima,
Redobres os canarios ensinando,
E um contraponto, em mal limada rhyma.» [1]

Multiformes penedias em desordem se encontram, monumentos do antigo volcão: * perto e longe se avistam alvejando altas casas de ricos proprietarios; o apparecendo entre estas muitas outras toscas moradas dos laboriosos agricultores d'este Valle; embellesando os esforços da arte o aspecto agreste, e ao mesmo tempo aprazivel, d'este sitio.

Abundantes fontes, prodigiosas e differentes; mana aqui agua azeda, trazendo um sedimento saponaceo e adhesivo; o juntando-se todas as correntes, que são tributarias, vão fazer juncção mais adiante, tomando a denominação de *Ribeira Quente*.

Absorve nossas attenções a pavorosa caldeira grande, medonho laboratorio da natureza; revestida interiormente do uma substancia petrificada o branca, da feição do gesso, o que tudo parece devido á acção perenne do calôr interno, e dos vapôres sulphuricos, que operam na pedra pomes, e no barro volcanico. Sua circumferencia terá talvez para mais de nove pés; da profundidade do chão, e do seu centro se eleva por entre fragmentos de rocha, gorgulhando com estrepito assustador, um cachão d'agua fervente, erguendo-se esta columna opalina a uma altura para mais do tres pés, fumegando constantemento, o com um calorico espantoso.

Lançando-se dentro d'esta *caldeira* qualquer animal, em pouco o consumirá totalmento, não deixando d'elle outros vestigios mais que os ossos. Quando se olha para ella attentamente, em opposição ao sol, a columna d'agua se vê adornada de côres prismaticas; e, como dizia um escriptor, a não ser o calôr intenso, e a esteril e medonha scena, quo a cerca, seria um espectaculo mais proprio para excitar uma admiração generosa, do que um cobarde terror.

Quando o Sr. Mousinho analysou estas aguas, mandou pôr perto d'esta *caldeira* um marco com o n.º II (ou 2).

Cerca d'aquella caldeira se vê uma profunda cova, em fórma circular, exhalando perenne fumo; e em seu fundo ferve com vehemencia a agua lodosa, sem que porém transponha as paredes da cratera, salta, cahe, e recahe fervendo sobre si mesma. Esta *furna* é a mais moderna do Valle; ella appareceu no anno do 1840 para 41.

Anteriormente já era visivel a cavidade, tendo talvez de diametro uma

hraça. Não se via ferver a agua, mas sentia-se quo profundamente estava em continua e sussurrante ebulição, como se fôra sob uma abobada.

Ouvindo-se um dia uma grande e violenta explosão, que atroou todo o Valle, e indo os habitantes investigar aquelle lugar, depararam com esta nova caldeira, cujas grossas camadas terreas, ou crusta, que anteriormente cobria a recem-apparecida Furna, impellida pela força do vapôr, que estava reconcentrado, foi-se pelos ares, levando a remota distancia os seus residuos, e deixando uma grande bocca.

Outra caldeira, menor que a primeira, e maior que a segunda, se offerece á nossa observação na proximidade d'aquella, e com pouca differença de calôr: encontram-se n'ella cristalisações, e abundancia de enxofre; sua torrente se encaminha á casa dos banhos.

Outras pequenas caldeiras, ou pocinhas, borbulhando agua quente, umas perto de outras, innúmeros espiraculos, ou crivos na superficie da terra, expellindo polme, e vapôr, reabsorvem a sua mesma agua, ou espargem algumas gôtas, que mansa, e sinuosamente correm pelo terreno.

Em distancia, talvez de trinta passos da caldeira grande, uma outra attrahe a nossa admiração. Esta caldeira está em posição cavernosa; em remotos tempos era denominada *caldeira do polme*, e hoje (ignorâmos a origem) caldeira de *Pedra Botelho:* com impetuosidade estrondosa, que atemorisa as pessoas que a observam, se eleva acima do seu nivel uma columna d'agua lodosa, ou especie de lava, muito quente, com espesso fumo envolto n'aquelle polme, tornando difficil vêr-se a sua horrisona bocca, ou cratera: esta especie de lava, que aquella Furna expelle, segundo alguns viajantes, é similhante á do Vesuvio.

Pedras lançadas n'esta caldeira fazem augmentar o estrondo á proporção da sua grandeza; e agua fria excita alli tal effervescencia e rugido, que se torna horrifico para se ouvir, e vêr. Quando se faz esta experiencia, ou durante as grandes chuvas, a lava ferve impetuosamente, e levanta um cachão, que tem a côr, e consistencia do chumbo fervente.

É opinião unanime entre os Furnenses (e nós tivemos occasião de observar, ainda que rapidamente), que o estado da atmosfera influe na cratera, e manifesta evidentemente as suas mudanças, tornando-se um exacto barometro para os

habitaotes. Quando o tempo promette chuva, ou vento, a sua bulha cresce desde o fragor das vagas até o rugido do furacão; e quando o tempo melhora, se assemelha ao murmurio das ondas, que se quebram na praia.

A superficie do todos estes terrenos immediatos, ou mediatos a estas Furnas, estão disseminados de orificios, expellindo ora fumo, ora uma materia lodosa de côr parda tirante a esverdinhada: esta superficie encrustada é morna; porém, profundando-se, é quentissima. Algumas d'estas covinhas volcanicas se fecham, ou dilatam a sua pequena cratera de tempos a tempos: tem-se observado, quo de annos a annos se abrem outras novas, que depois se fecham, surdindo outra mais adiaote. Quando regressâmos d'esses lugares, voltamos impregnados do gaz sulphuroso hydrogenico. Alguns d'estes terrenos maoifestam pontos, já da côr de laranja, já vermelha, ou verde, talvez em razão do ferro, ou enxofre, em que abundam: nos terrenos mais contiguos ás caldeiras se encontram em quantidade pedaços cristalisados de enxofre, e de assetinada pedra-hume.

Um illustre viajante, fazendo suas reflexões sobre as idéas, que naturalmeote tumultuarão nos que á primeira intuição observarem este espectaculo, assim se expressa: « Considere-se qualquer em uma posição pouco segura; imagine-se mesmo que é possivel o poder ceder a códea do terreno que se piza; o que a força subterranea, que existe recondita, póde chegar a desenvolver-so; pois que o chão sente-se tremer; e um rumor subterraneo se deixa ouvir, semelhante ao d'um graode engenho, cujas machinas trabalham com uma ioalteravel regularidade em seus movimentos, fazendo um ruido surdo, como se estivesse em grande distancia; o que nos faz coovencer de que a ebulição, ou agitação, que se sente na superficie, é unicamente o resultado d'este contiouo ruido subterraneo, e que a causa efficiente, que opéra na profundidade, poderia, a não serem os respiradouros, que alli se encontram em diversos pontos, fazer voar toda aquella superficie juntamente com quem estivesso em cima. »

Os banhos sulphuricos são fornecidos pela agua ferveote da caldeira grande, cujo calorico excessivo é de mister arrefecel-o. Para este fim ha um vehiculo em direitura da caldeira, que eocaminha esta agua fervente; a fria é da mesma caldeira, que se demora em reservatorios, ou tanques espaçosos, mas de pouca profundidade, para que possa arrefecer de um para outro dia; e d'este modo obter-se aquella temperatura que fôr mais agradavel ao corpo.

No anno de 1792 publicou *Felix de Valois e Silva* um desenho, com o

Est. I

Escalla de pes

Mappa das Calderas das Furnas na Ilha de S. Miguel.

Facsimile do anno de 1752.

Lith. da Imp. N.

titulo de *Mappa das Furnas*, que offereceu ao Ministro d'Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar, Martinho de Mello e Castro. E postoque esta gravura, impressa em 1792, seja nimiamente ordinaria, desejosos de reunir e publicar n'este nosso trabalho todas as dispersas noticias concernentes a este assumpto, fizemos tirar um *Fac-simile*, que offerecemos n'este Opusculo aos curiosos, com a seguinte explicação.

A — Caldeira grande de agua fervente de enxofre.
B — Caldeira pequena dicta.
C — Furna, ou caldeira do polme, ou de Pedro Botelho.
D — Casa de banho de D. Maria Magdalena.
E — Caldeirinha com deposito vermelho.
F — Caldeirinha com dicto preto.
G — Dicta d'agua e todo leitoso.
H — Dicta d'enxofre, e antimonio fervente.
I — Sitios da flôr do enxofre, e pedra calsinada.
L — Sitio do vermelhão, ou rouxo-terra.
M — Marcos de pedra com os numeros das caldeiras.
N — Conductos para esfriar as aguas que vão ao banho.
O — Lugar por onde entram as aguas para a casa do banho.
P — Dicto por onde sahem as mesmas.
Q — Nascimentos d'aguas ferreas em differentes sitios.
R — Entrada para as Furnas.
S — Ajuntamento de todas as aguas que vão á Ribeira Quente.
T — Montanha e terras lavradias.

Retomando porém o nosso fio, ainda diremos, que adiante d'aquellas Furnas se encontram aguas frias, contendo acido muriatico, sulphurico, e carbonico, com ferro, alumen, e magnesia: outras com sabor acido, salino, e amargoso; outras quentes, e ferruginosas. Uma d'estas vertentes, ou fonte, denominada d'*Agua azeda*, sahe mansamente d'uma bica de pedra, e se derrama em uma bacia, ou receptaculo concavo, igualmente de pedra, e d'aqui, precipitando-se em fio pelos labios da bacia, fórma um pequeno regato no chão.

Oh! espectaculo admiravel e encantador! Eis alli o bello horroroso! Oh! Valle! Alguem já te chamou a *Arcadia dos Açôres!* [5] Que venha agora o vaidoso atheo a estes lugares, o sceptico presumido mofar d'estes prodigios, d'estes arcanos da Providencia d'um Deos infinitamente bom!

Principio, e fim de tudo, em cujo aspecto
Um momento, um momento só d'enfado
Sobra a punir mil seculos de culpa. [4]

«O seu poder, dizia um sabio contemporaneo, está impresso com caracteres indeleveis em todas as suas obras. Admira-se no mais soberbo leão, como no mais humilde insecto: na indomita furia do vento, que revolve o seio dos mares, como no sôpro ligeiro, que agita as tenras ervinhas dos campos; mas os atheos serram os ouvidos á voz interior, que é a propria voz de Deos, e o espectaculo do Universo parece ser mudo para elles.»

Se alongarmos a vista para O.N.O. d'este Valle, em distancia talvez de meia legua, encontraremos uma espaçosa lagoa, com pouco menos de tres quartos de legua de circumferencia, e 6,3 braças na maior profundidade. Em antigos tempos lançaram alli grande quantidade de peixes, da especie que havia nas quintas particulares, os quaes reproduziram consideravelmente.

Um auctor, escrevendo no anno de 1791 ácerca d'esta lagoa, diz que: «Com justa razão se conjectura, que ella fornece ás caldeiras das Furnas a sua agua, e as preserva de não se tornarem em volcanos, do que assim resultaria inflammarem-se aquelles combustivos, caso não tivessem agua superabundante, e em proporção bastante para contrabalançar a força da inflammação dos mineraes, que alli ardem.»

Esta profusão immensa de variadas paisagens offerece scenas arrebatadoras: o pintor encontrará aqui protótypos para debuxar seus quadros; o philosopho immensos productos naturaes para investigações scientificas; o poeta inexgotavel manancial de inspirações, algumas tão magestosas como essas elevadissimas serras, terriveis como essas horrificas Furnas, graciosas como os prados, os jardins, os bosques, e as cristalinas aguas; em fim, o moralista, e o politico observarão a industria, os usos, costumes, e ao mesmo tempo a indigencia de um povo, que é sobrio, e activo.

«As maravilhosas operações da Providencia (dizia um viajante) n'estes logares, acompanhadas de tão extraordinarias circumstancias, são de um bello effeito no caracter dos habitantes, tornando-os moraes e religiosos, e por conseguinte sobrios e industriosos membros da vida social. Com effeito, este Valle é uma prova d'esta bella disposição de espirito.... Este povo isolado, goza de toda a

liberdade da natureza. Parece que a Providencia, por um principio de equidade, quiz fazer particulares compensações no habitante d'estes lugares, aterrado tantas vezes por assustadores phenomenos, e na presença da acção de perpetuos fogos. » [8]

Um antigo escriptor açoriano, tractando d'este Valle, assim se expressa: « Para a parte do poente, é verdadeiramente um rascunho do Paraiso terreal, regado com sete ribeiras de salutiferas aguas, entre as quaes ha uma de agua quente, muito medicinal: para a parte porém do nascente é uma verdadeira representação do inferno, porque tem umas caldeiras de polme, agua, enxofre, tão horrendas, que não ha outra cousa com que se compare. »

Quem dará preferencia a essas paisagens da Italia, e da Suissa?

Estes romanticos lugares inspiraram a Lusos Poetas os seguintes

SONETOS.

I

Cordilheiras de montes elevados
A minha tosca habitação rodêam,
Crepitantes ribeiros serpentêam,
Quebrando por penedos escarpados.

Volcões medonhos, por diversos lados,
Sustos, terrores por aqui semêam;
Grupos de fumo pelo ar ondêam.
Que sitio para tristes condemnados!

Aqui seu throno erige furioso
Plutão terrivel, deos da iniquidade,
Erguendo o igneo septro rigoroso.

Eis mortaes, em horror da humanidade
Do negro inferno o quadro pavoroso,
Qu' imita da minha alma a atroz saudade. [9]

II

Pelos mesmos consoantes, mas em diverso sentido.

Verdejantes outeiros elevados,
Da lympha salutar o Val' rodêam;
Ribeirinhos aqui e alli serpêam;
Fugindo de penedos escarpados.

Martelladas retumbam, pelos lados,
Qu'em brandos corações temor semêam;
Labaredas d'amor n'elles ondêam,
E sem recurso a amar são condemnados.

D'aqui ao deos Cupido furioso
Forjadas settas vão d'iniquidade,
Com que, ferindo, mata rigoroso.

Mas, inda que receie a humanidade
Este de Lemnos quadro pavoroso,
Ninguem d'elle se ausenta sem saudade. [7]

III

Ao mesmo assumpto.

Entre elevados, mas formosos montes,
Qu'a natureza com primor formára,
Jubiloso o mortal um plano encara,
D'arvores fertil, com perennes fontes.

Além, onde recusam os Ethontes
Levar o numen, que o Universo aclara,
Entre fumo e fragor recúa e pára,
Cuidando a estancia ser dos negros Brontes.

Oh! da immensa Vontade immenso arcano!
D'estes horrores, fausta lympha corre,
Que frustra á Parca dira o ferreo damno.

Mas oh! se a vida a lympha lhe soccorre,
N'um verde ameno bosque, o triste humano,
A par das Graças, de desejos morre. [8]

Que ousado seria o nosso intento se emprendessemos fazer aqui uma descripção d'esto Valle com aquella mestria que reclama um lugar tão variado, e tão romantico; d'este celebre Valle, quo visitámos, e não investigámos pausadamente; quando um habil escriptor, e grande chimico, scientificamente, e de ordem do Governo, analysou estes terrenos passo a passo, e estas aguas gôta a gôta!

Sem constransgimento trasladâmos o que no tocante a este objecto escreveu pois o Ex.[mo] Mousinho d'Albuquerque.

«O Volle das Furnas, cuja configuração se vê no mappa junto, é inferior em nivol a todos os terrenos adjacentes, á excepção sómento da estreita gargaota, pela qual, as aguas, que n'elle brotam, ou se reunem, despejam nó mar, na Ribeira Quente. Fórma o Valle das Furnas uma bacia cercada do montanhas elevadas, cujas fraldas se vêem representadas na carta; e pelos montes secundarios, que existem do seu interior, se póde suppôr dividido em tres partes distinctas. 1.ª parte: O Valle das Furnas propriamente chamado, comprehendido pelas montanhas do circuito até ao outeiro do Rebentão. Esta parte é a mais baixa da bacia, e n'ella correm as ribeiras que, reunidas, sahem pela garganta nas fraldas dos Picos dos Bodes a E., e dos Castellos oo O. da dicta garganta. — 2.ª parte: A Lagoa Secca, situada ao S. do outeiro do Rebentão, e em nivel superior ao Valle das Furnas. No seu meio existe um Pico, insensivelmente conico, formado inteiramente de cinzas volcanicas, com alguns fragmentos de pomes. Este Pico ficou formado pela erupção, que teve lugar em Setembro de 1630. A cratera, que existia no seu meio, já se não distingue, por quanto as aguas, e a cultura tem truncado consideravelmente o cume do Pico. — 3.ª parte: A Lagoa das Furnas; esta parte existe no mesmo nivel da Lagoa Secca, da qual, como se vê na carta, é separada por uma pequena crista, quasi toda formada de cinzas, com alguma pomes, e tem 6,3 braças na maior profundidade. — As montanhas, que formam o circuito geral do Valle das Furnas, são como se vê nos

córtes verticaes, que n'ellas tem praticado as aguas, e que no paiz chamam *saltos*, constituidas pela maneira seguinte:

1.° Strato superficial — Pomes moida e cinza, com terra vegetal.
2.° Strato .... Lava composta, argilo-ferruginosa.
3.° Strato .... Tufa volcanico.
4.° Strato .... Semelhante ao segundo.
5.° Strato .... Semelhante ao terceiro.
6.° Strato .... Semelhante ao segundo, e quarto.

«Este ultimo stracto fica no nivel do fundo do Valle: nelle, e em todos os outros se encontram dessiminados pedaços de escorias, e lavas porosas, e alguns veios de argilas, vermelha, e branca. Os montes do interior da bacia são, quasi em totalidade, formados de stratos horisontaes, e alternado de pedra pomes em fragmentos mais grossos, e de posolana branca, apresentando rarissimos veias de posolanas negra, ou vermelha. No interior d'estes montes, e em grande profundidade, se acham troncas de arvares subterrados, uns carbonisados, outros ainda em estado de serem serrados em prancha; uns e outros attestam a pouca antiguidade das revoluções que os subterraram. Existem na bacia das Furnas tres *Solfatáras*, [a] acompanhadas de nascentes d'aguas mineraes. A maior é situada no Valle das Furnas, no ponto indicado na carta; a segunda existe junto da Lagoa, na raiz do Pico de Ferro; a terceira na fralda de E. do Pico de Duarte Pacheco, junta da Ribeira. Os terrenos d'estas Solfatáras consistem em lavas, terras argilosas, e destroços de pomes, e cinzas, atacados pelos vapôres sulfurosos, que do solo se exhalam, e dos quaes uma parte cristalisa nas cavidades e fendas do terreno, e outra, acidificando-se com o contacto do ar, e dos vapôres aquosos, que cobrem a Solfatára, provindos dos nascentes abundantes d'agua, que por toda a parte rebentam, atacam o terreno, essencialmente aluminoso, e fórma na sua superficie efflorescencias de supersulfato de alumina, de que as terras da Solfatára se acham impregnadas, bem como de sulfato de ferro, unido com o dito supersulfato, e proveniente da acção do acido sulfurico sobre o oxido de ferro dos terrenos, e das lavas, e sobre o que depõem as aguas ferruginosas, que correm abundantemente na Solfatára. — A Solfatára do Valle das Furnas, de que offerecemos a planta particular, é de todas tres a maior, e a mais notavel. Além dos nascentes consideraveis d'aguas quentes, que vão notados na planta, quasi por toda a parte se vêem borbulhar pequenos olhos das mesmas aguas, e bem assim pelas margens da ribeira, d'aquelle ponto em diante. Apparecem alguns orificios, aonde a agua não chega liquida á superficie do terreno, mas que sómente exhala vapôres aquosos,

e vapôres de enxofre sublimado, que cristalisa pelas bordas; em um d'elles escuta-se o som das aguas, debatendo-se com violencia nas cavidades subterraneas, em outros os vapôres surgem sibilando pelos orificios, e repucham com violencia para a atmosfera. A bocca mais notavel d'esta especie é a que na planta se acha marcada com a letra **A**, que tinha no momento em que a observámos, sete palmos de diametro, e cujas bordas são formadas d'uma argila alvadia, com veios vermelhos, de oxido de ferro; as referidas bordas, e o terreno adjacente, estão sempre ensopados pelo vapôr aquoso, que se condensa, e se precipita ao sahir da bocca, e cubertos de efflorescencias de enxofre, e de sulfato de alumina; esta emissão de vapôres é acompanhada d'um som rouco e magestoso, que resôa a uma grande profundidade no interior da terra, e imita o som d'um grande zabumba, tocando a distancia; é impraticavel inclinar a cabeça sobre esta abertura, sem ser cruelmente escaldado pela columna de vapôr quentissimo, que por ella se exhala para a atmosfera. Nas mais pequenas aberturas, ou caldeiras, exhalando vapôres, os habitantes circumvisinhos costumam estender as raizes dos inhames sobre camadas de fetos, e de mato, e obtem assim, sem despeza, a cocção d'estas raizes, de que fazem uma parte essencial do seu alimento. Na maior parte das caldeiras, ou nascentes abertas, as aguas repucham limpidas, e claras; em algumas porém em que as aguas batem contra as paredes argilosas, repucham lodosas, e opacas; mas deixando sobre o filtro a argila, que traziam em suspensão, mostram-se em tudo identicas com as primeiras. O mais notavel d'estes nascentes lodosos, é o que na planta se acha marcado com a letra **B**, e que no paiz se chama *caldeira de Pedro Botelho*. O seu aspecto, verdadeiramente espantoso, e medonho, a faz considerar pelo vulgo ignorante, e supersticioso, como um respirador do inferno. Com effeito: na parede, ou córte vertical, que constitue o fundo da escavação notada na planta, se abre a bocca d'uma caverna cavada na argila; no fundo d'ella espadana continuamente, com um som rouco, e alternado, um borbotão d'agoa turva, espessa, e lodosa, que, elevando-se ao ar, cahe de novo no fundo da agua. Esta agua jámais vence a abertura da gruta; mas, borbulhando continuamente no seu fundo, envia pela abertura turbilhões de espesso, e quentissimo fume, combinados com o cheiro sulfuroso dos vapôres, que se exhalam das paredes, e fundo da caverna. A primeira vista lançada sobre a Solfatára do Valle das Furnas parece offerecer um phenomeno pasmoso, e quasi um prodigio; com effeito, vêem-se por toda a parte rebentar do solo, como já dissemos, além dos grandes nascentes, uma innumeravel quantidade, já de olhos d'agua liquida, já de vapôres aquosos, sendo sensivelmente de 95° centigrados a temperatura das aguas, e do terreno, a uma mui pequena profundidade: ao mesmo tempo surgem ao lado d'estes nascentes, e quasi em contacto com elles, outros d'aguas gazosas, na temperatura constante

de 17°, quaes são especialmente os notados na planta com as letras **C**, e **D**. Reflectindo porém na constituição, e configuração d'este lugar, acha-se que os nascentes frios não repuchom como os quentes do solo da Solfatára, mas correm por entre as terras das elevações adjacentes, rebentando das escarpas d'estas sobre a mesma Solfatára; e desde então o maravilhoso desaparece. Nem seria possivel que as aguas gazosas atravessassem um terreno em tal temperatura, sem que participassem do calorico do canal, que as cercava, e de prompto se involvesse o principio gazoso, que em si encerram. Tendo com effeito os habitantes da Ilha edificado na Solfatára os banhos, que se acham representados na planta, e misturado para se banharem as referidas aguas frias com as quentes, as primeiras, alteradas por esta mistura, perdem immediatamente o gaz, que encerram, e depõem nos canos, e pias dos banhos os carbonatos de cal, e de ferro, que n'ellas se acham dissolvidos a favor do excesso de acido carbonico. Todas as aguas, que brotam n'esta Solfatára, e nos outros nascentes d'aguas mineraes circumvisinhos, achámos reduzirem-se a duas unicas especies, que são: as *aguas salinas quentes*, cujo principal nascente, chamado no paiz a *caldeira grande*, fizemos marcar n.° **2**; e as *aguas acidulas frias*, cuja principal bica marcámos n.° **1**. Os outros nascentes d'esta agua por correrem mais tempo por canaes descubertos, apresentam-a menos abundante em gaz nas bicas, em que se recolhe. A mistura occasional, e ás vezes permanente d'estas especies d'aguas, dá lugar a diversas fontes, mais ou menos quentes, mais ou menos acidulas, a que o vulgo dá varios nomes, e attribue differentes propriedades confusamente expressas, e mal observadas: taes são, v.g., os *banhos das Quenturas*, os chamados *ferreos*, e outros similhantes. No canal, que conduz ao meio da Solfatára as aguas do nascente **D**, canal, no qual brota por toda a parte grande cópia d'olbos d'aguas quentes, e vapôres aquosos, e sulfureos, encontram-se aos pedaços arredondados do persulfureto de ferro, dessiminados áquem, e além no terreno, e provavelmente arrastados pelas aguas do interior das colinas. Nas Solfatáras existentes na bacia das Furnas *não tem havido alteração notavel desde a época, em que pela primeira vez foram descriptas*, como se vê, comparando a descripção, que d'aquelles lugares deixou o *Padre Fructuoso* na sua obra, com o estado, em que hoje se encontram. Além dos nascentes d'aguas mineraes que se encontram nas Solfatáras, brotam na bacia das Furnas fontes d'aguas potaveis, de boa qualidade, e fóra das mesmas Solfatáras se acham alguns nascentes d'aguas analogas ás que rebentam n'aquellas, taes são o nascente dos banhos de *Sant'Anna*, cujas aguas são quentes, mas que se acham alagados por uma grande quantidade d'aguas communs, que dêssem dos montes superiores, atravessando terrenos plantados de inhames: foram estas as primeiras aguas, de que se fez uso, como banhos, na bacia das Furnas. Tal é tambem a

agua denominada do *Sanguinhal*, que marcámos n.° 3, e que é muito analoga com o n.° 1. O aspecto do Valle das Furnas, quando se tem chegado ao alto das cristas, que o rodêam, ou se sobe aos montes, que o povoam, é pitoresco e agradavel: este lugar da Ilha é mais fresco que o resto d'ella; desde 11 d'Agosto de 1825 até 31 do mesmo mez, em que alli fizemos uma residencia constante, o maximo calôr foi de 35° ao meio dia do dia 12, e o minimo de 18° nos dias 16, e 17 á noite. A humidade é porém extrema n'este Valle; e por pouco que qualquer objecto se abandone, ainda nas casas altas, embolorece immediatamente: as chuvas são alli mais frequentes, e aturadas que em todo o resto da Ilha. Entre a Lagoa Secca e o mar eleva-se o pico chamado da *Vigia*, junto do qual está uma antiga e larga cratera, cuberta interiormente de grossos pedaços de pomes; e a mesma pedra, com mui pouca mistura de lavas dessiminadas, constituem toda a montanha, que as aguas tem cortado, e cortam todos os annos, com ravinas profundas. A cratera chama-se no paiz a *Cova da Burra*, e a sua formação é anterior á descuberta. A superficio acha-se já vestida de mato, postoque ainda não sejam muito bastos, especialmente no meio da cratera. Da constituição, configuração, e estado actual da bacia das Furnas, me parece poder concluir-se com segurança, haver sido esta bacia produzida por uma ou mais erupções volcanicas, posteriores ás quo formaram a parte da Ilha sobranceira ao mar; ser, em uma palavra, a vasta cratera d'um volcão extincto, e o maior de que na Ilha apparecem vestigios. » [10]

Cortando aqui este capitulo do Sr. Mousinho, passaremos a apresentar o resultado da sua analyse chimica.

COMPOSIÇÃO DAS TRES AGUAS DO VALLE DAS FURNAS.

N.os 1, 2, 3.

AGUA N.° 1—CHAMADA NO PAIZ *AGUA AZEDA*.

APPARENCIAS.

Sem côr; sem opacidade; cheiro levemente acido, e picante; sabor analogo; temperatura constante de 17° centigrados, sendo a media do ar, no decurso das observações, de 21,3°, e solvendo gaz espontaneamente, tomando com o tempo um cheiro de putrefacção.

Composição sobre **1000** *partes.*

Acido carbonico, livre — Um volume igual ao da agua.
Carbonato de ferro......... 0,007
Dicto de cal 0,038
Dicto de soda 0,140
Sulfato de soda 0,016
Hydro-chlorato de soda..... 0,048
Vestigios de materia organica.

AGUA N.º 2 — DENOMINADA NO PAIZ *AGUA DA CALDEIRA GRANDE.*

APPARENCIAS.

Sem côr; sem opacidade; sabor sensivel; cheiro sulfuroso mui fogaz, que desapparece pouco depois de recolhida; temperatura no nascente 95° centigrados: adquire com o tempo um cheiro fortissimo de putrefacção. Nasce esta agua no meio da Solfatára das Furnas, na caldeira **A**, formando um borbotão de 5 palmos de diametro, e que se eleva de 3 a 4 em altura; emitte continuamente uma espessa nuvem de vapôr aquoso, o qual não tem acção alguma sobre as côres vegetaes, nem sobre as dissoluções de cobre, prata, ou chumbo.

Composição em **1000** *partes.*

Silicia, e alumina............ 0,243
Sulfato de soda 0,187
Hydro-chlorato de soda 0,937
Sub-carbonato de soda........ 1,072
Vestigios do materio organica.

AGUA N.º 3 — OU DO *SANGUINHAL.*

APPARENCIAS.

Limpida; sem côr, e sem cheiro; sabôr acidulo; temperatura no nascente 24° centigrados.

Composição sobre 1000 partes.

Acido carbonico, livre......	0,815	do volume da agua.
Carbonato de ferro.........	0,005	
Dicto de cal	0,070	
Dicto de soda	0,130	
Sulfato de soda	0,006	
Hydro-chlorato de soda.....	0,028 [11]	

O sabio medico *Ignacio Tamagnini*, estando em Lisboa em 1785, fez uma analyse d'estas aguas, segundo os conhecimentos chimicos d'aquelle tempo. [12]

Constando ao grande Ministro d'Estado, Martinho de Mello e Castro, [13] as virtudes das aguas medicinaes do Valle das Furnas, mandou levantar o *Plano das Caldeiras*, e ordenou que fossem numeradas, collocando-se em cada uma d'ellas um marco de pedra; o que effectivamente foi cumprido no anno de 1785 para 1786, desempenhando esta commissão um habil Official do Real Corpo d'Engenheiros, o qual anteriormente havia ido para a Ilha de S. Miguel, de ordem do mesmo Ministro; uns dizem que para reparar as obras publicas; outros que para orçar a despeza que se faria com o abrigo maritimo no Ilheo de Villa Franca do Campo. Estes marcos de pedra ainda existiam no anno de 1792, como se exhibe do nosso *Fac-simile*.

Sem embargo de serem na Ilha de S. Miguel reconhecidos os efficacissimos effeitos d'estas aguas medicinaes desde o anno de 1614 (senão desde épocha mais remota), [14] ainda no anno de 1792 as pessoas, que íam tomar os banhos, mandavam fazer uma choupana de ramos, e lhes mettiam dentro um ou dois caixões de páo, os quaes apenas duravam um anno, e logo apodreciam, em consequencia da nimia humidade, e vapôr das mesmas aguas. [15] A primeira casa de banhos (se tal nome se lhe póde dar), que se construio no Valle das Furnas, foi uma, que nem de telha era cuberta, e sim de palha (como se vê no *Fac-simile*), mandada fazer por *D. Maria Magdalena da Camara*, da Ilha de S. Miguel, porque todos os annos tomava d'aquelles banhos, que eram proficuos para as suas enfermidades. [16]

As noticias tradicionaes, que ouvimos, e das pessoas mais intelligentes da Ilha de S. Miguel, é, que a primeira casa de banhos, que houve no sitio das

caldeiras a mandára construir o Consul Americano, *Thomás Hichling;* porém o nosso *Fac-simile* vem pôr este objecto na sua verdadeira luz.

O illustrado Desembargador João José da Veiga, que na Ilha de S. Miguel exerceu as funcções de Corregedor, valorisando devidamente não só as vantagens provenientes do uso d'estas especificas aguas, como tambem, que era vergonhoso não haverem casas de banhos publicos n'este Valle, concorrendo áquelle lugar muitos doentes das outras Ilhas dos Açôres, da Ilha da Madeira, de Portugal, e de paizes estrangeiros, para fazerem uso d'estas aguas medicinaes, proveu na Camara de Villa Franca, no anno de 1815: «que deviam merecer a attenção dos Sr.^s Vereadores as aguas das Furnas, para se fazerem banhos, o algumas accommodações; cuja despeza sem duvida seria modica, em razão da barateza dos materiaes necessarios, resultando a dupla utilidade d'estes banhos darem renda ao Concelho, e commodidades ao publico, que d'elles se utilisar.» [17] Firme n'estes principios do conveniencia publica, pedio ás Camaras Municipaes (e diz-se quo a alguns particulares) o dinheiro com que se fez uma casa de banhos nas *Quenturas;* cujas aguas adquiriram reputação para as molestias cutaneas; ficando desde então a conservação da dicta casa a cargo da Camara. Ainda hoje é de mistor maior numero de banhos nos diversos lugares aondo ha estas caldas, a fim de serem admittidos todos os doentes diariamente, e de modo que sejam communs para todos, sob certos regulamentos. É reconhecida a necessidade de um pequeno hospital, ou enfermaria no Vallo das Furnas, na qual se recolham, e sustentem os doentes pobres, á imitação das antigas Gafarias, ou do hospital que se estabeleceu em Condeixa, no anno de 1542, para os enfermos pobres. [18] Finalmente confessemos a necessidade d'um medico, que permaneça no dicto Valle desde o mez de Maio até o de Setembro; ficando obrigado a analysar estas diversas aguas medicinaes, nas differentes estações do anno, para se deduzirem resultados seguros, e que, seguindo este exame progressivamente, e com as observações da sua applicação aos diversos doentes, que alli concorrem, assim se collija o prestimo, que d'ellas poderá resultar; devendo remetter annualmente o resultado das suas observações ao Conselho de Saude Publica; vencendo este medico uma gratificação, ou ordenado. Um tal objecto, que julgamos de maior importancia, do que parecerá á primeira intuição, reclama providencias do Governo, e por ventura dos Corpos colegisladores. As caldas do Valle das Furnas tem restituido ao Exercito benemeritos militares, quo foram de diversos pontos do Reino fazer uso d'aquelles banhos: uns alli largando as moletas, outros depondo seu conspecto cadaverico; nós os vimos restabelecidos, e de novo empunharem a espada em defensão da Patria, do cujo serviço já se julgavam totalmente impossibilitados. O Valle das Furnas póde

ser um thesouro para a medicina, pela diversidade das suas aguas; e thesouro para as artes, pelos diversissimos barros, saes, e mineraes em que abunda. No anno de 1821 projectou o Governo estabelecer no Valle das Furnas um pequeno hospital, applicando para as suas despezas subsidios tirados dos rendimentos das Misericordias da Cidade de Ponta Delgada, e das Villas da Ribeira Grande, e Villa Franca do Campo; bem como das propinas pias, que se pagavam nas arrematações dos contractos nacionaes, isto é, um por cento da Obra Pia; meio por cento para as Alçadas, e bolsinho; dois por milhar para Santa Engracia; e um por cento para esmolas. E postoque as outras Ilhas dos Açôres, recebendo o beneficio d'este hospital, parecesse razoavel que tambem concorressem para a sua manutenção, entendeu-se que, estando algumas d'aquellas Ilhas muito pobres, e outras em decadencia, só fosse incluida a Ilha Terceira. Sendo ouvidos sobre este particular dois Magistrados, sabedores dos negocios açorianos, os Desembargadores *Vicente José Ferreira Cardoso*, e *José Acursio das Neves*, discordaram em seus pareceres. Posteriormente o Governo, pela Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, expediu uma Portaria, com data de 17 do Dezembro de 1821, ao Bacharel *João de Medeiros Borges Amorim*, residente na Ilha de S. Miguel, o d'ella oriundo, ordenando-lhe, que informasse circumstanciadamente, com o seu parecer, sobre as propriedades das aguas thermaes e mineraes do Valle das Furnas, procedendo a todas as diligencias, que julgasse necessarias; examinando em tempo opportuno o estado d'aquellas aguas, fazendo a analyse d'ellas, declarando o uso que podiam ter na medicina e artes; o fazendo o orçamento da despeza necessaria a qualquer *estabelecimento* conveniente ao seu aproveitamento, indicando os meios applicaveis; devendo dar conta successivamente do desempenho d'esta commissão, que lhe foi muito recommendada. [19] Não soubemos porém, máo grado nosso, qual o resultado d'esta commissão.

Existindo no archivo da Secretaria d'Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar umas *Noticias* ou *Informações* dadas ao Ministerio pelos Corregedores da Ilha do S. Miguel, João José da Veiga, e Roque Francisco Furtado de Mello, foram enviadas ao Desembargador *Vicente* pelo Almirante *Joaquim José Monteiro Torres*, então Ministro da Marinha, a fim do referido Desembargador interpôr o seu parecer sobre os diversos assumptos conducentes aos melhoramentos da Ilha do S. Miguel; dirigindo-lhe posteriormente um *Aviso*, em data de 19 de Julho de 1825, sobre a ida do Sr. Mousinho d'Albuquerque á Ilha do S. Miguel, para se fazer a analyse das diversas aguas medicinaes d'este Valle, e sobre outros assumptos, concluindo d'esta maneira: « os quaes (Mousinho e Dr. Vicente) são encarregados de apresentar um quadro proporcionado ás grandes

medidas, que Sua Magestade tem destinado a bem de seus fieis subditos n'essa Ilha. »[20] Effectivamente o Sr. Mousinho concluio a sua commissão em Outubro d'aquelle anno: e, logo que regressou do Valle das Furnas para a Cidade de Ponta Delgada, o Desembargador *Vicente* dirigio á Camara um officio, na data do 14 do referido mez, nos seguintes termos: « Supposto que tenha quasi a certeza de que se haja de imprimir a conta, que o dito professor (o Sr. Mousinho) ha de dar a Sua Magestade da sua commissão, vendo-se n'ella pública a analyse, que elle fez das suas aguas mais consideraveis das Furnas, conhecidas entre nós com os nomes de *Agua azeda*, o *Agua da caldeira grande*, com tudo, considerando que póde, por algum inesperado successo, deixar de acontecer isto, convindo por tanto buscar todos os meios de perpetuar a memoria d'este seu trabalho, primeiro objecto da sua commissão, remetto a V. S.ª uma cópia das ditas duas analyses, desejando que V. S.ª, fazendo lançar em algum, ou em alguns dos livros do seu cartorio, fique d'esta sorte prevenida desde já, pela maneira possivel, a conservação do referido seu trabalho, e para o futuro perpetuado o conhecimento da natureza das dictas aguas, e de todos os seus contentos. »[21]

Alguns viajantes tem escripto sobre este objecto; e, segundo as suas narrações, algumas d'estas aguas tem qualidades muito similhantes ás de *Spaa*, na Allemanha.[22] Um d'elles, occupando-se pouco do Valle das Furnas, parece que a sua missão foi toda politica: tractando de muitos assumptos concernentes ao Archipelago dos Açôres, lançou graves censuras; e invertendo uns factos, exaggerando outros, e improvisando alguns, se torna indigno de attenção. Quando entra em materia politica, vilipendiando os Governos de Portugal, com insustentaveis argumentos quer mostrar a probabilidade das Ilhas dos Açôres virem a pertencer á Inglaterra; e aconselha a sua desmembração de Portugal, pondo-as sob a égide do Governo Britannico. Que philantropia![23] Outro escriptor, em uma rapida analyse nada adiantou: o *Conde de Vargas de Bedemar*, director do Museu Real da Historia Natural de Dinamarca, disse muito menos do que deveramos esperar.[24] Outro, olvidado da urbanidade, e talvez distincção, com que fôra acolhido pelos Michaelenses, quando aportou á Ilha de S. Miguel com o almirante *Sartorius*, adulterando alguns factos historicos, copiando os erros dos escriptores que o precederam, e não apresentando uma analyse das referidas aguas medicinaes, tracta os Michaelenses d'uma maneira insolita; e com orgulhosa mordacidade considera as *casas dos banhos repugnantes, nojentas, e inferiores aos chiqueiros dos porcos em Inglaterra!!*[25] De todos os escriptores estrangeiros, que tem tractado da Ilha de S. Miguel, os que escreveram com mais intelligencia, e circumspecção, foram *José Bullar*, e *Henrique Bullar;* todavia, algumas das

paginas da sua interessante obra não estão isentas de narrativas picantes, e algumas improprias de um escriptor scientifico, que não se deve occupar de certas minucias. As noticias porém que estes distinctos e elegantes escriptores nos deram sobre as aguas medicinaes do Valle das Furnas, acompanhadas de reflexões medicas, são oimiamente interessantes, e nos parecem tão dignas de passarem á nossa linguagem, que faremos d'ellas o seguinte epilogo.

ANALYSE CHIMICA E PROPRIEDADES MEDICAS DAS AGUAS DOS BANHOS QUENTES, E NASCENTES FRIAS, NO VALLE DAS FURNAS;

COM AS OBSERVAÇÕES SOBRE AS ENFERMIDADES, EM QUE AS MESMAS AGUAS SÃO APPLICAVEIS.

As nascentes, cujas aguas tem um uso medicinal (ou tambem d'ellas outros fazem uso para regalo) são as seguintes:

Nascentes quentes, cujas aguas são usadas para banhos.

1. A Caldeira grande — Agua alcalina fervente.
2. As Quenturas — Agua quente carbonico-ferrea.
3. As Misturas — Uma mistura de agua quente alcalina, e agua fria carbonico-ferrea.

Nascente fria.

4. Agua azeda — Agua carbonico-ferrea em alto grão.

Esta agua é usualmente potavel; porém póde tambem ter uso para banho frio.

Nascente tepida.

5. Agua de ferro — Agua tepida carbonico-ferrea, contendo mais ferro, e menos acido carbonico do que a de o.º 4. Nunca usada como banho, sendo a quantidade pequena.

1. CALDEIRA GRANDE.

Analyse.

Um quartilho d'agua da caldeira grande, contém:

Chlorides de sodium, com pequenas quantidades de sulfato alcalino.

Sulphureto e carbonato, grãos	11.83
Silice, dito	2.60
	14.43

« Esta agua, diz o professor *Graham*, differe de todas os outras, por conter em si pouca materia gazosa. Torna-se tambem notavel pela ausencia de todas as bazes terreas. Esta ultima circumstancia, e a presença d'uma porção de *silicates*, e carbonato de soda, fazem com que esta agua tenha uma certa propriedade de ser agradavelmente macia á pelle. Sem duvida, esta agua é alcalina, o que se deixa verificar filtraodo-a pelo papel. Uma diminuta porção sulphurica se deixa vêr em fórma de sulphureto de sodium. » Segundo a opinião do Dr. *Bullar*, esta analyse deve-se considerar até certo ponto, como exocta, por ser feita, como elle diz, por uma das mais sublimes authoridades no genero scientifico, que examinou a prova que lhe fôra apresentada. [26] O professor *Dunn*, do collegio de *Dartmouth*, na America, achou em um quartilho d'agua, por elle examinada, 26,4 polegadas cubicas do gaz acido carbonico, e apenas um vestigio de hydrogeneo sulphurado. O Dr. *Turner* tambem encontrou acido carbonico em todas os provas d'ogua, que elle analysou, levadas d'este mesmo sitio. « As aguas alcalinas, diz o Dr. *Turner*, são aquellas que tão sómente contém alcali carbonisado, isentas de quaesquer outras materios estranhas; e conseguintemente estas aguas, ou no seu estado natural, ou quaodo concentradas pela evaporação, possuem em ambos os casos uma reacção alcalina. Estes nascentes são raros. O exemplo mais cooviocente, que a este respeito pude encontrar (continúa o mesmo Dr. *Turner*), foi em uma porção d'agua tirada das Furnas da Ilha do S. Miguel, nos Açôres, e enviada por Lord *Napier* á Sociedade Real de Edimborgo. Estes nascentes cootém carbonato de soda e acido carbonico, e quasi todas são ioteiramente isentas de substoncias terreas. A maior parte das cinco differentes especies d'estas aguas, que oxamioei, tambem continham protoxido do ferro, acido hydro-sulphurico, e chlorides de sodium. » [27] O Dr. *Bullar* diz, que isto igualmente combina com a impressão, que elle sentíra, quando tomava banhos d'aquellas agoas, e continúa: « Os nascentes das visinhaoças immediatas todos estão cheios de gaz acido carbonico, em grande força; e o effeito estimullante, que se sente na pelle, fazeodo-se uso dos banhos da *caldeira grande*, é tão similhante ao que causa a agua carregada de gaz acido carbooico, que é difficil deixar de se acreditar que as aguas d'esta caldeira tambem contém o mesmo gaz acido carbonico, porém em menor quantidade do que nos outros nasceotes. » Os indigenas chamam á agua da caldeira grande, *agua sulphurea*. E sobre isto diz o Dr. *Bullar*: « que lhe parece haver mais razão para se dar credito a esta expressão, do que a quaesquer escriptos, que possam

haver de analyses chimicas; e isto não sómente pelo cheiro, que se sente, proveniente do vapôr hydrogeneo sulphurado, mas tambem porque nas fendas do terreno contiguo ao nascente fervente, a pelas quaes sahe o vapôr, existem pedaços cristalisados de materia sulphurea.» Segundo a opinião do mesmo escriptor, a quantidade de silice em estado de solução, que a agua d'esta caldeira contém em si, é consideravelmente maior do que em qualquer dos nascentes thermaes da Alemanha; sendo todavia menor do que nas *Geysers* da Islandia. A existencia d'esta consideravel quantidade, diz elle, é devida á temperatura moito alta da agua, que lhe dá uma força solvento maior; e igualmente é attribuida á sua natureza alcalina, que torna a silice maior soluvel. O Dr. *Bullar*, que fez muitas observações sobre este assumpto, para chegar a um resultado, escreveu o seguinte: «Os açorianos applicam estes banhos *ad sudorem*, fazendo uso d'elles na temperatura de muito quentes, demorando-se dentro d'agua por um espaço de tempo consideravel (muitas vezes pelo tempo d'uma hora diaria, e assim o repetem por varias semanas), e, depois de sahirem d'agua, promovem a transpiração subsequente, abafando-se com cobertores quentes.» Esta asserção offerece alguma modificação. A temperatura mais agradavel para os que estão de saude, e a mais adequada para os que estão em estado morbido, quando lhes não seja indicada copiosa transpiração, é a de 96° de *Fahrenheit*. Diz o Dr. *Bullar*, que os banhos n'esta temperatura produzem em o nosso systema um effeito agradavel a calmante; a depois promovem uma sensação, não de quebrantamento e frouxidão (como a que causa de ordinario a agua simplesmente morna), mas de estimulo, e de energia; e que de commum com as outras aguas alcalinas sente-se a pelle consideravelmente macia e lisa, devendo attribuir-se isto á combinação do alcali com o fluido oleoso, proprio da nossa pelle: que d'estes banhos fazem uso, para regalo, muitas pessoas em estado de saude, tornando-se n'este caso muito proveitosos: que aquelles que continuam a tomal-os a mindo por um certo tempo aturado, decididamente vem a tornar-se mais magros: que as pessoas d'uma compleição delicada, tomando estes banhos em uma temperatura muito quente, ou demorando-se muito tempo na agua, podem vir a padecer de dôres de cabeça, e da irritabilidade nervosa; porém que quando se não praticam taes excessos, estes banhos são de grande beneficio, mesmo para as pessoas sadias; que teve bastante occasião da observar aquellas que eram gordas, inchadas, e obesas, tornarem-se, depois do uso d'estes banhos por um certo espaço de tempo, não sómente mais magras, mas tambem mais saudaveis: que, postoque a composição d'esta agua seja muito simples, todavia não se deve inferir que alla tenha pouco valôr considerada como um remedio: que é bem sabido, que ha alguma qualificação nos nascentes quentes (effectivamente em relação á natureza peculiar do calôr em si proprio); pois que

ellas exercem energicameote uma ecrta influencia em o nosso todo physico muito differente d'aquella causada pela agua, que é aquecida pelos meios artificiaes: que o doeoto n'aquelles banhos poder-se-ha demorar dentro d'agua um espaço de tempo muito mais loogo, sem que por isso lhe seja prejudicial; não produzem depois a mesma debilidade; e a iofluencia que exercem nos achacados, é tambem de diversa qualidade. O maior numero de pessoas, que estavam n'aquelles sitios, para usarem dos banhos, na época em quo alli se achava o Dr. *Bullar*, [22] era de gente sadia, que affluia áquelles lugares para sua distracção; e comparativamente á pequena porção, que havia das pessoas achacadas, parece (diz o Dr. *Bullar*, e com muito boa razão), que as virtudes medicinaes d'estas aguas não eram devidamente apreciadas. Eu vi, diz o Dr. *Bullar*, os bons resultados produzidos pelo uso d'estes banhos em um caso de *hemiplegia*, proveniente d'uma antiga affecção apoplectica; na *paraplegia*, no *calculo*, nas *molestias syphiliticas* secundarias; na *eczema chronica*, e *pityriasis*, no rheumatismo chronico, e no estado *plethorico* do systema, produzido por uma vida ociosa, e iodoleote, sem que houvesse existido qualquer eofermidade. As molestias, para que estes banhos são com particularidade muito apropriados, diz o Dr. *Bullar*, vem a ser: a gôta, e rheumatismo, no estado chrooico; todas as affecções, em que a pelle se torna secca e aspera, e não transpira naturalmente, quer seja pela influeocia da molestia, que realmente existe na pelle, como é a *pityriasis*, etc., quer seja porque este mesmo estado da pelle venha a ser meramente um symptoma de doença ioterna, tal como a diabetis, e hydropesia, dos rins, etc. Para aquelle genero do hydropesia, que é acompanhada de uma secreção *albuminosa*, proveniente dos rins, e que (como o demonstra o Dr. *Bright*) depende do estado morbido d'aquelles orgãos. Estes baohos, contioúa o Dr. *Bullar*, deveriam ter applicação em taes casos, ensaiando-os o doente lentamente; por quanto os meios principaes, que até agora a arte da medicioa tem suggerido, e que estão na praxe, devem ser conduceotes ao fim de melhorarem a condição, ou estado da pelle; e por cousequencia, uns banhos em que o doeote se póde demorar, sendo preciso, umas poucas de horas diariamente, e os quaes tornam a pelle tão macia, sem duvida que esses mesmos banhos devem prestar um grande auxilio á arte, para que se possa obter na cura proficuo resultado. Taes banhos são igualmente convenientes em todos os casos de mal de pelle chronico; quando todavia esta affecção apresento um caracter agudo, ou quando venha acompaohada de inflammação interna: n'este caso o estimulo da agua póde ser desagradavel; e por isso deve prescrever-se ao doente o espaçar o uso de taes banhos. Nos casos, em que existe a *diathese acido-lithica;* quando as evacuações pareçam depender de indigestão, ou d'um estado gotoso do corpo; sé o individuo tem uma vida desregrada, com

especialidade se se desmanda na quantidade, que toma, de alimento, e se não mostra ser inclinado a guardar as precisas restricções: em todas estas circumstancias parece conveniente o ensaiar-se o uso d'estes banhos. Pelo contrario, na *diathese phosphatica*, onde ha muita irritabilidade, e debilidade do corpo, ou quando pareça haver um certo abandono do systema, em taes casos, estes banhos, longe de convirem, talvez sejam prejudiciaes, não sómente pela natureza alcalina das aguas, mas tambem pelo seu calôr. Em um estado *plethorico* geral do systema, as pessoas (commummente as d'um temperamento sanguineo) proximas da meia idade, que vão engordando e tornando-se *abdominosas*, em razão do levarem uma vida muito regalada, ociosa, e pachorrenta, a ponto d'este mesmo modo de viver lhes motivar muitas vezes um principio de doença; em taes individuos o uso, ou applicação d'estes banhos *ad sudorem* reduz este seu estado pletorico; e é o melhor remedio que se lhes deve applicar, para lhes dar aquella conveniente actividade, de que carecem, para não continuarem nos seus antigos habitos. Os medicos *alemães* recommendam o uso de similhantes banhos em uma tal condição, a que elles chamam *plethora abdominal:* por este termo explicam elles a occorrencia da indigestão, desarranjo da bilis, hemorrhoidas, etc., nas pessoas, que já não são moças, e que vivem á sua vontade, por temerem que a circulação do sangue nas veias do *abdomen* fique obstruida e demorada. Ha outros casos de infermidade, nos quaes a propriedade do uso d'estes banhos se torna mais duvidosa: taes banhos podem provar resultados beneficos, ou deixarem de os provar segundo a natureza peculiar do caso: tal é o das molestias nervosas em toda a sua classe. Em um caso de *hemiplegia* proveniente de apoplexia, em um individuo plethorico, que não guardasse a necessaria e conveniente dieta, o uso d'estes banhos, não estando demasiadamente quentes, algum beneficio certamente causariam, restituindo ao individuo o seu perdido vigor; porém em caso similhante do paralysia, proveniente d'uma outra causa (*amollecimento* do cerebro em uma senhora, que já não era rapariga), estes banhos decididamente causariam damno. Na *hemiplegia*, proveniente d'uma apoplexia recente, e tambem nas determinações do sangue ao cerebro em pessoas plethoricas, e d'uma constituição robusta, seria perigoso recommendar-se o uso d'estes banhos; todavia em taes determinações do sangue á cabeça, a que estão sujeitas as pessoas fracas e debilitadas, nas quaes se encontra pulso debil, pés frios, e uma falta geral de forças, o uso d'estes banhos, applicados com moderação e cautella, poderia talvez dar resultados beneficos, igualando a circulação sem exhaurir as forças. Pela intima connexão, que existe da nossa pelle com o pulmão, fica corroborada a nossa supposição do que estes banhos podem ser uteis em alguns casos de asthma, e na bronchitis chronica acompanhada d'uma condição secca e irritavel da membrana mucosa. O uso d'estes banhos deve ser ensaiado

com cautella pelos individuos achacados de symptomas de phtysica, uma vez que a molestia não esteja muito adiantada; e se a pelle não estiver em uma condição natural. N'isto convém que haja toda a necessaria prudencia; e o doente não se deve demorar dentro do banho senão unicamente por um espaço de tempo muito curto.

2. AS QUENTURAS.

Estes nascentes estão a um quarto de milha, pouco mais ou menos, das fontes ferventes. Brilham com o gaz acido carbonico, e as suas aguas são perfeitamente transparentes, depositando um oxydo vermelho resplandecente. A sua temperatura é, pouco mais ou menos, de 105°

Analyse.

Um quartilho contém acido carbonico — 19,7 pollegadas cubicas.
Materia salina.................... 7,6 grãos.

A ultima d'estas partes consiste de carbonato de cal, carbonato de soda, chloride de sodium, silicate de soda, um pouco de sulphato, um vestigio d'um sal de potassa, de oxido de ferro.

Esta analyse dá tão sómente um vestigio de oxido de ferro, que póde ser devido a algum deposito, que tivesse tido lugar; por quanto ha todas as indicações naturaes das aguas serem ferreos em alto gráo. Ao paladar são d'um gosto metalico, e adstringente; depositam no terreno, por onde correm, uma capa de espessa côr de laranja; e, quando são usadas como banhos, encarquilham a pelle, e sentimos logo aspera e sarabulhenta; e, se os olhos estiverem abertos debaixo d'agua, sente-se n'elles ardor. Estes banhos produzem vermelhidão na pelle, e dão um tom geral ao corpo, augmentando a disposição de actividade. Os lugares dos banhos parecem, e mesmo deixam sentir um cheiro proprio, como se estivessem revestidos de ferrugem. Em consequencia da quantidade do gaz acido carbonico, de que a agua está carregada, o ferro se dissolve perfeitamente, e a agua em si é transparente, christalina, e brilhante. Na maior parte dos casos, em que se indica a acção das substancias ferreas, estes banhos podem ser usados. Estes casos são, com especialidade, os das molestias peculiares á constituição feminil, quando são acompanhadas de frouxidão de sangue, e quando este é diminuto e delgado; cujos indicios são: uma pallidez, e mesmo uma amarellidão de pelle; os beiços e gengivos esbranquiçadas, o pulso frouxo, e que facilmente se irrita; as extremidades frias; langor, etc.

3. AS MISTURAS.

Os banhos, assim chamados, compõem-se de uma mistura d'agua queote alcalioa, e d'agua fria carbonico-ferrea: participam por taoto das qualidades de cada um. São menos deleitosos ao tacto, e ás sensações, e mais estimulaotes e tonicos do que os banhos quentes alcalinos.

4. AGUA AZEDA.

Este nascente é d'agua fria, fortemente impregnada de gaz acido carbonico.

Analyse.

Esta agua se achou ser altameote carregada de acido carbonico; nada depositar, estando no seu estado primitivo; e ser fracameote alcalina depois da ebulição.

Um quartilho contém:
Acido carbooico........... 27,6 pollegadas cubicas.
Materia salina............ 1,97 grãos.

A materia salina consiste principalmente do chloride de sodium, carbonato, e sulphato, com algum sal de potassa, e um vestigio de silice, e carbonatos de cal e ferro. Cootém perto de oito decimos do seu todo de gaz acido carbonico. Esta agua é commummente bebida por quem alli concorre de visita, e pelos doentes. É transpareote, e brilhante, como a agua de soda; logo, assim que se toma, produz no estomago uma sensação genial, e subsequeotemente vai ter acção sobre os rins, e na pelle. Ainda que a quantidade de ferro indicada pela aoalyse chimica seja tão pequena, comtudo o sabor é decisivamente ferreo; e os canaes, por onde ella passa, as pedras nas correntes, as hervas, e juncos, que estão ao longo das bordas dos regatos, se exhibem cubertos d'uma capa, ou côdea côr de laranja lusente. O gaz acido carbonico, de que esta agua está carregada, é em tanta quaotidade, que existindo ella eogarrafada, e a rolha de cortiça não estando bem mettida, e apertada oo gargallo, salta ao ar com vehemencia. Quando esta agua é usada como um banho frio, a reacção subsequente, que produz, é muito forte. Um banho d'esta natureza é eminentemente tonico, e fortifica, se o achacado tiver o sufficiente vigor para soffrer a reacção. Similhantemeote ás aguas de *Seltzer*, e outras summameote carbooicas, póde ella ser tomada sem risco (como a pratica

commum o prova), por aquelles em estado de saude. Quando lhe desapparece o ligeiro sabor ferreo, é uma bebida agradavel, dá prazer, e tom ao estomago, e energia ao systema. Em muitos padecimentos calculosos póde-se tomar livremente com grande vantagem.

5. AGUA DE FERRO.

Analyse.

Quando se ferve, deixa em baixo um fraco sedimento ferrugento de carbonato de cal, misturado com oxido de ferro, e se torna ligeiramente alcalino. O ferro existe n'ella como proto-carbonato, dissolvido juntamente com algum carbonato de cal pelo excesso do acido carbonico.

Um quartilho contém:
Gaz acido carbonico........... 25,7 polegadas cubicas.
Materia salina............... 2,19 grãos.

A materia salina vem a ser: carbonato de cal, oxido do ferro, carbonato de soda, com um pouco de sulphato, e de chloride.

Esta agua tepida sabe muito mais a ferro; porém é menos picante, e agradavel, do que a agua azeda, por conter menos gaz acido carbonico, e mais ferro. Póde-se beber nos casos em que a acção do ferro é indicada. [20]

O medico *Guilherme Gurlay*, que residio na Ilha da Madeira, estando na de S. Miguel algum tempo, escreveu no anno de 1791 o seguinte:

« Em distancia de quasi dez leguas ao N.E. de Ponta Delgada, principal Cidade da Ilha de S. Miguel, ha uma pequena aldêa chamada as *Furnas*, situada n'um espaçoso *Valle* cercado d'altas montanhas. São estas compostas de pedra pomes, e cubertas de hervas, e de varias arvores e arbustos sempre verdes. As suas summidades são formadas em muitas elevações, que são separadas por valles; e os declivios são cortados por aberturas ou buracos providos de pequenos regatos, que, descendo, formam lindas cascatas. As correntes separadas chegam a unir-se, e formam um rio, que serpêa pelo Valle, cujas margens são cubertas da sombra de formosos choupos. O terreno d'este Valle consta principalmente de pomes pulverisada. Ainda que fraco, é cultivado, e produz trigo, milho, legumes, e nos sitios humidos, inhames, e outras raizes. Cavando um pouco abaixo da superficie

acham-se muitas cavidades, que mesmo passeando sobre a terra, se percebem pelo som. No fim do Valle para a banda de S.E. ha uma pequena elevação a que chamam as *Caldeiras*. Esta elevação, que por ventura terá uma milha quadrada, consta de numerosos outeirinhos, e é ahi evidente a acção do fogo. Descobrem-se varias camadas: *pyrites*, *lava*, *pomes*, *marne*, *greda* de differentes côres, *ochra*, *ferro* em bruto, *terra calcarea*, misturada com *alume* e *enxofre*. Aqui ha numerosas fontes ferventes, muitas quentes, e algumas origens frias mineraes. As aguas quentes formam varias correntes, e d'ellas consideravelmente profundas. Estas na sua passagem formam borbulhões, fumegam, e lançam vapôres sulfureos. Nos dias serenos sobem grossos volumes de vapôr ondeando até grande altura. Olhando do N., o verde variado dos campos cultivados, misturado com o das arvores irregularmente espalhadas pelas cercas, um rio serpeando pelo Valle, um lago ao longe, e nuvens de vapôr que se elevam das fontes fumegantes, formam um delicioso prospecto, cuja belleza ainda é mais exaltada pelo verde escuro, e livre projecção das montanhas, que lhes ficam por detraz. A maior das fontes ferventes, a *Caldeira*, terá de 25 a 30 pés de diametro. Faltando-me uma linha de prumo capaz, não pude determinar exactamente a sua profundeza, aindaque é consideravel. A gente da terra, que nunca a sondou devidamente, ou talvez de modo nenhum, persuade-se que não tem fundo. O calôr da agua é de escaldar, e sempre está no estado de fervura. Lança continuadamente um vapôr excessivamente sulfureo, o que muito se assemelha á polvora queimada. Deposita um sedimento argilloso, levemente azulado. O seu gosto é de acescencia pungente. Á distancia de poucas jardas por detraz d'um cabeço de lava ha outra fonte fervente: está n'uma cavidade na baixa d'um rochedo prolongado, e é emphaticamente chamada a *Forja*. Raras vezes aqui póde vêr-se a superficie da agua, em razão d'um muito denso vapôr sulfureo, que a cobre. A fonte ferve com grande violencia, e um estrondoso assopro interrompe o ruido. Misturada com o vapôr e fumo lança fóra grandes quantidades de argilla azul, glutinosa, fina, que espalha ao longe, e incrusta o penedo, e os mais corpos que lhe ficam visinhos. O ruido d'estas fontes assemelha-se ao longe ao som de atabales. Duas são as maiores; ha porém muitas outras fontes ferventes, e em differentes lugares sahe vapôr pelas fendas dos rochedos e dos outeiros. N'aquellas em que é menos perceptivel, chegando o ouvido ás fendas, distinctamente se ouve o ruido da agua fervendo. De outras a agua esguicha por intervallos, e realmente escalda aquelles, a quem acontece aproximar-se descuidadamente. Em muitas partes o chão é tão quente, que sobre elle se não póde estar sem incommodo, e mesmo sem trabalho, ou dôr. Em toda a parte está cuberto de enxofre crú: uma peça de prata exposta ao ar, immediatamente se faz côr de ouro. Postoque muitas d'estas fontes sejam ferventes, algumas são de moderada temperatura, e

outras inteiramente frias. A agua d'algumas é crystallina, e transparente; a do outras é turva de côr alvacenta, ou avermelhada, e geralmente deposita argilla azul, ou encarnada. Acham-se perto das fontes crystaes de pedra hume, e de enxofre em grande abundancia e variedade, dos quaes muitos são extremamento formosos, e aonde o vapôr sahe pelas aberturas, ou fendas, alguns d'elles tem duas pollegadas de comprido. Em alguns lugares o terreno é de consistencia barrenta, e molle, em outros é solto, secco, e esboroado. Cavando sahe da cova um forte fumo sulfureo tão quente, que não se póde conservar a mão sobre elle por um minuto, o em curto espaço de tempo ou se encho o huraco d'agua quente, ou pelos lados se cobre d'uma códea do enxofre sublimado, e de ahume, similhanto á geada branca. Algumas fontes quentes brotam perto das margens do rio que corre pelo Valle; e tambem no meio da corrente a ebulição é em algumas partes perceptivel, e d'ahi sahe, como das fontes queutes, fumo e vapôr. O rio deposita sedimento ochraceo sobre as pedras, e seixos de seu leito. Em poucas partes é o sedimento de côr verdoenga, similhanto á da capa-rosa verde. As plantas, o arbustos das suas margens são incrustadas com enxofre, pedra hume, e outras substancias. O gosto das aguas diversifica: nmas o tem forte vitriolico, outras do acido aereo, em umas é aluminoso, ou de pedra hume, ou ferreo, em outras nada se percebe de gosto differente, e são perfeitamente insipidas. É ordinario quo a gente do povo, para poupar o gasto de lenha, faça a sua cosinha, pondo os utensilios sobre as fontes quentes, ou sobre as fendas fumegantes. O instincto tem ensinado o gado a avisinhar-se a este sitio para limpar-se dos insectos, demorando-so nos outeiros entre o fumo sulfureo. Ao pé das origens quentes, rodeando um outeiro de pedra pomes, corre um pequeno regato d'agua fria, formado de varias nascentes frias, que brotam do outeiro, e immediatamento se unem. Em pouca distancia da corrente deposita sedimento pallido, e amarellado, ou ochraceo de côr subida. O seu sabor é austero, o acescente, o seu cheiro ferruginoso. Algumas são excessivamente pungentes, e penetrantes. A agua crepita nos copos como o vinho de *Champagne*. Para a banda do Poente cerca de cento e cincoenta passos do distancia ha varias origens do agua quento mineral da mesma natureza, porém menos abundautes do que as acima mencionadas. Alli ha algumas cabanas com lugares para banhos, aonde concorre gente para usar das aguas. Na mesma direcção, uma milha quasi mais distante, ha mais algumas origens quentes, mas de calôr moderado, que em tudo e por tudo se assemelham ás já dictas. A terra e plantas visinhas estão cubertas com uma crosta amarellada. As cabanas de banhos, que primeiramente se tinham alli edificado, ha poucos annos foram destruidas por grossas chuvas. Perto d'uma milha ainda mais para o Poento corre a *Ribeira sanguinolenta*, assim chamada por causa de mui carregada

côr vermelha das suas aguas. Nas margens d'ella nascem fontes d'um sabor fortemente acescente e ferruginoso, assim como é o cheiro. As aguas depositam sedimento ochraceo alvacento. Além d'uma cordilheira de montanhas, o quasi uma milha para o Sul, á borda d'um lago ha muitos outros mananciaes. N'estes, como nos que estão descriptos, se observa a mesma variedade e differenças. Muitos d'elles fervem violentamente com um sussurro similhante ao zumbido das abelhas, e trazem comsigo uma argilla espessa, glutinosa, azul, que é lançada com borbulhões, e vapôres a uma consideravel distancia. Na superficie d'algumas não poucas fontes apparece escuma bituminosa; e da mesma maneira, que nas outras fontes, ha variedade de bellos crystaes, e grossas incrustações de pedra hume, e de enxofre. Entre as origens quentes d'este sitio ha uma, que merece particular attenção, porque fórma um tanque, ou lago de quasi doze pés de largo, e duas vezes mais do comprido, o qual ferve com grande força, e muito estrondo. Mui perto e chegado a esto lago, nascem varias fontes frias em um leito de pedra pomes, e ainda que perfeitamente frias, estão como em actual fervura, assim como acontece nas quentes. Tem ellas um sabor e cheiro mui aspero e acescente, e são mui prenhes e saturadas de acido aereo. Além d'estas até aqui referidas ha muitas outras fontes mineraes em diversas partes da Ilha. Tenho pezar de estar tão poucos dias n'estas paragens, e desprovido de necessarios apparelhos para poder fazer as analyses, como desejava, as quaes não podem ser completamente feitas, senão nos sitios das origens. A extrema volatilidade de muitas das partes componentes, e a quasi repentina mudança de muitos phenomenos, considerando as distancias, tornam os exames e os processos excessivamente fallazes, e inconcludentes. Todavia eu fiz as experiencias que pude, e que justamente me servirão para mostrar as partes predominantes na composição das differentes aguas. Os numeros referem-se aos que estão escriptos nas pedras, que ha pouco foram erigidas proximas ás differentes fontes.

I. Fria. III. Fervente.
II. Moderada. IV. Fumante.

I. *Fria.*

a Aerea.

b Aerea ferruginosa.

c Aerea hepatisada.

II. *Moderada.*

a Aerea.
b Aerea ferruginosa.
c Aerea ferruginosa aluminosa.
d Vitriolica selenitica.
e Hepatisada.

III. *Fervente.*

a Hepatisada.
b Hepatisada aluminosa.
c Hepatisada vitriolica.
d Hepatisada vitriolica argillosa.
e Hepatisada argillacea.
f Aerea.

IV. *Fumante.*

a Hepatisada.
b Hepatisada argillacea.
c Hepatisada aluminosa.

Experiencia I. — N.° 1. *Duas origens frias.* — Uma d'ellas é crystalina ou transparente; sabor acescente penetrante, cheiro forte ferruginoso; sedimento ou deposito ochraceo; pela tintura de galhas tornou-se rôxa, ou purpurea; deu precipitado escuro pela addição da agua de cal; vascolejada na garrafa crepita, e faz-se perfeitamente insipida.

Experiencia II. — A outra origem deposita um sedimento tirante a azul; sabor acescente e pungente, que se dissipa até á insipidez por meio da agitação; a tintura de galhas não produz alguma alteração sensivel; a agua de cal dá um precipitado escuro.

Experiencia III. — N.° 2. *Fonte quente.* — A agua ferve, e lança cheiro fortemente sulfureo penetrante e ferruginoso; faz-se negra com a tintura de galhas; com a agua de cal dá precipitado nublado, que cahe no fundo do vaso; com pequena porção da infusão de raiz de rábão dá uma côr rubra brilhante.

Experiencia IV. — N.° 4. *Outra origem quente fervente.* — A agua depõe sedimento azul; sabor levemente pungente e austero; escurece com a agua de cal; e faz effervescencia com o acido nitroso.

Experiencia V. — N.° 8. *Nascente fria.* — A agua deposita sedimento ochraceo; gosto e cheiro acescente, ferruginoso; faz-se preta pela infusão das galhas; e sensivelmente rubra pela influencia do rábão.

Experiencia VI. — N.° 16. *Fonte quente fervente.* — Deposita sedimento azul; lança forte cheiro de ovos chocos; sabor aspero acescente; faz-se insipida pela agitação, e dá precipitado d'agua de cal.

Experiencia VII. — N.° 20. *Nascente de calór moderado.* — Depõe

sedimento ochraceo; o sabor austero e aspero dissipa-se pela agitação; fórma precipitado nevoado com a agua de cal; e com a tintura de galhas dá côr purpurea escura e carregada.

Experiencia VIII. — N.° 13. *Origem quente fumante.* —Tem apparencias de leite, e é bordada com incrustações de côr verde escura, o rubra carregada; deposita sedimento argillaceo branco; lança violento fumo; o sabor é aspero, e austero; o cheiro hepatico forte; com a infusão das galhas faz-se levemente rubra.

Experiencia IX. — N.° 30. *Fonte fria.* — Deposita sedimento ochraceo; gosto e cheiro ferruginoso forte, acompanhado de acescencia pungente. Pela agitação fórma borbulhões, crepita, e faz-se insipida; dá precipitação com a aguo de cal; faz-se rubra com a infusão do rábão; e purpurea com a das galhas.

Experiencia X. — N.° 31. *Fonte fria.* — Depõe sedimento areioso; gosto levemente acescente; agitada crepita, e se torna insipida; faz precipitação com a agua de cal, e faz-se vermelha com a infusão do rábão.

« Não obstante haverem sido estas aguas por muitos annos frequentadas pelos habitontes para a cura de toda a casta de molestios, bem como para passatempo e por gosto, ainda assim as accommodações para banhos são umas poucas choças do colmo. N'estas estão mettidos no chão a dous ou tres pés de profundidade reservatorios, ou arcas de madeira, que se enchom d'agua por bicas tambem do páo, e se vasam por um buraco, que tem no fundo com seu batoque. O calôr tempera-se á vontade do banhista, ajuntando-se agua das nascentes frias. Como todas as ordens de pessoas usam muito francamente estes banhos, e muitos como que estão de molho dentro d'elles vorias vezes no dia, poder-se-hia concluir *á priori*, que tão freqoente uso da agua tepida ou quente deveria produzir relaxação. Todavia não succede assim; pelo contrario estes banhos obram como estimulantes de todo o systoma, recreiam os espiritos, e excitam o apetite. Estas aguas, principalmente as dos mananciaes frios, bebidas são laxantes e diureticas, e promovem tambem a excreção pela pelle, ou a transpiração. Como os habitantes ignoravam totalmente as virtudes das fontes frias, e igualmente o uso do banho de vapôr, tive a opportunidado de lhes fazer conhecer as propriedades das primeiras, e tambem de lhes demonstrar o activo poder, e beneficos effeitos do segundo. (Aqui aponta o Auctor duas observações da efficacia do banho de vapôr; uma n'um violento rheumatismo, outra de uma hemiplegia, curados ou muito aliviados por tal applicação.) Além d'estes exemplos, que são de meu immediato conhecimento,

sei de varios outros casos bem authenticados, que testificam a grande officacia das aguas não sómente nas doenças rheumaticas, mas tambem em muito inveteradas casos de escrophulas, e n'outras enfermidades. (Accusa n'este lugar uma notavel observação de cura de escrophulas pela bebida, e banhos das aguas quentes, no espaço de poucos mezes; uma doença cutanea na cabeça, e com chagas humidas em varias parte do corpo, curadas em poucas semanas pelo uso interno ou externo em banho das mesmas aguas; uma cura de gota já de alguns annos curada sem recahida pelos banhos quentes.) Em conclusão eu penso que ha sobeja razão para crêr que estas aguas assim interior, como exteriormente applicadas são verdadeiramente efficazes em diversos enfermidades. Parece que o banho de vapôr é mais poderoso, e em geral preferivel ao banho da agua: as particulas volateis são mais soltas, subtis, e activas quando exhaladas e formando o vapôr, do que em quanto estão combinadas e presas na agua. Os gráos de calôr tambem são mais bem regulados no vapôr, do que no banho quente. As origens frias contém poderoso *chalybeado*, e todas as virtudes proprias do ar fixo, e sendo bebidas não podem deixar de ser uteis tonicos nos casos do debilidade. Julgo que a manhã é o tempo mais proprio tanto para os banhos, como para a bebida. Deve esta ser immediatamente á origem, antes que suas virtudes se evaporem: a dóse ao principio seja de oito onças, que pódo repetir-se de tarde, e sendo necessario augmentar-se gradualmente. » [30]

Antes do Dr. *G. Gourlay* ter publicado a *noticia* d'estas aguas mineraes, já o Governador da Ilha de S. Miguel, *João Antonio Judice*, havia officiado ao Governo, na data de **28** d'Agosto de **1787**, sobre o mesmo assumpto, pedindo providencias em beneficio do referido Valle.

Na *History of the Azores*, de T. A., impressa em *Londres* no anno do **1813**, encontrámos um *desenho das caldeiras das Furnas;* o posto que tenha algumas inverosimilhanças, offerecemos na Estampa 2.ª uma cópia do referido *desenho*, com o seguinte descripção, fazendo-lhe as correcções, que nos pareceram mais essenciaes, sem que comtudo alterassemos o seu plano.

1 — Caldeira grande.
2 — Caldeira menor e immediata.
3 — Caldeira de Pedro Botelho.
4 — Casa de banhos da Camara.

É para sentir e lamentar, que tendo-se projectado, ha tantos annos, o estabelecimento d'um pequeno hospital no Valle das Furnas, ainda hoje se oche este momentoso objecto no mesmo estado em que estava ha 25 annos; não lhe

Est. 11.

Caldeira das Furnas da Ilha de S. Miguel.

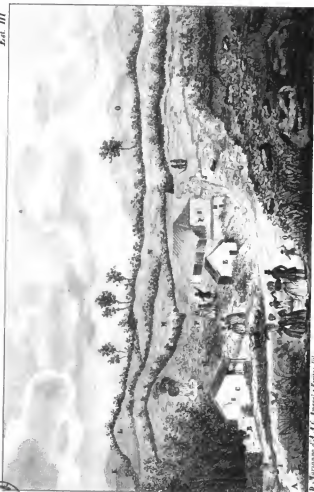
tendo sido propicio, nem as mudanças de systemas governativos, nem as dos Ministerios, nem as dos Deputados: não irrogâmos censura aos systemas, aos Governantes, nem aos Deputados: a causal é o desamor pelas nossas cousas portuguezas, ao passo que presâmos as estrangeiras, o fallâmos n'ellas com um interesse, que não manifestâmos pelo que temos em nosso paiz. As nascentes quentes de *Gastein*, na Baviera, não são tão importantes nas suas composições chimicas como as do *Valle das Furnas;* aquellas pouco differem d'agua pura; e todavia são inculcadas como efficacissimas em muitas molestias; bem assim as nascentes quentes de *Matlock*, e *Buxton;* e igualmente a nascente de *Hot-Welt* ao pé de *Bristol*, sendo todas similhantes a agua commum, e diversificando apenas na temperatura. Estão no mesmo caso as aguas de *Schlangen*, ou banhos de *Nassau*, conhecidos por *Borbulhões dos Brunnes*, tão celebradas por *Hufelond*, sublime auctoridade scientifica; porém pessoas competentes as consideram inferiores ás do *Valle das Furnas*. A muito recommendada nascente de *Nossau* rebenta do chão apenas na temperatura de 81°, o não é excessivamente quente, nem fria; em quanto quo as das *Furnas* são logo abaixo do pontu, ou estado do ebolição, podendo-se tornar mais fria até ao gráo de temperatura que se deseja. As aguas de *Wildbad*, no *Wirtemburgo*, tão apreciadas pelo Dr. *Granville*, são inferiores ás das *Furnas;* e a agua de *Wildbada* penas surgo do chão na temperatura de 98°. As muitas o differentes aguas medicinaes, que ha em Portugal, não são superiores ás que se encontram no Valle das Furnas. [31] Em quanto nós, Nação civilisada, e civilisadora, assim desprezâmos uma das primeiras, das mais proveitosas, e talvez unica maravilha dos dominios portuguezes, outra Nação, ha poucos seculos civilisada, aprecia o seu medicinal *Lago Eupatorie*, na *Crimea*. [32] Com razão disse M.me de Staël: « *C'est une qualité dans les individus que l'obnégation de soi-même et l'estime des autres; mais le patriotisme des nations doit être egoïste.* » O maior obstaculo que antigamente se encontrava para levar-se a cabo a louvavel idéa de se estabelecer um pequeno hospital no Vallo das Furnas, era a difficuldade de se lhe destinar os rendimentos necessarios para provêr ás suas despezas provaveis. Hoje porém, segundo a nossa humilde opinião, em grande parte está aplanado este embaraço; por quanto, produzindo o Districto da Ilha de S. Miguel um quantioso rendimento, proveniente dos bens dos Conventos supprimidos, bens de origem particular, e não real, bens doados pelos generosos o pios padroeiros d'esses Conventos, que elles edificaram para abrigo e sustentação das suas parentas desvalidas, devendo ter alguns d'esses bens reversão para os herdeiros do doador, segundo certas clausulas expressas; bens adquiridos em grande parte com a sacola de porta em porta dos religiosissimos Michaelenses; nada mais conforme com os principios de justiça distributiva do que concederem-se alguns d'esses bens para

um estabelecimento, cujos beneficos effeitos não só d'elles se utilisará a familia açoriana, mas todos os individuos da Nação Portugueza, que d'elles se quizerem utilisar. Algumas doações de bens ecclesiasticos já se fizeram á Misericordia da Cidade de Ponta Delgada, [35] e ultimamente á Camara da referida Cidade, [34] modificando-se d'este modo a Lei de 17 de Maio de 1832 (Decreto n.° 25), tit. 1.°, art. 1.° Aqui militam os mesmos motivos — *a conveniencia publica*; e talvez o decoro d'uma Nação, e os brios d'uma Ilha, que hoje, mais do que nunca, é visitada por distinctos estrangeiros, sabios viajantes, e pessoas do Corpo Diplomatico. [33] Os rendimentos dos Conventos supprimidos no Districto da Ilha de S. Miguel, deduzidas as despezas do Culto Divino, e a dos Egressos, ainda produz em sobras a quantia de 11:612$046 réis.

Rendimento geral	43:615$619
Prestações aos Religiosos de ambos os sexos	29:296$080
Encargos dos bens	1:117$493
Culto divino	1:600$000
Importancia geral	32:013$573
Deficit	3:613$143
Sobra	15:215$189
Resultado de sobras	11:612$046 [36]

A Camara de Villa Franca tinha a seu cargo n'aquelle Valle tres casas de banhos, com as quaes só despendia nos repetidos concertos, e nenhum interesse d'ellas tirava, porque gratuitamente as franqueava ao publico. A primeira casa, no sitio da Ribeira, que fica no meio do Valle, (e são vulgarmente chamados *banhos da Ribeira*) foi feita pelo afamado *Padre Anjos*, franciscano, conhecido na Ilha do S. Miguel pelo *Padre mais digno*, irmão do Padre Luiz Bento; e uma mulher, a quem ficou a propriedade d'esta casa, a vendeu á Camara de Villa Franca. A segunda casa é a dos *banhos das Quenturas*, feita por intervenção do Corregedor Veiga, como n'outro lugar já dissemos. A terceira é a dos *banhos das Misturas*, feita com o producto d'uma subscripção, e com donativos de muitos particulares, sendo promovida esta subscripção pelo Sr. Commendador José Caetano Dias do Canto e Medeiros, da Ilha de S. Miguel, e seu tio, José Pacheco de Castro, o qual, além de subscriptor, foi o Inspector das obras; tornando-se digno de ser mencionado, pelo seu generoso patriotismo, Francisco José Peixoto, o qual offerecêra toda a cal que se gastasse, vindo a realisar um donativo talvez de vinte moios. Além d'estes banhos ha outros particulares. Os do Ex.^{mo} Barão das Laranjeiras, construidos em 1827; cujos terrenos parte

pertencia a José Moniz, e parte era *baldio*, importando-lhe a compra o construcção da casa e tanque em 485$975; os do Consul Americano, Thomás Hickling; os que foram de João José da Silva Loureiro, que, segundo dizem, foi a segunda casa de banhos que houve no Valle; e os do fallecido Francisco Botelho d'Arruda São Paio, ha poucos annos construidos. Sendo o Lugar da *Povoação* elevado á cathegoria de Villa, passou o dominio d'estes banhos da Camara de Villa Franca para a da *Povoação;* sem que porém tenha imposto algum tributo nos ditos banhos, se bem que já se fallou n'isso: lembrança esta, que reclama o prudente pensar d'aquelle Municipio. O Valle das Furnas, posto que não esteja arruado regularmente, tem algumas estradas em diversas direcções, porém pouco arborisadas; seus terrenos, orlados em grande parte, de verduras, e de variadas plantações, seguindo a constante desigualdade do terreno em toda a sua prolongação, e outros cortados de ribeiras, offerecem uma vista magestosa e alegre: de quando em quando, sob diversos pontos, varía o quadro, e manifesta pequenos panoramas, que formariam uma collecção de agradaveis paizagens. Um viajante inglez assim se expressa: «Elevados outeiros cubertos de verdura, limpidas correntes serpeando por amenos valles; arvores produzidas sem cultura, aqui solitarias e dispersas, alli accumulando-se em florestas, e pomares, devem necessariamente ser favoraveis ao prazer romanesco....» [57] Ha trinta, ou quarenta annos, este Valle tinha abundantes e annosos alamos pelas bordas dos caminhos; e quasi todos os serrados eram divididos por vistosas fileiras d'elles; mas o interesse roubou essa belleza, o braço *arboricida* ferio-lhes o pé com o cortante ferro, *para exportação das caixas de laranja!* Infelizmente não tractaram de substituil-os, plantando outros, que depressa cresceriam, pela muita propriedade do terreno para criar arvoredo. Um viajante intelligente, escrevendo ha poucos annos sobre o que observou nas matas do Valle das Furnas, assim se expressa: «O terreno (do Valle), que é productivo, e o temperamento d'uma atmosphera quente e humida, ao mesmo tempo contribuem para o bello desenvolvimento, talvez pouco util, *das arvores,* as quaes crescem rapidamente a uma altura arrogante, em quanto que a *casca d'ellas* conserva o macio, e a consistencia d'um tronco novo.» Todavia ainda é agradavel a vista d'estes sitios, enriquecidos de muitas casinhas, ora de telha, ora de palha, que formam um pequeno bairro, patenteando ao viajante a pobreza dos moradores d'este Valle; porém rapidamente elle formará outra idéa da riqueza d'alguns dos seus proprietarios. Elle encontrará o palacete do Morgado Gil Gago da Camara, bem situada casa, uma das maiores, e que tem melhores commodidades: foi construida ha poucos annos, com madeiras do Valle das Furnas, cortadas nas matas dos Sr.' Pachecos. Elle encontrará a casa nobre, que no anno de 1823 mandou construir o Ex.^mo Barão das Laranjeiras; casa denominada, com alguma propriedade, *das*

Prazeres; tendo comprado os terrenos, em que está edificada, bem como o *quintal,* a Francisco de Mello, a Joaquim Francisco, e a Antonio Joaquim, todos habitantes do Valle; vindo a despender, até o total acabamento das obras, a quantia de 3:249$395 réis, accrescendo a circumstancia de que muitas das madeiras eram do Valle. Elle encontrará a casa edificada no anno de 1814, por Francisco Pacheco de Castro, situada em um lugar elevado, quasi no centro do Valle, e dominando todos os terrenos adjacentes gosa dos melhores pontos de vista: os soalhos d'esta casa, feitos de pinhos das suas matas das Furnas, estão perfeitos, não obstante a nimia humidade d'aquella sitio. A madeira de pinho do Valle das Furnas, segundo nos informaram pessoas competentes, é a melhor, e a de mais longa duração, que ha na Ilha de S. Miguel, senão a unica capaz para soalhos, porque as mais no fim de dous ou tres annos estão carunchosas. Uma opinião errada, filha da ignorancia da *Historia Michaelense,* fez dizer a um viajante: «que a *Villa* fôra alli (no Valle) edificada de proposito para accommodar os doentes, que precisassem de banhos a aguas das Furnas:» [37] porém, pelo que historiámos no Capitulo I, fica destruida esta opinião, e estabelecida a verdadeira origem d'esta povoação. No sitio denominado d'Alegria, em razão de ter alli havido uma Ermida da invocação de Nossa Senhora d'Alegria, e uma *Residencia* dos Padres Jesuitas, com uma grande mata, que elles formaram, corpos de terras, que elles primeiro rotearam, n'este lugar, dizemos, ainda hoje se vê grande cópia de pinheiros, castanheiros, alamos, e faias; extensas matas, que seus possuidores tem sabido conservar. O dominio d'estas matas, assim como de grande carpo de terras, passou do Real Fisco para Antonio Boaventura Pacheco da Camara, d'este para seu filho Francisco Jeronymo Pacheco de Castro, e d'este para seus herdeiros, o Sr. João Silverio Vas Pacheco de Castro, e seus irmãas. Francisco Jeronymo augmentou a plantação, e ha toda a probabilidade de que elle ainda encontrasse alguns pinheiros do tempo dos Padres Jesuitas. Das sementes de pinheiros, que mandou para a Ilha de S. Miguel o Ministro de Marinha, D. Rodrigo de Sousa Coutinho (depois Conde de Linhares), ao negociante Nicolau Maria Raposo d'Amaral (um dos primeiros plantadores de matas d'aquella Ilha), e ao Governador, que então era, o referido Francisco Jeronymo Pacheco de Castro, semeou elle, e fez essas matas d'Alegria, no Lugar das Furnas. Afóra estas matas, a Fazenda Publica possue uma, e mui grande, que pertenceu ao supprimido Convento das Freiras de S. João de Ponta Delgada; cuja mata terá dois moios de terreno com boas madeiras de castanheiros, faias, e alamos; não propriamente no Valle, mas no caminho que vai para a *Ribeira Quente,* e sitio denominado das *Camarinhas.* Quem plantou esta mata foi Francisco Jeronymo Pacheco de Castro, cujos herdeiros litigaram por muito tempo com as Freiras

D. Marianna d'A. A. C. Amaral e Freitas, lith.

Vista do Sitio das Calderas no Valle das Furnas.

sobre essa propriedade, e melhoras, que vieram a receber. Ha n'este sitio uma cascata natural, que a vêl-a e gosal-a convida as pessoas meditabundas, e apreciadoras das bellezas naturaes. O Lugar das Furnas, tendo pertencido a Concelhos, que possuem poucos rendimentos municipaes, não ha recebido das respectivas Camaras aquelles melhoramentos, de que por ventura carece, e de que é susceptivel: todavia, quando o benemerito Commendador Nicolau Anastacio de Bettencourt, ex-Secretario Geral d'aquelle Districto, servia de Governador Civil, ao seu patriotismo e zêlo, que sempre manifestou pelo bem publico, se deveram algumas providencias conducentes aos melhoramentos d'aquelle Valle: taes foram as duas pontes de pedra para substituir as de páo, e o melhoramento do caminho, que conduz á fonte denominada d'*Agua azeda* (7 de Setembro de 1841); a construcção de outra estrada, que conduz ás aguas ferreas denominadas do *Sanguinhal* (27 de Março de 1841); e os tão necessarios reparos na *Caldeira grande* (14 d'Agosto de 1841). Um dos mais benemeritos Michaelenses, com quem nos relacionámos n'aquella Ilha (e talvez o mais sabedor das cousas da sua Patria), constando-lhe que tinhamos entre mãos estes trabalhos, escreveu-nos em 11 de Junho do corrente anno, dizendo-nos o seguinte: « Haverá poucos lugares onde a Natureza espalhasse tantas bellezas, e onde a arte tão pouco lhe tenha dado uma demão. A abertura de mais alguns caminhos no interior do Valle; bordados estes, e os que existem, de arvoredos; e alguns passeios pelas margens d'uma e outra ribeira, quando mais não fôsse, tornariam muito aprazivel aquelle Valle. Mas qual será a mão, que obre esses enfeites, *de que resulta só recreio?* Não a conheço, nem creio que haja alguma, que se abra para tal fim. Só se a sorte arremeçar para aqui algum *estrangeiro* dos que tem gosto para isso. Perdôem-mo os patricios. O passado, e o presente nos faz conjecturar do futuro. »

Para o leitor formar uma idéa mais clara do lugar quo acabamos de descrever, lhe offerecemos na Estampa 3.ª um *desenho*, tirado em 1839, da *Vista do sitio das Caldeiras no Valle das Furnas*, com a seguinte declaração dos lugares apontados na mesma Estampa.

A — Pequena ribeira, cuja nascente fica por detraz da casa dos banhos do Ex.^{mo} Barão das Larangeiras; e vem correndo em direcção ao lugar onde está a letra **A**; recebendo em seu curso os despojos dos mais banhos, que estão marcados com as letras **C**, **E**, **F**; e igualmente recebe as aguas que nascem de algumas caldeiras pequenas, que lhe ficam proximas.

B — Bosque de faias, adjacente ao banho do Sr. Hickling, que elle plantou.

C — Casa de banho do Sr. T. Hickling.

D — Caldeira grande, que fornece a agua para os banhos **C**, **E**, **F**, e para outros novos, que fez Francisco Botelho, acima do banho **C**, aonde se vê a letra **H**.

E — Banho denominado do *Loureiro*.

F — Casa de banho do Ex.^{mo} Barão das Laranjeiras.

G — Na barreira proxima ao **G** está uma nascente d'agua ferrea, que o Sr. Mousinho analysou, e em que poz um marco com o n.° III.

H — N'este lugar Francisco Botelho ultimamente construio uma casa para banhos.

I — Pequena caldeira, mas fervendo sempre com impetuosidade.

J — Vapôres que se elevam a pequena altura, e a certa distancia são imperceptiveis.

K — Cume dos montes que cercam o Valle das Furnas pela parte do S.

L M N — Terras divididas em serrados por combros de silvas, e alguns alamos, que ficam ao Poente das caldeiras.

O — Cume dos montes que cerca o Valle pela parte do N.O.

P — Caminho que vem da povoação chamada *Sanct'Anna;* passa pelo meio do sitio das caldeiras, e segue para o denominado d'*Alegria*, onde ha muitos casaes: dirige-se para a *Serra do Trigo*, e é caminho para a *Villa da Povoação*.

Q — No primeiro plano d'este desenho, onde está collocada a letra **Q**, fez-se, já depois d'esta Estampa estar desenhada, um caminho alto de quatro a cinco palmos sobre duas paredes, para evitar a passagem por cima d'agua que alli ha.

Releva notar, que esta porção do Valle, que exhibimos, tem tido, depois

que alli estivemos, algumas alterações, postoque pequenas: o caminho, que sobe do baixo das caldeiras para o Nascente, teve mudanças para a esquerda, suppondo-nos com as costas para o Oriente.

Reservámos para este lugar a casa, que no Valle possue o Sr. *Thomás Hickling*, para mais historicamente tractarmos d'este assumpto. Tendo chegado á Ilha de S. Miguel, no anno de 1769, *Thomás Hikling* Senior, vindo d'America Ingleza, e ouvindo fallar do Valle das Furnas, e da sua celebridade, não tardou que o fôsse vêr; e arrebatado com a belleza original dos campos, matos, e aguas diversissimas, e ao mesmo passo admirado de não vêr n'aquelle sitio encantador senão algumas *cabanas;* parecendo-lhe um lugar adequado para o homem pensador, se apressou em comprar uma pequena porção de terreno (onerado com o fôro de 1$500 réis), e fez alli construir uma casa, a qual habitava nos calmosos mezes de verão: este exemplo animou outros a imital-o, dando desde então maior apreço a este Valle. A casa do Sr. *T. Hikling* é um monumento, que marca, para assim dizer, a idade media do Valle das Furnas. Ao pé d'uma *caldeira*, que nos dizem ser n'esse tempo maior, mandou collocar um marco de pedra, no qual fez gravar o seguinte: = *Hikling* — 1770. = Este singelo monumento foi uma homenagem, que o Sr. *T. Hikling* tributou a um tal *prodigio da natureza;* e assim perpetuará, através dos seculos, este rasgo do seu genio sensivel, e das suas illustradas idéas. Seu digno e intelligente filho, do mesmo nome, actual Consul Americano na Ilha de S. Miguel, tem melhorado, e embellesado esta agradavel vivenda. A casa é abarracada, e construida sobre uma collina ao Sul do Valle, da qual gosa os melhores pontos de vista: ajardinados terrenos, e bosquesinhos rodêam esta aprazivel habitação. Entre a casa e as matinhas se exhibe um espaçoso *lago.* Ha uma ponte entre a casa e o *lago*, para o qual se desce por degráos de pedra, vestidos lateralmente de arbustos, e flôres. Que lugar tão aprazivel! Que alvergue tão proprio para o homem pensador, que longe dos tumultos da Cidade, e dos *Protheos da politica*, sabe recrear-se na solidão dos campos, lendo pelo variadissimo e instructivo livro da natureza, d'essa natureza, que é sempre vária, e sempre a mesma! Esta morada, que parece convidar o viajante a vir lançar sobre o papel as idéas de que fica repassado depois de observar o maravilhoso quadro do *Valle das Furnas;* esta muda republica de arvores, que offerece sombra e frescura aos homens de todas as opiniões, e de todas as crensas; que abriga com a sua coma os amantes, assim nos transportes da sua affectuosidade como nas transicções dos seus queixumes; o espaçoso, mas sereno lago, que parece de verde vidro, dando a este pequeno Oceano um certo ar de magestade, tudo nos impressiona de suaves sentimentos, e de idéas tão creadoras de outras idéas. Aqui

se gosa toda a magia d'este lugar. Mais d'uma vez nos veio á nossa reminiscencia estes versos do Cantor dos Jardins:

« Habitava os jardins outr'ora o sabio,
Doutrinando os mortaes mais ledo que hoje.
¿ Quando a sabedoria Elysios teve,
Ereis vós, dons do Ceo, talvez palacios ?
Não : vós ereis um prado, um rio, um bosque,
De imperturbavel paz ditoso abrigo.
Os Latinos Heroes, de Marte os filhos,
Depois que Roma agrilhoava o Mundo,
Davam repouso ameno á gloria, ao raio
Em frescas hortas, que a victoria ornára. »

À vista da seguinte *vinheta* o leitor formará uma idéa mais exacta d'esta morada verdadeiramente poetica.

Jardim e Lago do Consul Americano

NOTAS AO CAPITULO II.

1

Em antigos tempos havia tão copioso numero de canarios na Ilha de S. Miguel, e eram tão apreciados em Portugal, que todos os annos aportavam áquella Ilha dons Navios para conduzirem estes *passageiros* para Lisboa, sendo a carga batata doce. Quando investigámos os livros d'Alfandega da Cidade de Ponta Delgada, nos das cargas encontrámos esta curiosa noticia.

2

Alludimos á erupção de 1630, de que adiante tractaremos.

3

T. A. — History of the Azores. London 1813.
Na pag. 31, lin. 32, lêa-se : == Oh! espectaculo admiravel e assustador!

4

J. M. da Costa e Silva — O Passeio, Poema.

5

T. Adisson.

6

Pelo fallecido Brigadeiro José Carlos de Figueiredo no anno de 1820.

7

Pelo Reverendo Padre Mestre João José d'Amaral, actual Lente de Philosofia na Cidade de Ponta Delgada. Este Michaelense é um dos Ecclesiasticos mais illustrados das Ilhas dos Açôres.

8

Pelo Sr. José Augusto Cabral de Mello e Silva, digno Secretario da Camara Municipal da Cidade d'Angra. O nome d'este litterato, oriundo da Ilha Terceira, se tem feito conhecido pelas suas publicações poeticas; e tanto as originaes, como as versões, tem recebido os encomios de Juizes competentes. Veja-se no *Pantólogo* n.° 23, anno de 1845, o *Juiz Critico*, que fez o nosso publicista o Sr. *Silvestre Pinheiro Ferreiro*, á versão do *Abencerage* de M. de *Chateaubriand*, ultimamente publicada pelo Sr. José Augusto.

9

Este termo, diz o Sr. Mousinho, é o unico, que conhecemos proprio para designar a especie de terreno, que vamos descrever; a, postoque italiano de origem, tomámas a liberdade de o adoptar, do mesmo modo que o tem feito os Naturalistas d'outras Nações.

10

Observações sobre a Ilha de S. Miguel, pag. 37 e seguintes.

11

Ibidem.

12

Promemoria sobre o Ilheo da Villa Franca do Campo, pelo Tenente do Castello de S. Braz da Ilha de S. Miguel, José Ricardo da Costa Gama. Manuscripto inédito: o original existia em casa do Conde do Linhares: o Sr. Morgado José Caetano Dias do Canto e Medeiros, da Ilha de S. Miguel, possuo uma cópia, ainda que com muitos erros; nós possuimos outra.

13

Jornal Encyclopedico de Lisboa, do mez de Maio de 1793, pag. 396 e seguintes.

14

Esta é a mais antiga data que encontrámos do uso d'estas aguas, applicadas medicamente.

15

Veja Descripção das Aguas Mineraes das Furnas, por Felix de Valois e Silva, já citada.

16

Ibidem.

17

Livro Novo do Tombo da Camara de Villa Franca do Campo, fol. 463.

18

Real Archivo da Torre do Tombo. Corp. Chr. Part. 1.ª Maç. 73. Doc. 37.

No anno de 1521 houve perto de Villa Franca do Campo, no Lugar d'*Aguadalto*, uma pequena *Gafaria* estabelecida por um Padre rico, denominada *Hospital dos Lazaros*, no qual a expensas suas aram curados e sustentados até o numero de 12.

19

Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino. Liv. 1.º do Ultramar, fol. 6 v.

20

Encontrámos este Aviso a fol. 246 v. do Liv. 9.° da Camara de Ponta Delgada; mas *tão mal redigido* ou (pelo menos) *tão mal registado* o achámos, que nos envergonhámos de o transcrever. O affecto, que ainda consagrámos á Secretaria d'Estado da Marinha, onde n'outr'ora servimos por espaço de annos, nos aconselhou a omittir o transumpto d'este Documento.

21

Livro 9.° da Camara de Ponta Delgada, fol. 246 v.

22

Vej. Dictionaire Univ. et raison de Medic. de Chirurg. et de l'art Veterenaire, tom. 2.°, pag. 185, anno 1772.

23

T. A. — History of the Azores, London 1813.

24

Resumo de Observações Geologicas — feitas em uma viagem ás Ilhas da Madeira, Porto Santo, e Açôres nos annos de 1835 a 1836.

25

A Descripcion of the Azores or Western Islands. — By Capitain Boid, pag. 142, anne 1835.

26

A Winter in the Azores; and a summer at the Baths of the Furnas. — By Joseph Bullar, M. D. and Henry Bullar, of Lincoln's inn. London 1841.

27

Forner's Elements of Chemistry, 5.th edit. 1834, pag. 1028.

28

No anno de 1840.

29

A Winter in the Azores, vol. 2.°, de pag. 345 a 362.

30

Commentarios Medicos de Edimburgh, Decada 2.ª, Tom. 16, pag. 232, Sec. 2.ª, Art. 1.°, anno 1791.

31

Entre-Douro e Minho: Santo Antonio das Taipas, Braga, Caldas, Caldallas do Renduffe, Canavezes, Entre-rios, Gerez, Guimarães, Monsão, Padreiro. — Traz-os-Montes: Carlão, Chaves, Favaios, Murça, Penaguião, Pombal d'Auciães, Ponte da Cavez, Porraes, Rede. — Beira: Alcafache, Aldêa Nova, Almeida, Almofala, Alpraadz, Aregos, Azenha, Cauas do Senhorim, Carvalhal, Santa Comba-Dão, Corvaceira, Ervendros, Freixlalinho, S. Gemil, Grajal, S. Jorge, Lagiosa, Linhares, Longroiva, Luso, Mantoigas, Moledo, Monfortinho, S. Pedro do Sul, Penagareia, Penamacôr, Piuhel, Pranto, Ranhados, Rapoila de Côa, Ribeira do Boi, Treixedo, Vinha da Rainha, Unhaes da Serra, Zebras. — Estremadura: Alhandra, Brancas, Caldas da Rainha, Caseaes, Estoril, Gaiciras, Leiria, Lisboa (Alcaçarias do Duque, Alcaçarias do D. Clara, Chafariz d'El-Rai, Chafariz de Dentro, Banhos do Doutor, Chafariz da Praia, Bica do Çapato, Caes do Tojo), Maiorca, S. Mamede, Monto Real, Povoa de Coz, Rio Maior, Rio Real, Torres Vedras, Valle do Flores, Vimeiro. — Alemtéjo: Aljustrel, Arez, Belver, Cabeço da Vide, Gafete, Gavião, Maria-Viegas, Mertola, Monte de Pedra, Ouguolla, Portalogre, Ribeira de Vida, Souzel, Tolosa, Vimieiro. — Algarve: Monchique, Tavira.

32

Em alguns periodicos d'esta Capital appareceu ultimamente uma descripção d'este celebre Lago; e por isso nos abstivemos de a fazer.

33

Carta de Lei de 30 de Julho de 1839.

34

Dita de 13 de Março de 1845.

35

O Secretario da Legação Prussiana, o Cavalheiro *Carlos de Savigney*, no anno de 1843 visitou a Ilha de S. Miguel, munido d'uma Portaria do Governo, a fim de se lhe prestarem todos os esclarecimentos que exigisse nas suas investigações, as quaes fez através de immensas difficuldades, dando provas da sua intelligencias, e vastos conhecimentos. Nós tivemos a honra de ser procurados para lhe subministrar algumas noticias,

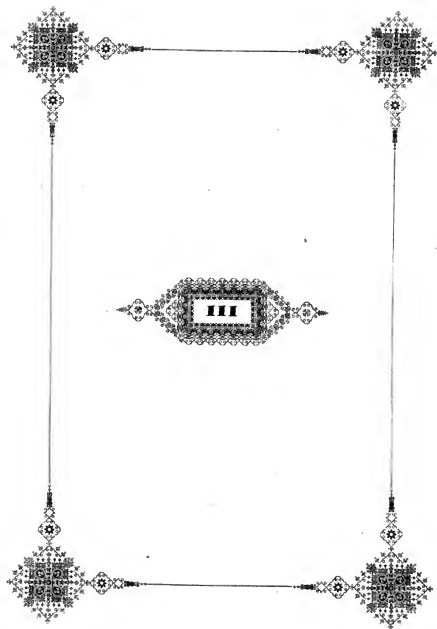
36

Archivo do Governo Civil da Ilha de S. Miguel.

37

T. Addisson.

38

Ibidem.

EREMITAS DO VALLE DAS FURNAS.

« Os Prophetas são louvados pelo seu viver longe das turbas: o perfeitissimo dos homens depois de Christo, o Baptista, vive no ermo, e é approvado: o Salvador mesmo prega como perfeição, o romper por todas as ligações da casa, da familia e do haver para o seguirem, retira-se a miudo para a montanha e para o deserto a orar e jejuar, e chegado o prazo de aparelhar para a morte, até dos seus Apostolos e Discipulos se retrahe para se entregar na oração. »

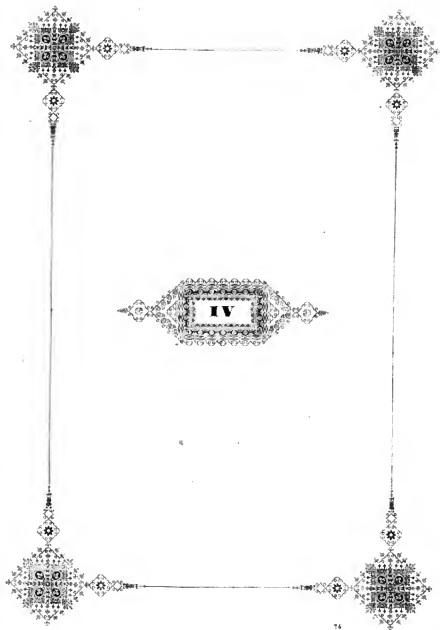
A. F. de Castilho — *Jorn. das Bell. Art. n.º 2 pag. 20.*

Sendo Capellães do Hospital Real de S. José, no anno de 1614, os illustrados e orthodoxos Padres *Diogo de Barros*, e *Manuel Fernandes*, desejosos de viver em lugar retirado do bulicio da Côrte, pelo amor que tinham á vida contemplativa, acceitando o alvitre do Padre *Luiz Ferreira*, oriundo da Ilha de S. Miguel, embarcaram todos tres para a dicta Ilha no dia 1.º de Maio de 1614. Desembarcando em *Villa Franca do Campo*, e obtida a permissão do Ouvidor Ecclesiastico para viverem vida eremitica no Valle das Furnas, immediatamente partiram para o seu destino. Alli chegados, caritativamente os hospedou um Ermitão, que vivia em uma choupana contigua á Ermida de Nossa Senhora da Consolação. Como esta nova *Thebaida*, no centro da Ilha, estava distante das povoações, e os povos ignoravam a chegada d'estes humildes varões, soffriam os Eremitas a privação do necessario alimento; postoque o caridoso Padre *Antonio Moreno*, Vigario da Parochial de *Ponta Garça*, os soccoresse algumas vezes. Desalentados porém com as faltas que soffriam, projectaram regressar para Lisboa, em uma caravella fretada pelo distincto *Fernão Corrêa de Sousa* (da estirpe dos Condes de Soure), o qual, pela primeira e segunda

vez, com suasorio esforço os dissuadio d'este intento, promettendo-lhes ao mesmo tempo mandar-lhes dar mensalmente uma esmola alimenticia. «Quereis gosar prazeres.... verdadeiros (dizia Blanchard), tão dignos d'uma bella alma? Vivei para os outros, vivei para premiar o merecimento, proteger a innocencia, e soccorer o afflicto.» Dous annos depois dos Eremitas se haverem estabelecido no Valle das Furnas, isto é, em **1616**, começaram alguns Michaelenses a seguir a vida eremitica na companhia d'estes Anachoretas, os quaes foram protegidos pelo Conde de Villa Franca, *D. Manuel da Camara* (segundo do nome) até o momento da sua morte, deixando determinado em seu testamento, que entregassem a estes Eremitas todos os materiaes que elle havia comprado para reedificação da sua Ermida de *Nossa Senhora da Consolação*, bem como da sua casa; e outrosim, que lhes fosse abonada a quantia necessaria para fundarem o Conventinho, que desejavam edificar n'aquelle lugar. «Não ha cousa mais estimavel e bella (disse um illustrado escriptor) quo a nobreza de sangue juncta á nobreza do coração; é uma safira engastada em ouro purissimo.» Assim auxiliados os Eremitas, puderam construir um Convento com muitas accommodações. Indo á Ilha de S. Miguel o Bispo *D. Agostinho Ribeiro*, demorando-se alguns dias n'este Convento, quando se ausentou para a Ilha Terceira, louvando aos Eremitas a vida penitente que seguiam, os fez seus penitenciarios, permittindo-lhes que expozessem o Sanctissimo, e tivossem os Sanctos Oleos; bem como que desobrigassem na Quaresma todas as pessoas que andavam nos matos, e ao mesmo tempo os aconselhou a que as exhortassem, para que fossem á missa nos dias de preceito. Da Ilha Terceira lhes escreveu, com affectivas expressões, enviando-lhes uns *Estatutos* em dezeseis artigos. Sobrevindo os violentos e repetidos tremores, e logo depois a pavorosa erupção, occorrida no Valle das Furnas em a noite do **2** para **3** de Setembro de **1630**, espavoridos os Eremitas se apressaram a salvar o *Sanctissimo*, a Imagem de Nossa Senhora da Consolação, e outras mais. Os pastores, e muita gente, que n'aquelle dia andava na apanha da baga de louro, correram para a Igreja, orando e exclamando ao Pae das Misericordias; desabando porém a Ermida pedaço a pedaço, apavorados com este espectaculo, e como alheados de si, correram uns para os montes, outros para os matos, cujas arvores estalavam. Recrescendo os abalamentos, o sendo mais a miudo os tremores, viram os Eremitas que ía pelos ares uma grande parte da serrania, quo estava entre as duas lagoas, das quaes saíam immensas chammas de fogo, elevando-se a grande altura. Desalentados, e temendo as funestas e incalculaveis consequencias, cada um tractou de salvar as vidas; e levando comsigo os objectos sagrados, saíram do Valle, e se internaram nos bosques, seguindo differentes veredas. Na seguinte manhã uns se acharam no lugar da *Maia*, outros em *Porto Formoso*, outros, não sabendo os caminhos, ficaram nos matos, reunindo-se depois

em Porto Formoso. No dia 4 de Setembro todos os Eremitas accordaram ir para a *Ribeira Grande* com o Sacrario, e mais Imagens, o que effectivamente fizeram, sendo recebidos na *Ribeirinha*, na Ermida do *Salvador*, em quanto ulteriores noticias não chegavam do Valle, que os animassem a regressar para as ruinas do seu Eremiterio. Os povos circumvisinhos, lembrando-se de que os Eremitas tivessem sido victimas do que observavam, espontaneamente correram a prestar-lhes os soccorros de que por ventura carecessem. Da Cidade de *Ponta Delgada* os mandou soccorrer, por mar e terra, o Conde Governador, *D. Rodrigo da Camara;* porém, quando chegaram estes soccorros, já os Eremitas se haviam ausentado. Não obstante este eversivo, e horroroso evento, derrubada a Ermida, desmoronado o Eremiterio, fugitivos e aterrados os povos limitrofes, subterradas as verduras, obstruidas as vertentes, partidas o incendiadas as arvores; sim, na presença d'este espectaculo de destruição e de morte, os Eremitas, cada vez mais contemplativos, intentaram regressar para o Valle. Desejosos de voltar para o seu Eremiterio, mandaram explorar aquelles sitios por dois homens da sua confiança, os quaes, partindo n'esto commissão, viram-se perdidos, e em perigo de vida, em consequencia de estarem os matos tão cubertos de cinza volcanica, que se não divisava cousa alguma, que lhes pudesse servir de guia: vencendo porém estas difficuldades, chegaram finalmente ao Valle, no qual só viram cinzeiro em todo elle; nem Igreja, nem casas, nem arvoredos. Novos exploradores enviaram, levando em sua companhia oito homens robustos, a fim de que empregassem as diligencias necessarias para que, rompendo o caminho, que o cinzeiro havia obstruido, entrassem na derrubada Ermida, devendo tirar d'ella quanto pudessem trazer; o que effectivamente fizeram. Mandando cavar aonde lhes pareceu que achariam alguma parte do edificio, descubriram o espigão d'um dormitorio, na profundidade de 16 palmos de cinza; e entrando, com insano trabalho, tiraram o que puderam. Decorridos 21 mezes depois da erupção, e perdidas as esperanças de volverem para o seu Eremiterio, indo-se alguns Eremitas, e ficando apenas quatro Irmãos nas casas de *D. Francisco Manuel*, cujo aluguel lhes foi exigido (por isso que a demora, ou hospedagem já era de muitos mezes), temendo-se que este concurso de circumstancias afracasse no animo do alguns dos Eremitas o seu anachoretismo, acabando por conseguinte esta Congregação, por estes motivos enviaram á Cidade d'Angra o Padre *Manuel da Purificação*, a pedir licença ao Bispo *D. João Pimenta*, para em outra parte viverem em seu instituto. No dia 1.º de Maio de 1632 partiu em uma caravella para a Ilha Terceira o referido Padre; porém, tendo o piloto errado a derrota, naufragaram na barra de *Vianna*. Chegando a Lisboa em Agosto d'aquelle anno o Eremita commissionado, e dirigindo-se ao *Colleitor*, lhe expôz tudo quanto versava sobre a Congregação, significando-lhe que ella desejava

perservar em seu instituto, para o que lhe supplicava um Breve. Annuindo o *Colleitor* ás razões expendidas, lhes concedeu licença para reedificarem a Ermida do Valle das Furnas, e continuarem n'ella os seus exercicios, sob a obediencia do Bispo d'Angra, ou se recolhessem n'outra, que aprouvesse ao Prelado. Com este propicio resultado chegou o Padre *Manuel da Purificação* á Ilha de S. Miguel, em 20 d'Agosto do dicto anno. Desembarcando no caes de Ponta Delgada, pressuroso partiu para a Villa da Ribeira Grande; porém já alli não encontrou os seus companheiros, os quaes, por deliberação do Bispo D. João Pimenta, tinham ido para a Ermida de Nossa Senhora da Conceição do Valle de Cabaços, na Villa d'Agua de Páo. N'este entrementes, chegando á Ilha de S. Miguel o Bispo D. João Pimenta, lhes confirmou o Breve em 10 de Novembro de 1633. Obtida esta confirmação, construiram mais espaçosa casa para morar, coadjuvados pelos donativos dos povos, e alli collocaram a Imagem de Nossa Senhora da Consolação, que originariamente estivera na Ermida das Furnas. O Conde D. Rodrigo da Camara lhes accrescentou uma cella com outro quartinho immediato, em que se recolhia quando pousava n'este sitio. Depois de assim fixados na Ermida do Valle de Cabaços, continuaram a receber a maior protecção não só das pessoas distinctas, e dos povos d'aquella Villa, como tambem dos nossos Soberanos.

Temos dado a summa das diversas noticias que encontrámos relativamente á Congregação dos Eremitas do Valle das Furnas: e postoque tivessem tomado a denominação de *Padres Calouros*, depois de estabelecida em *Valle de Cabaços*, continuando até á suppressão dos Conventos da Ilha de S. Miguel, no anno de 1834, todavia aqui cortâmos a historia d'estes Eremitas, porque reservâmos as noticias da sua segunda epocha para quando publicarmos os nossos *Apontamentos sobre a Historia Ecclesiastica da Ilha de S. Miguel.*

ERUPÇÃO NO VALLE DAS FURNAS EM 1630.

Penedos enormes, que tufões subterreos
Expellem.....................................
Ou de horrisono bojo.... em furias,
Cujas entranhas, que abrazadas dentro
Telli ferviam em cachões de fogo,
Erguem-se agora de tufões pungidos,
Furibunda explosão jogando aos ares,
Crestando largo espaço que povoam
De mephitico cheiro, e negro fumo.

P. M

PARECENDO exaggeradas e contradictorias as noticias chegadas da Ilha de S. Miguel a Lisboa, ácerca da espantosa erupção occorrida no Valle das Furnas na noite de 2 para 3 de Setembro de 1630; e tendo este successo causado na Côrte a maior consternação, desejou o Governo receber uma informação pormenor de todo este acontecimento. Para um tal fim o Conde do Villa Franca, D. Rodrigo da Camara, Governador e Capitão Donatario da referida Ilha, que n'aquelle tempo alli se achava, determinou ao Padre Jesuita, *Manuel Gonçalves* (que era um dos melhores Pregadores do Collegio da Cidade de Ponta Delgada), que fizesse uma larga *Relação* ou *Memoria Historica* do referido succedimento, da qual tambem havia sido incumbido pela Sancta Obediencia. Effectivamente cumprio o Padre *Manuel Gonçalves* o de que fôra encarregado, escrevendo uma particularisada narrativa, que occupou mais de dez folhas de papel, a qual o supracitado Conde de Villa Franca enviou a Sua Magestade, e mandou extrahir dois apographos, remettendo um á Condeça sua esposa; e outro a seu tio, o Bispo de Lamego, que depois foi nomeado Arcebispo d'Evora. D'esta circumstanciada *Noticia* fez o dicto Padre *Manuel Gonçalves* a *Summa*, que depois se acostou ao manuscripto inédito do Dr.

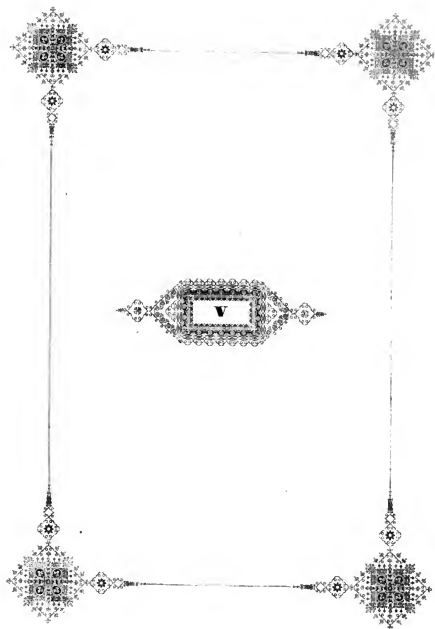
Gaspar Fructuoso, do que n'essa epocha eram possuidores os Padres Jesuitas do Collegio de Ponta Delgada, e hoje o Ex.mo Visconde da Praia. O Padre Cordeiro, na sua Historia Insulana, capitulo 12, § 95, pag. 164, promette substanciar esta *Summa*; porém se em alguns pontos a epilogou, em outros ampliou-a. A mencionada *Summa* não honra o seu auctor; todavia, como é d'aquella fonte que todos hão recebido as noticias concernentes á erupção de 1630, nós, auctorisados com esse exemplo, trasladaremos substancialmente essa *Summa*, additando-a com o mais que se lê na Historia Insulana, e que encontrámos em nossas investigações.

«Aos 2 de Setembro do anno de 1630, das nove para as dez horas, estando o tempo sereno, e o ceu limpo, subitamente começou a tremer a terra com tantos e tão continuos tremores, que os moradores, saindo das casas, com o temor de que lhe caissem sobre as cabeças, andavam muito atemorisados, e com bastante fundamento, porque alguns dos abalos foram tão grandes, que o relogio da Cidade (sino de boa grandeza) chegou, com a força do abalo, a dar tantas e tão apressadas horas, quo parecia rebate de guerra (por ser o som que se costuma dar em occasiões que o pedia); temendo todos que a torre em que estava viesse logo abaixo, e apoz olla as mais casas e edificios: continuando os terremotos d'esta sorte até ás duas horas depois da meia noite, arrebentou de improviso um furioso fogo, com grande estampido, em certo ponto da Ilha, chamado a *Lagoa Secca*, não mui longe do sombrio *Valle*, quo todos commummente chamam as *Furnas*; cujo immenso arvoredo ardeu quasi todo, e com elle grande cópia de gado, que no mesmo tempo andava no Valle pascendo; e o quo mais se sentio foi a perda de muita gente, que n'essa occasião pereceu, victima da explosão, parte d'ella queimada, e parte subterrada. O maior numero das pessoas que morreram, andavam apascentando os gados, e colhendo baga de louro bravo, de que estraíam a parte oleosa para luzes (o que ainda usa a classe indigente de algumas povoações da Ilha): tambem foram victimas algumas pessoas, que estavam em suas vinhas e quintaes. O numero dos que assim acabaram, segundo a diligencia que sobre isso houve, acharam ser de 191 pessoas. Foi tal a vehemencia do abalo no momento da explosão, que derrubou e arrazou as Igrejas, e grande numero de casas de dois lugares inteiros, um chamado *Ponta da Garça*, distante do Valle perto d'uma legua, e outro *Povoação*, que dista algumas duas leguas, ficando quasi despovoada.»

Em uma noticia inédita lemos, que em *Ponta Garça* pereceram mais de 80 pessoas, que andavam colhendo uvas, e a'outros misteres, cubertos da cinza volcanica; de maneira que nem appareceu o lugar em que estavam as referidas vinhas. As Religiosas de Villa Franca (cuja Villa tambem soffreu com os violentos

tremores) saíram cincoenta e tantas para o Convento de Nossa Senhora da Esperança de Ponta Delgada, ficando em Villa Franca umas quatro ou cinco, as quaes, por serem já muito velhas, não foram, ficando porém na Villa, em umas casas que lhes foram offerecidas. «O quo mais atomorisou todos os habitantes da Ilha foi a muita cinza que, durante tres dias e tres noites, chovou sobre ella, começando na manhã do uma quarta-feira, que, com razão, se podia chamar quarta-feira do cinza; e foi ella tanta, que em algumas partes chegou a 10 e a 12 palmos de altura, e em outras a 20 e 30, ficando algumas pequenas casas subterradas até aos telhados, alongando-se a tão grande distancia, que não só caío sobre a Ilha de Santa Maria, que dista d'esta 10 leguas, como tambem sobre a Terceira, que fica d'aqui distante 20 leguas, e se affirmou que chegára á Ilha do Corvo, que dista 78 leguas.» Lê-se em um inédito, que visto o incendio da Ilha Terceira, mandaram *barcos* á de S. Miguel, receiosos de que algum volcão a tivesse destruido.

«De todos estes acontecimentos, o que mais assombrou os habitantes foi o toldar-se o escurecer-se o ceo, como se fôra noite caliginosa, o que tambem aconteceu na Ilha do Sancta Maria, tornando-se em noite o dia: em S. Miguel duraram as trevas quasi todo o dia. Supposto tudo isto, o muitas outras que deixo (diz o Padre Manuel Gonçalves), se póde vêr qual andaria toda a gente d'esta Cidade o Ilha, quão assombrada, pasmada, e desconsolada, e assim tudo eram lagrimas, brados, suspiros, e gemidos, fazendo todas as Religiões, Freguezias, e Confrarias d'esta Ilha suas procissões, com muitas penitencias, havendo nas mais d'ellas *sermão*, ou alguma *prática*, com que mui facil era mover ao auditorio á devoção, e lagrimas. Mas os que mais se esmeraram n'estes sermões foram os Jesuitas, os quaes pela manhã, no tempo da primeira missa, em todos os dias que durou este phenomeno, se reuniam na Igreja, e diante do Sanctissimo rezavam as Ladainhas dos Santos, e acabada ella havia uma pratica espiritual no pulpito, para alentar o povo, que tão desanimado andava: jejuavam tambem alguns dias, e nas quartas-feiras a pão e agua, pondo-se na mesa alguns pratos de cinza, que contemporaneamente estava chovendo, para mais estimular a todos á penitencia. Fez-se uma procissão de penitencia, a qual saío do Collegio pela ordem seguinte. Das onze para o meio dia (que parecia na obscuridade ser meia noite), primeiramente caminhavam meninos em grande numero, com algumas insignias de penitencia, levando alguns d'elles penedos de differentes dimensões, e em um andor a Imagem de *Christo Menino*, a qual, com a cinza quo então chovia, parecia levar roupas pretas. Seguiam-se logo as duas Confrarias do Collegio, a dos Estudantes, denominada de Nossa Senhora da Victoria, e a dos Officiaes da Cidade, com a invocação de Nossa Senhora da Vida, contra os incendios da Ilha, indo em um andor a Imagem de

Nossa Senhora. Seguia-se o palio, preto, e o Sancto Lenho, acompanhado d'uma e outra parte com muitas tochas, conduzidas pelos Padres Jesuitas, entoando canticos, usados em taes occasiões. Immenso povo, choroso, e demonstrando os mais piedosos sentimentos. Recolhida a procissão, orou o Padre Manuel Gonçalves, sendo o thema o seguinte: *Cum es eram cuncta componens, &c.* Tambem no Domingo seguinte, quo era dia do nascimento de Nossa Senhora, tiveram os Jesuitas na sua Igreja, posto em publico, o rico Sanctuario de Reliquias, que tinham no Collegio. » E accrescenta o Padre Manuel Gonçalves: « Como o tal dia era do seu sancto nascimento, boa consciencia era pôr-se d'aquella maneira em publico, no sermão, que a Sancta Obediencia me ordenou fizesse; accommodei assim á festa do dia, como á necessidade do tempo que corria, no qual, como já ia melhorando, o aquietando mais as cousas, tomei para thema: *Et in plenitudine Sanctorum detentio mea.* » Conclue o Padre Manuel Gonçalves: « Em todos os ouvintes houve muita devoção e lagrimas. As confissões e commuohões, que n'este dia, e em todos os mais em que durou este tal trabalho, foram sem conto, sendo rara a pessoa que, em toda esta Cidade e Ilha, ficasse sem se confessar, porque todos, geralmente fallando, cuidaram que de todo o ponto acabavam. Tudo isto fica assim referido em *summa*, porque foram innumeraveis as cousas que sobre este tal caso se fizeram. »

ANTIGA FABRICA DA PEDRA-HUME NO VALLE DAS FURNAS.

« No estado actual da fabricação do alumen, em que este sal se prepara directamente em grandes quantidades, e attendendo á falta de combustiveis, que ha em S. Miguel, e ao alto preço dos fretes e seguros navaes, provenientes, para aquella Ilha, das causas já expostas, entendemos, que o restabelecimento da mesma fabrica seria pouco interessante a qualquer particular, e que de maneira alguma póde convir á Real Fazenda; pois, ainda podendo ser de grande interesse para qualquer emprendedor privado, temos por verdade economica demonstrada que os Governos jámais ganham em ser fabricantes. »

L. DA S. MOUSINHO D'ALBUQUERQUE.

A ORIGEM da fabrica da pedra-hume, que em antigos tempos existio no Valle das Furnas, está tão ligada com a historia da primeira fabrica de *pedra-hume*, que houve na Ilha de S. Miguel, no lugar das caldeiras da Villa da Ribeira Grande, que julgâmos forçoso tractar d'esta, para d'aquella o leitor ter uma noticia mais cabal.

Em differentes *Memorias* sobre este assumpto, umas, que se tem publicado, outras, que se acham inéditas, encontrámos divergencias e omissões. A *Memoria* de *Judice*, publicada pela Academia Real das Sciencias (Mem. Econ. tom. 1, pag. 300), sendo a mais apreciada, talvez por mais conhecida, offerece omissões; quanto é certo que das inéditas a mais circumstanciada e exacta é a do Dr. *Gaspar Fructuoso*. E postoque reconheçâmos que a este minucioso e primeiro escriptor Michaelense escaparam alguns pontos historicos, da sua volumosa obra vamos summariar o capitulo 92, que versa sobre este objecto, ampliando-o com o que deparámos em antigos *codices*.

No anno de 1553 foi casualmente descoberta a *pedra-hume* nas *caldeiras* da Villa da Ribeira Grande, pelo Dr. *Gaspar Gonçalves*, suppondo ser *salitre*. Mais de quatro annos depois, regressando de Salamanca o referido Doutor, voltou ás dictas *caldeiras* em companhia de um aragonez, chamado João do Torres; e tirando-se então algumas amostras de *pedra-hume*, foram encaixotadas e remettidas á Rainha no anno de 1561, sendo portador d'ellas João de Torres, que se encarregára de pedir o privilegio para ambos a poderem fabricar; porém só pedio para si.

Examinadas em Lisboa as amostras, ordenou o Governo a *Vicente Queimado*, nosso feitor em Malaga, que ajustasse em Cartagena um mestre para fabricar a *pedra-hume* na Ilha de S. Miguel, o que effectivamente fez, com pouco zêlo, trazendo um Francisco Mendes, taverneiro de Cadix, homem orgulhoso, e de pouca aptidão. Tendo estado algum tempo na Ilha, apenas preparou umas amostras de *pedra-hume*, que trouxe para Lisboa. Á vista disto, *João de Torres* tomou o arbitrio de mandar construir umas pequenas casas perto das *caldeiras da Villa da Ribeira Grande*, e n'ellas fez tres ou quatro quintaes de *pedra-hume*, em uma caldeira de chumbo, remettendo-os para Lisboa a Sua Alteza, por Gonçalo Canhoto, castelhano.

Satisfeita a Rainha, *D. Catharina d'Austria*, com as novas amostras, determinou que *Filippe Silveira* fôsse ajustar um novo mestre para a fabricação da *pedra-hume*. Com effeito, *Francisco Silveira* partio, e na fabrica, que El-Rei de Castella tinha nos *Almacarroïs*, alli ajustou *Francisco Caravaca*, que servia do *bagaceiro* (que era deitar no rio a terra, que saía da balça), com o ordenado de 260 réis diarios. Começando *Francisco Caravaca* a fabricar a *pedra-hume*, do accôrdo com *João de Torres*, declarou *que se não fazia melhor em Cartagena*: pelo que fizeram então uma boa cópia d'ella, que trouxeram para Lisboa em Outubro de 1563.

Causando grande alvoroço na Capital a noticia das novas minas de *pedra hume*, perguntaram ao mesmo *Caravaca* ¿que gente, e que cousas eram necessarias para fazer a fabrica? o qual, como tinha filhos, declarou que necessitava de quatro paleiros, um terrador o escolhedor da pedra, e um homem que tivesse o cargo de estender a *pedra-hume*, para se enchugar. Para este fim foi reenviado *Francisco Silveira*, que trouxe dois filhos de *Caravaca*, e mais tres castelhanos. Depois de chegados a Lisboa, casou *Caravaca* com uma irmã do referido *Francisco Silveira*, e um filho com outra irmã.

No fim de Setembro de 1564 se deu principio á construcção da nova *fabrica*; porém *Judice*, na *Memoria* já citada, diz que tivera principio em 1560, cujo erro attribuimos, com bastante fundamento, ás inexactidões da cópia de que elle se servio, a qual nos confiou o Desembargador *Vicente*, em 1833.

Foi nomeado feitor da Real Fazenda o benemerito *Francisco de Mariz*, e escrivão da fabrica *Pero de Paiva*. No fim d'um anno se concluio a *fabrica*, despendendo-se nos ordenados 694$000 réis; nos feitios das caldeiras 170$000 réis; a dois officiaes, que foram de Lisboa para fazel-as, *Martim Navarro*, e *Cosma Dias*, aquelle carpinteiro, e este fundidor, ambos da Casa Real, 87$300 réis: a madeira, telha, e feitio da casa, 3:257 cruzados; orçando-se o total da despeza em 2:250$200 réis. Logo que a *fabrica* se concluio, fizeram-se 190 fornadas de *pedra-hume*, tirada das caldeiras, e de outro lugar denominado as *Pedras brancas*, em que inutilmente se despendeu 857$000 réis; porque o mestre *Caravaca* falsificou a *pedra-hume* (por intelligencia do Governo de Hespanha), regando-a com agua. Orçou-se o prejuizo em 3:055$600 réis, afóra o ordenado do feitor e do escrivão.

Este acontecimento, originando desagradaveis contestações entre o feitor da real fazenda o o mestre da *fabrica*, ambos vieram para Lisboa em Junho de 1556, a fim de se queixarem perante o Governo, ficando na Ilha, como feitor, *Miguel Cabral*, o qual fez 110 quintses de *pedra-hume*, além de 78, que ficaram nos cubos. Dizia-se que em seu tempo alguma cousa lucrou a real fazenda; porém pouco depois foi substituido por *F. de Mariz*, que o Cardeal Infante nomeára *provedor da real fazenda*, e inspector da fabrica, em Alvará de 15 d'Agosto de 1556 (e não 19, como diz Judice); e postoque Fructuoso não fizesse d'elle menção, nós o encontrámos registrado no livro 2.° do *Registo antigo* d'Alfandega de Ponta Delgada, folhas 100 verso.

Regressando á Ilha de S. Miguel *F. de Mariz*, e o mestre *Caravaca*, bem como *João de Torres*, levando todos suas familias, obteve *Caravaca* um Alvará, na data de 13 de Janeiro de 1567, no qual o *Cardeal Infante* ordenou, que se lhe elevasse o ordenado a 94$900 réis annuaes, e se lhe désse uma casa da real fazenda para sua residencia; cujo Alvará, postoque d'elle auctor algum tenha feito menção, nós o achámos no livro 2.° do Registo antigo d'Alfandega de Ponta Delgada, a folhas 31.

Recomeçando *Caravaca* a fabricação da *pedra-hume*, continuando no

prejudicial methodo de aguar a *pedra-hume*, deixou perder grande cópia d'ella. Sobremaneira desgostoso o provedor da real fazenda com este novo revés, prohibio *Caravaca* de tornar á fabrica; e conseguindo que depois se fizessem 850 quintaes de *pedra-hume*, os remetteu para Lisboa, informando o *Cardeal Infante* do occorrido, e queixando-se ao mesmo tempo do mestre *Caravaca*.

Á vista da informação de *F. de Mariz*, baixou um Alvará, com data de 8 de Fevereiro de 1569, pelo qual o já mencionado *João de Torres* foi nomeado mestre da *fabrica*, com o ordenado de 300 réis diarios, conservando-se porém a *Caravaca* o ordenado, que anteriormente percebia como mestre da dicta *fabrica*, sem embargo de ficar demittido; noticia esta, que postoque não a lessemos em auctor algum, a deparámos no livro 2.° do Registo antigo d'Alfandega de Ponta Delgada a folhas 36.

A direcção do novo mestre da *fabrica* logo comprovou o bom resultado da escolha, que o provedor da real fazenda havia feito d'este individuo. No curto periodo de seis mezes se fizeram 1:603 quintaes de *pedra-hume*, os quaes foram vendidos a um *Gaspar Gonçalves*, negociante da Cidade de Ponta Delgada, e a uns inglezes, afóra uns 860 quintaes que *Francisco d'Andrade* trouxe para Lisboa.

Chegando á Ilha de S. Miguel *Diogo Lopes Espinosa*, nomeado *feitor*, sem levar ordem para os pagamentos da *fabrica*, descontinuaram os seus trabalhos no dia 20 d'Agosto do 1570. Reconhecendo *João de Torres* os supervenientes prejuisos d'esta suspensão de trabalhos, representou ao provedor, o ao feitor; o qual lhe respondeu: «que não tinha commissão para fazer *pedra-hume*, nem ordem para os pagamentos; mas que á sua custa faria o que pudesse.» Então emprestou ao mestre *João de Torres* 400 cruzados. Com esta pequena quantia, recomeçando os trabalhos da *fabrica*, pôde fazer 560 quintaes de *pedra-hume*.

Sabendo o almoxarifo *Francisco d'Andrade* (então em Lisboa) que a grangearia da *pedra-hume* dava conveniencia, contractou esta negociação para si, no dia 16 de Outubro de 1570; cuja nova, logo que chegou ao conhecimento do provedor, ou porque o desgostasse, ou por outros motivos, o certo é, que immediatamente mandou parar os trabalhos da *fabrica*; porém *João de Torres*, para aproveitar os trabalhos começados, á sua custa a fez trabalhar alguns dias, com o que obteve 160 quintaes de *pedra-hume*, despendendo-se 120$000 réis. O Desembargador *Fernão de Pina*, logo que disto soube, obrigou *João de Torres* a pagar esta porção de *pedra-hume*.

Chegando á Ilha de S. Miguel o contractador *Francisco d'Andrade*, no 1.° d'Abril de 1571, já alli não encontrou o provedor *Francisco de Mariz*, que, desgostoso com estas cousas, embarcára para Lisboa, com sua familia, em Março d'aquelle anno, a cujo porto não chegou, porque infelizmente um *corsario* francez o assassinára, bem como a toda a sua familia, e mais passageiros, ainda á vista da Ilha. A morte d'este provedor (diz o Dr. Fructuoso), que era homem de grandes espiritos, e de não menos engenho, saber, e descripção, foi grande parte da perda da *pedra-hume*.

Não gosou *Francisco d'Andrade* o seu contracto mais do que um anno, tres mezes, e sete dias, porque no fim d'este periodo foi preso por não haver cumprido as condições a que se obrigára no referido contracto, sendo constrangido a pagar 340$000 réis, e os quintaes de pedra-hume a que estava obrigado. Elle tinha feito 660 quintaes, no que gastou um conto cento e tantos mil réis, e calcula-se que teria de prejuiso alguns 200$000 réis.

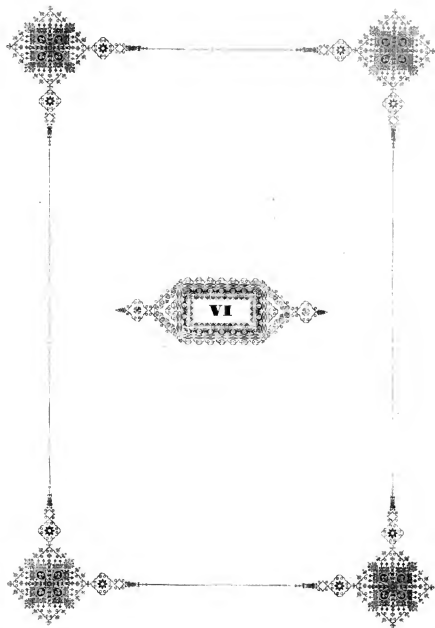
O activo e zeloso mestre *João de Torres*, vendo a decadencia em que ía a fabrica, e talvez a sua proxima destruição, veio a Lisboa diligenciar que o feitor *Diogo Lopes d'Espinosa* fôsse encarregado da sua inspecção, o que effectivamente obteve, passando-se-lhe uma provisão. Dois annos durou a gerencia d'este feitor, e durante ella se fizeram 1:500 quintaes de *pedra-hume*. Foi substituil-o *Jorge Dias*, e no seu tempo parou a *fabrica*.

Segundo os melhores calculos, toda a quantidade de pedra-hume, que n'ella se fez, estimou-se em 4:833 quintoes; e accrescenta o Dr. Fructuoso, que não houve muita perda, nem ganho; que a perda foi em consequencia de ficar a *fabrica* muito distante das *pedreiras, e fora de mão*.

O mestre *João de Torres*, reconhecendo pela propria experiencia, que o máo local em que fôra estabelecida a real fabrica, concorrêra para as consideraveis despezas que fazia, e vendo que a sua fabricação tinha sido totalmente abandonada, tomou a resolução de construir á sua custa uma pequena *fabrica* perto das *caldeiras do Valle das Furnas*, na qual despendeu setecentos e tantos mil réis, ficando a dever 230$000 réis, e 20 moios de trigo ao feitor *Jorge Dias*, 40$000 réis a *Diogo Lopes d'Espinosa*, e a outras pessoas.

O primeiro peso que *João de Torres* fez na sua *fabrica* foi de 60 quintaes de *pedra-hume*, de que apresentou uma *certidão* ao feitor para lh'os pagar; porém

este, depois de os receber, tomou o arbitrio de lhe descontar os 40$000 réis, que *Diogo Lopes d'Espinosa* havia emprestado, e lhe entregou o restante, que foram uns 9$700 réis; cuja quantia, postoque pequena, grande era ella para o genio activo e emprehendedor de *João de Torres:* elle immediatamente a empregou nos trabalhos da *fabrica*, obtendo com isto um segundo peso de 50 quintaes de *pedra-hume*, com os quaes foi amortisando a divida contrahida; porém, crescendo progressivamente o preço dos jornaes, na razão relativa do augmento da agricultura do Lugar da *Maia*, e faltando-lhe ao mesmo tempo os meios necessarios (depois de se ter desfeito das peças de ouro e prata, que possuia), foi-lhe forçoso fazer parar a *fabrica*, na qual, segundo se dizia, fez 580 quintaes de *pedra-hume*.

Abandonada esta pequena *fabrica*, estando já em grande ruina, foi subterrada por uma alluvião destacada do *salto do Tojo*, pela *ribeira* que d'elle corre, na occasião dos grandes tremores, e da erupção que houve no Valle das Furnas no anno de 1630.

TABOA METEOROLOGICA

RELATIVA AO MEZ DE JUNHO DE 1839 NAS FURNAS.

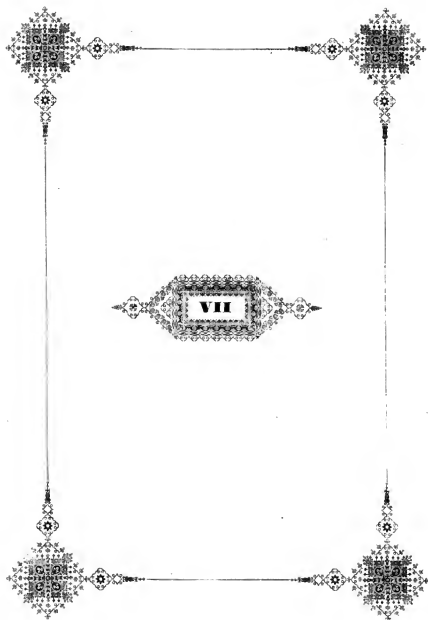
Explicação das Abbreviaturas. — D. M. De manhã. — P. M. Post-meridiem, depois do meio dia.
N. Norte. — S. Sul. — O. Oeste. — E. Este.

DIAS DO MEZ	THERMOMETRO FÓRA DAS PORTAS				Differença entre o maximo e minimo do movimento do mercurio no tubo	VENTOS	ESTADO DA ATMOSPHERA
	HORAS						
	D. M. 8	P. M. 1	P. M. 6	P. M. 10			
1	—	—	65	—	—	SO.	Manhã chuvosa; depois boa.
2	60	65	64	63	5	SO.	Muito chuvoso; bom tempo.
3	62	64	63	63	2	SO.	Bom tempo, cerrado, calór, não demasiado.
4	63	72	70	66	9	ONO.	Quente; dia claro, a sereno.
5	68	70	68	65	5	NO.	Quente, e ameno; muitas chuvas.
6	61	66	64	63	5	NO.	Algum calór, com viração depois.
7	64	66	64	61	6	NO.	Dicto.
8	65	68	64	62	6	SO.	Burrifos até ao meio dia, e tempo bom.
9	62	68	66	—	6	NO.	Dia muito claro com algum calor.
10	65	70	65	63	7	SO.	Dia nublado com algum calor.
11	65	68	65	63	2	SO.	Chuva grossa de manhã; dia muito claro, e algom calor.
12	66	65	63	60	6	NE.	Dia secco e bonito.
13	62	63	62	60	3	NE.	Dicto.
14	63	64	63	60	4	NO.	Dicto.
15	63	64	63	60	4	NE.	Dito; chuviscos.
16	66	68	66	61	7	NO.	Dia secco, o bonito.
17	66	66	63	61	6	—	Sereno, e algum calor.
18	63	66	63	63	3	SO.	Algum calor, cerrado, chuva forte.
19	65	68	64	63	5	NO.	Chuva grossa de manhã cedo; dia claro o quente.

TABOA METEOROLOGICA

RELATIVA AO MEZ DE JUNHO DE 1839 NAS FURNAS.

(Continuação.)

DIAS DO MEZ	THERMOMETRO FÓRA DAS PORTAS — HORAS				Differença entre o maximo e minimo do movimento do mercurio no tubo	VENTOS.	ESTADO DA ATMOSPHERA
	D. M. 8	P. M. 1	P. M. 6	P. M. 10			
20	63	66	63	62	4	SO.	Algum calor, nublado.
21	63	75	—	66	9	NO.	Dia claro e bonito.
22	68	78	70	60	10	NO.	Dicto.
23	65	75	—	67	10	SO.	Dia mormacento; vento rijo.
24	65	67	63	63	4	SO.	Chuva todo o dia.
25	63	66	63	62	4	NO.	Dia bonito.
26	64	68	63	63	4	SO.	Dicto; chuvas fortes.
27	63	70	64	62	8	SSE.	Dicto.
28	60	70	62	62	8	SE.	Dicto.
29	62	70	66	64	8	SE.	Dia muito claro e quente.
30	60	66	65	63	6	SE.	Nublado, e algum calor.

DESCRIPÇÃO INÉDITA DAS FURNAS DA ILHA DE S. MIGUEL

(A QUE O VULGO CHAMA *BOCCAS DO INFERNO*)

PELO DR. GASPAR FRUCTUOSO.

PARA tractar das Furnas d'esta Ilha de S. Miguel se ha de notar primeiro que a maior parte das fraldas d'estas e d'outras Ilhas, que são as terras maritimas, lançadas ao longo das cordas das serranias, que correm como lombo, ou espinhaço alto pelo meio de cada uma e quasi de todas ellas; em alguns tempos passados por diversas vezes correram arrebatadas, ou sacudidas dos picos das mesmas serras: ora em materia e polme de pedra derretida (a que depois de resfriada ou qualhada chamam biscoutos, ou pedras de alvenaria, ou de tufo, ou de cantaria de pedra branca, cinzenta e preta, e d'outras côres), que do profundo procede, e sahe com a força do fogo, que fazem accender os vieiros de enxofre, ou salitre, ou outras cinzas naturaes, e sobre a pedra correu e cahiu depois cinzeiro a arêa, e pedra pomes, e a mesma terra dos montes que arrebentaram, com que ás vezes, d'onde cahe nos altos, os faz mais altos, e os baixos os arraza com os outeiros, e as grotas com as terras junto d'ellas, e outras vezes, tomando posse do mar, e estendendo as ilhargas com os mesmos biscoutos que pelas aguas salgadas se estendem como cães; e com arêas e fayas, que espraiando-se abaixo das rochas, fazem grande entulho ás vezes sobre o mesmo biscouto, e ás vezes sobre as aguas do mar, ao modo da lesirias, que fazem as invernadas e correntes dos rios em terra firme, que aqui não são lesirias, por não serem alagadiças; mas são umas terras chãs, e outras fayas ao pé das rochas: como é a do Lugar dos Mosteiros, e a que se acrescteu na praia no caminho de Villa Franca, e em outra praia na Villa da Ribeira Grande nesta Ilha de S. Miguel, e outras similhantes, e assim parece logo a quem as vê com consideração e attenção, que estas terras são d'uma terra sobreposta, e quasi nateiro do interior do sertão da serra, e picos d'ella, que cahiu do alto onde a alevantou o fogo, ou trouxeram as ribeiras do polme de pedra, ou terra, em tempo que arrebentou algum pico, ou a força das aguas quando chovia; mas que terra propria e nativa d'aquelle lugar, atraz do cume d'aquellas serras, ou das rochas, com que se alargou esta Ilha, e da mesma maneira outras mais, fazendo-se maiores do que primeiro foram. E parece que Deos ou a naturesa, a que elle manda obrar no principio da creação ou feitura d'estas Ilhas, poz aquelle muro altissimo de serranias para amparo do impeto que traz o grande Oceano no tempo

ds sus furis, e depois pelos tempos em diante, correudo (como lenhe dito) pedra e terra dss mesmas serras se estenderam, os signaes do qual se vèem ao pé de alguma serra com algumas partes da planura das fraldas d'ella: onde se acha muito eascalho e arèa rebatida das ondas do mar, testemunho claro, que já alli em outro lempo ehegou, e depois correu mais terra ou pedra, que tomou adiante mais posse d'elle, e alargou mais as Ilhas, fazendo-as maiores do que d'aotes ersm, e do priucipio foram: como so vê claramente nss bayss dos Lugares da Povoação e Fayal, que estão ao pé dos altos moutes, oude o mar ehegava, de que s terra corrida tomou possa, e sobre ellas se fizeram as casas, e se plautaram pomares, e na Villa da Ribeira Grande d'esta Ilha, no lugar onde esteve uma Ermida de Nossa Senbors da Concepção, que estava em terra corrida em tempos passados, mais bsixa já que a outra, a depois absixo d'olla, correu outra misturada com srêa, que a entopio o mar por grande espaço, pelo qual lugar está manifesto que foi a Ilha accrescentada duss veses em sua largura, o assim foi por multas veses em multas partes, assim ua largura como na grossurs, com que de estreita se fez mais larga, e de rsza se fez mais alta, do qual são boas lestemunhas de vista todos, ou quasi todos, os montes d'esta Ilha, que, se forem inqueridos d'esta verdade, responderão como gente cortez com os chapéos fóra, que são seus picos, cumes, ou coróas de riba com covas em cada um, e boccas abertas, que estão testemunhando a dizendo, como signal evideute, que por ellss sabio de suas entranbas, e do centro da terra pedra e biscouto, e outra pedra pomes, torra, e cinzeiro, quo aos seus lados se foi esteudendo e correndo, alé chegar ao mar, e tomar posse d'elle, e outras vezes subiudo pelas mesmas boccas como pelouro por tiro de trabueo, com a força da polvora, e fogo para o ar, e toruou a cahir a mesma materia de pedra durs e pedra pomes, terra e cinza sobre ss terras a elles adjacentes e visiubas, o ás vezes mais longe, levadas pelos veutos, que então cruzavam, com que acravavam os matos do alto arvoredo, e enchiam as grotas, ficaudo ns sumidade das mesmas arvores a superficie da terra, que com ella arrazava, teudo-a d'antes igual e raza com suas raises. Mas agora a sus altura scravada, e assim tornada calva, como se vê lambem nos escalvados que ficaram ao redor das Furnas qusudo ellas srrebentavam, em que não se acbou arvoredo, por estar acravado o que d'antes havia, ainds que om outras psrtes uasceu e cresceu depois tanto, qua se tornaram a povoar de mato espesso, a altissimss arvoros, do modo que parecem estar plsntadas desde o principio da Ilha, e começaram juntameute com olla em sua creação ou feitura; o entre os montes que arrebeutaram (como claro parece) a concavidada das Furnas foi d'autes um grande a altissimo pico, coberto de alto, grosso, e basto arvoredo, n'elle antigameute nascido ou creado, qua com a força das vieiras do enxofre ou salitre, que no centro da sua rais havis, veio a srrebentar lodo Inteiro antes da Ilhs ser achada muitos annos, calear-ss para o ar, como pelouro do trabueo, ou bombarda, ou todo inteiro, ou em pedaços, desfazendo-se ou espalhando-ss pelas partes a elle adjscentes ou visinhas, fazendo, como digo, os escalvados que acravou com sua materia a terra, que de suas autranhas sahio, deixando feits uma profuuda concavidade, que da sua encomeada para dentro póde ter ceuto o cincoenta moios de terra, e a deseids para ella pela parte do Oriente da bauda do Sul será de ums logua, pela qual se vão vendo em muitas estancias profundos valles, a fresquissimas e frondosaa fayas de slto e sombrio arvoredo do cedros, fayas, louros, ginjas, páo branco, folhado, urzes, uveiras de

serra, e outras sortes de arvores com a verde hera abraçada em alguns troncos d'ellas (e em seus ramos muitas maneiras de passaros, fazendo tanta e tão doce harmonia com seus cantos, não faltando alli o agudo tiple dos tintilhões, e claros tenores dos toutinegros; e com o contralto os saudosos brados dos melros; e o contrabaixo dos pombos torquazes, com o suave contraponto dos canarios), que quem desce para aquelles asperos e solitarios caminhos não póde deixar de não parar com os ouvidos a ouvi-los, e com os olhos a vêr, e com o entendimento a considerar aquelles lugares sós, acompanhados de tanta saudade, que lhe arrebata o sentido, e o vai alevantando tão alto com pensamentos e considerações de seu Creador, que de boa vontade se deixaria alli ficar naquelle ermo, esquecendo-se, se lhe désse lugar, e o não estorvasse a humana fraqueza, invejosa d'estas saudosas saudades. Outra descida tem da banda do Norte, mas ingreme de espaço de meia legua, que se chama *pé de porco*, por dizerem que descendo-a uns homens, no principio do descobrimento da Ilha, comeram alli um pé de porco, que levavam cosido. Outros dizem ter este nome, porque logo no principio, que começaram a andar por alli vaqueiros a fazer curraes de gado naquella rocha, acharam um pé de porco, que n'ella deixaram uns ladrões, de um que alli mataram; a qual descida não é menos acompanhada do arvoredo que a outra do Oriente, e mais trabalhosa, ainda que não tão saudosa: afóra outros caminhos asperos, por onde descem ao campo baixo e raso, onde estão as Furnas, que se podem pintar como os poetas pintam os Campos Elisios, porque é um campo chão, deleitoso, fresco, e aprazivel, d'antes calvo em algumas partes, e outras do alto arvoredo, mas já agora está sua calva coberta de muitas fayas, e outro mato ainda baixo, que virá a ser mui alto, se o não impedir a avára, estragada, e desperdiçada condição dos homens. E como as Furnas são chamadas n'esta terra, pelo parecer assim, *boccas do inferno*, n'estas descidas tem mais facilidade que quando se tornam, os que desceram, a subir por ellas, como diz Virgilio, facil é a descida para o inferno; mas tornar a subir, e escapar para os ares superiores do alto, aqui está o cansaço e o trabalho; se as descidas são deleitosas mais o são os campos amenos, acompanhados em umas partes com espessos bosques de altissimo arvoredo, e em outras de outro mais baixo, raso, e raro, que deixa passar os hospedes e romeiros por entre sua verdura, regados com algumas grandes ribeiras, umas de claras e frias, outras de turbas e quentes aguas, entre as quaes quasi no meio d'aquelles campos chãos, n'aquella grande e profunda concavidade estão as Furnas, tão nomeadas e celebradas, não sómente n'esta Ilha, mas quasi em toda a parte do Universo onde se sabe o nome d'ella. Para mais clareza direi, Senhora, por ordem, as cousas que ha n'este campo, começando da descida a elle da parte do Oriente da encomeada, que chamam os *graminhaes*, por haver por alli muita herva d'este nome, chamada *grama*, caminhando para o poente quasi ao Noroeste. Contando estas cousas brevemente, pois são mais para vêr com os entendidos olhos e longas considerações, que para dizer nem contar com compridas praticas, nem multiplicadas palavras. Um clerigo, a que não soube o nome, veio com os primeiros povoadores, que vieram a esta Ilha, e sahiram na povoação velha, d'alli a dias, desejando vêr de perto, e saber que cousa era uma grande lingua de fogo, que sobre o ar apparecia, e sahia da terra, partindo da povoação, se foi um dia com um companheiro, mettendo-se pelo espesso mato, fazendo caminho com uma fouce roçadoura, e deixando por elle balizas e signaes nas arvores, porque a tornada se não perdesse, chegou sobre as Furnas a uma alta

encomeada, do que ellas da parte do Oriente estão cercadas, da qual descubriu, primeiro que ninguem, o lugar d'onde o fogo d'ella sahia; e não se atrevendo a descer a baixo, pela aspereza da terra e espessura do arvoredo, se tornou para a nova povoação, que agora se chama velha, em respeito das outras, que pelo tempo adiante se fizeram, para tornar mais devagar, e com mais companhia de gente, a descobri-las, como depois fez, e suspeitasse que desceu a ellas pela descida o caminho da encomeada dos graminhaes da banda do Oriente, de que agora usam os que a ellas vem da povoação, e d'aquellas partes. Este pareceu foi o que primeiramente descubriu as Furnas, que n'aquelle tempo estavam mais altas e furiosas que agora, por então estar ainda junta maior materia de fogo, e mais fortes vieiros de enxofre, que as fariam ferver com maior furia, e mais espantosas. Estavam em terra mais alta, que se foi abaixando, e consumindo cada vez mais, e o seu furor tambem foi desfallecendo, porque já agora são muito menos do que foram. Acabando de descer por aquella caminho do Oriente da alta encomeada dos graminhaes ao plano e campo chão onde as Furnas estão (que é uma rocha que ficou feita ao redor do mesmo campo d'aquella banda do Oriente, quando aquelle pico arrebentou, e espalhou pelas terras a elle chegadas, quanto tinha sobre a terra e sua rais, ficando aquella grande concavidade, com os olhos e buracos de fogo abertos, signaes evidentes do grande fogo, que fes alevantar tão alto e tão grande pelouro, como era aquelle monte). Logo ao pé da rocha, e descida de deleitosas fayas (como tenho dito) da parte do Oriente está uma grande e larga ribeira de claras, frias, e doces aguas, em que os que acabam de descer a alta rocha, cansados e suados, se refrescam, lavam, e bebem descansados; caminhando d'alli para o Oriente pouco espaço, está um pequeno ribeiro d'agua fria, que em partes é verde, em partes vermelha, dourada, ferrogenta, e d'outras diversas côres, segundo as tem os limos sobre que vão correndo; não porque a agua os tenha, mas por causa do lastro da terra e limos, cuja côr tras lus pela agua, que é clara como no Mar Roxo acontece. Andando mais adiante, virando para a parte do Sul com uma pequena volta, se vèem os grandes fumos, e se ouvem os temerosos estrondos, que as Furnas estão fasendo; e chegando-se a ellas, se vèem duas juntas, entre as quaes vae um caminho muito estraito, como vereda por um baixo espigão de terra e pedra, que entre ambas está. A primeira que fica da parte do Oriente, está mais alta, de agua clara, tão quente, que pellam n'ella leitões, porcos, cabras, e cabritos, mettendo-os dentro, e tirando-os logo, que tambem os póde coser n'ella, se os deixarem estar mais tempo; e do peixe, que n'ella se mette, não fica senão só a espinha; deita esta Furna no meio um olho d'agua, fervendo dous covados de alto, e grossura de duas pipas, mui furiosa; mas postoque ponha terror a sua fervura, não se teme tanto aquella estreita passagem ao longo d'ella, por ser d'agua clara, a qual corre d'esta primeira por um pequeno canal, que atravessa o estreito caminho, e se mette em outras duas, correndo d'uma, em outras para a parte do Norte, que tambem estão fervendo, com muitos olhos alevantados; cuja agua não é já tão clara, ainda que são mais largas que a primeira. Logo mais adiante para a banda do Leste, está um olho fundo, aberto na terra, fumegando, e fazendo terror com espesso fumo, que d'ella está sahindo. Junto com elle está outra Furna, como caldeira, com muitos olhos, fervendo cinzento polme, e faz uns circulos a modo de corôas grandes, ou cabeças calvas, d'onde o vulgo lhe veio a chamar a *Furna de coroas de frades*. Logo mais adiante está uma cova mais funda, que com um grande e furioso olho

ou borbulhão do polme cinsento escuro, subindo para o ar tres ou quatro covados d'alto, de grossura de tres pipas juntas, está em continuo movimento, um olho sahindo, outro começando; e pela furia com que sahe, matinada que fas, e côr que tem encarvoada, se chama a *Furna dos ferreiros*, que pareço que aquella é a forja de Vulcano; e esta é a mais furiosa, temorosa, e espantosa Furna da todas. Junto d'esta se abrio pouco tempo ha outra mais pequena da mesma côr e polme, que ferve com tres olhos menos furiosos, e mais pequenos, em uma grota que corre ao longo d'ellas; da parte do Oriente está um grande olho d'agua quente, de grossura de um quarto, que ferve para o ar em altura do um covado, na qual grota se juntam as aguas que correm d'estas Furnas, e fazem uma pequena ribeira d'agua quente, que se vae adiante para a banda do Sul a juntar com uma ribeira quente, é outra ribeira fria, que passa pela fabrica de pedra-hume, e nasce acima d'ella, e da rocha do pé de porco (das quaes direi adiante); e ambas juntas em um corpo, a fria e quente, vão cercando e rodeando as Furnas todas pela banda do Sul; e no cabo das Furnas se encorpora a ribeira da agua d'ellas com estas doas; mais além se ajunta a outra grande ribeira, tambem de agua fria, de que contei primeiro, que corre da parte do Oriente; com estas tres, e todas quatro juntamente, se fazem uma, e vão sahir ao mar do Sul, com o nome d'uma só *ribeira quente*, que com outros olhos que se abrem, fervem, e fumegam ao longo d'ella, se vai mais accrescentando, e aquentando. Antes d'esta grota, e agua quente que sahe por entre as Furnas, entre ella e ellas, está um outeiro pequeno de terra quente, que quasi todo o enxofre misturado com uma molle e branda pedra branca, principalmente na superficie, d'onde os que vão vêr as Furnas, tiram muito, e levam para muitas partes: aproveitando-se d'elle alguns da mesma maneira que alli o acham, e outros o apuram sómente com o ferverem ao fogo, e derretido o deitarem em canudos de canas, com que fica perfeito e formoso, como qualquer outro sem mais outra cerimonia: e por mais que se tire d'elle da superficio d'aquelle quente outeiro, nunca desfalece, e logo se torna a achar outro no mesmo lugar; porque a mesma terra que é vieiro d'elle, com a grande quentura que tem, está vaporando e criando outro, sem nunca faltar n'aquelle mesmo lugar grande cópia d'elle. Junto da Furna chamada das *Coroas*, para a banda do Sul, estão na terra dous buracos pequenos, tão grande cada um como uma caldeira pequena, onde está fervendo agua clara; e mais para o poente da banda do Sul junto á ribeira quente, que vae correndo ao longo d'estas Furnas, outro olho de agua fervendo, do tamanho dos de cima, e com passar a ribeira que chamam *quente*, está alli quasi fria, por vir já junta com a ribeira fria da fabrica, e se misturar com este olho d'agua que fervia, está fervendo quente, e não se esfria. Entre ella e as Furnas se tirou já muita pedra-hume, que se fez, e se vendeu muita quantidade de pedra-hume, e dá muito boa, e de bom rendimento. Esta a causa por que se conservam alli tanto tempo aquellas boccas fervendo, sem se consumirem, e gastarem, e afondarem todo aquelle lugar, porque se fôra terra o que está entre ellas, já estivera consumida, e gastada com o grande fervor das aguas d'ellas, e tiveram feitas muito maiores boccas abertas; mas são estas Furnas como fontes ou olhos d'agua, que alli nasce, e sahe por entre aquella pedreira de pedra-hume, ou os vieiros de enxofre, e de algum salitre, que póde haver n'aquelle logar, ou outra materia de fogo, que aquenta aquella agua, e ferve com grande furia, sem nunca faltar agua d'aquellas fontes, que alli nascem, uma clara, que fas a Furna clara, outra misturada com a terra e cinza, que fas as Furnas de polme

cinsento negro, som faltar o vieiro do enxofre, o meteria de fogo, que os equeuta, e faz ferver com continuo movimento e fervura, porque é muito o enxofre que tem debaixo, e ha em todo aquella eampo, de que é eloro indieio haver olevantedo para o ar, e desfeito o grende o elto monte qne elli esteve, deixendo feita e rocha ao redor, a e espeçosa, e olta encomesda, que já disse, dontro do qoal outros muitos olbos d'agua qnente se alevantam eom fervura, e grande fumo eo reder das mesmes Fornas; pela *ribeira quente* abaixo, de que uão faço particular menção por serem pequenas entre aquelle terre, que é toda como esteril, ume miue de euxofre. Das Furnas para e parte de Leste, declinando a banda do Snl (afastada mais espaço qna dous tiros de areabux), está ume Furna pequene, que por foser um som e matinada como tambor, se chame o *tombor;* o ferve para eima eom um olho furioso a fervnra, que fax com polma ralo do côr einzeuta, junto de ume terre quebrade; e ao redor d'alle está mais d'um alqueire do terra escalvada, em que so deitam os bois no tempo frio, porquo e achem quente: perto d'esta Furna se ajnntam os tres ribeires prineipaes, que nascem dentro da grande eoncavidede, a frie, e e quo ferve, e a qnente, e e outra que nasce das Furuas, que vão todas juntas em uma d'alli para baixo tar ao mar do Sul: elle tem o noma da *ribeiro quente*, ainda que são todas juntas, que são quatro, doẽs qnentes, e duas frias, incorporadas em uma só, por esta ribeiro quente, abaixo meia legua das Furnas uo cabo do Lombo-friu (que é uma lomba em ume rocha d'elle, que se ehama a *felpelhuda*, por ter moito mosgo, e herva), sahem d'estas rochas traa toroos d'agua, perto nm do outro, eomo quantidade da dous eovados entre cada um: o torno do meio é quente, os outros frios; d'alli pare boixo é a ribeira quente, tão chã oté o mar (espaço do meio legua), que vem as tainhas por ella eeima até o Lombo-frio, tem esta ribeira om salto, pelo qual podem passar as tainhas. Tão fêas a furiosae são estas Furnas, a tanto horror põem a quem as vê, e ouve o graude estrondo, a arruido que fazem, trabalbendo em continuo movimeuto, qua pareee uma eonfusão, a similhança do iuferno; das quaes dizem os pastores, qua por aquellas partes ao redor d'ellas pastoram seu gado (por haver alli bons e abrigados pastos n'aquelle lugar baixo), a o mesmo affirmam ontros, que o tem experimeotado, que no tempo do inverno (especielmento qnando venta Snl, Sudoesta, Suesto, Leste, ou Nordeste), fervem eom maior furor, e fazem maior fumaça, pareeendo-lhe qne andam nellas os demonlos, dizendo qua a razão d'isso é andar n'aquelle tempo o mar meis bravo, qoe as faa ferver eom maior braveza; mas ainda que isto póda ser alguma cousa, a principal é porque n'aqnello tampo, que é mais frio, com os eres frios eireumstantes por Antiparistasim, se reeoneentra e quentura, e recolhe para dentro da terra, com acender mais o fogo nos vieiros do euxofre, que he n'ella, com que aeerescenta a fervnra n'aquellas bocees abertas, aquentaudo-se mais e ogoa a polme d'ellas, e saltendo para o ar, eom meis espesso fumo, e apressurado impeto e vebemeucie, e mores estrondos que no verão, em qoe tudo tem menos, por respirarem pelos poros da tarra que tem, qoo estão eutão mais abertos. Mas tambem no verão, como no inverno, ainda qua mais no inverno, se deve mediter no trobalho eterno, qna terão os danados, pelo que tem estas Furnas perpetuo sem nunca eessarem, oinda que algumas d'ellas eessaram já, e outres se vão obrindo de novo; porqoe todo aquelle eempo é ume mina da onxofro. E quando cruzam ventos Nordestes, por serem (eomo olgans dizem) mais tormentosos, e tauto que revolvem as aguas e arêas, tambem ellas andam com mais furia, e soam mais ao longe, deitando mais eópia de

vapores e fumos, cuidando que o mar por debaixo da terra se communica com estas boccas, mas como outros com mais razão affirmam, por os Nordestes serem seccos, e taparem os poros da terra, com que são causa d'ella tremer, por não ter o ar por onde respirar: assim quando ventam, são causa de maiores estrondos n'estas Furnas. Ainda que isto d'estas Furnas é natural, parece cousa sobrenatural; e se perguntarem por que razão duram sem se gastarem, consumirem, e acabarem (porque se o vieiro do enxofre as faz ferver, e faz o seu fogo, esse fogo e esse enxofre, ardendo tanto tempo, já se houvera de acabar em tantos annos, e acabando, acabarão as Furnas seu furor, e já não as houvera). Responde-se a isso: que ainda que se vae gastando o enxofre (que é a materia de fogo, que faz fervor as Furnas, e aquella agua que alli nasce), a mesma qualidade de terra vae creando outro enxofre, e outra materia de fogo de novo, e assim nunca falta: pelo que as Furnas, e seu furor, não cessam, porque (como dizem os filosophos) não é outra cousa enxofre senão uma grossura de terra a que chamam *pinguitedo*, junta com humidade, as quaes, como sejam ambas materia do mesmo enxofre (o que ha n'aquellas partes em abundancia, sempre a natureza está subministrando o dito enxofre, que nunca falta n'estas Furnas, do que é clara mostra e prova o lugar que atras tenho dito, onde nunca falta por mais que d'elle tirem, pelo que é esteril a terra d'entre as Furnas, por ser toda uma mina de enxofre). Outra razão se póde dar, e é que será tamanho, e de tanta quantidade o vieiro de enxofre, e materia de fogo alli debaixo da terra, que póde durar, e dura tantos annos, como tem durado, e ainda dura, até que se acabe de gastar, e consumir pelo tempo adiante, e então acabarão de ferver as Furnas como já acabaram algumas, e cessarão por se acabar a materia de enxofre, e a agua ou humidade que as cevava, e outras começarão novamente, por se começar novo enxofre, e nova materia de fogo na humidade que alli acha: ou se criou tambem nova humidade, que ferve com novo fogo nascido de novo: e assim umas Furnas vão seccando, outras começando, e abrindo novamente, e por ser pedreira de pedra-hume o espaço que está entre algumas, ou ellas como fontes, nascerem entre esta pedreira, não se desfaz nem gasta: como poderá ser gastado, se não fôra pedra, como já tenho dito. Um tiro d'arcabuz das Furnas para a parte do Occidente, estão em um campo algumas pequenas boccas abertas, pouco fundas, e outras quasi razas com a superficie da terra, e ao redor das mesmas Furnas para a banda do mar e da terra uns lugares, como covas, e outras razas em outros tres ou quatro pedaços de terra de alqueire cada um em diversas partes, d'onde sahem uns fumos, e fedores tão prejudiciaes, e infestos a quaesquer aves do ar, ou animaes da terra, como são gado vaccum, ovelhas, cabras, porcos, e cães, que alli chegam, ou as aves que por cima voam, ou pousam nas arvores (que cahem, e em breve espaço morrem se logo as não tiram fóra, escapando os cães com a vida, cortando-lhe as orelhas, por onde purgam aquella peçonha, que pelos narizes receberam). Dizem alguns que ao longo da *ribeira quente* por ella abaixo estão outros campos d'esta mesma qualidade; até os quaes sobe do mar pescado de diversas maneiras, sem passar mais acima, e todos, uns e outros, se chamam, por esta razão, os *fumos*, ou *fedores*: sem em nenhuma parte d'ellas receber damno nem mal alguma pessoa humana, senão se se deixar estar alli por notavel espaço de tempo; porque os que se detem mais d'uma hora, quando vão tirar d'alli o gado, tambem sentem movimento no corpo, como é vomitos, e outros accidentes. Além pouco espaço ao poente corre uma grande, e fresca ribeira de boas e claras aguas,

que nasce na rocha junto do pé de porco, onde está feita a fabrica de pedra-hume, que alli mandou fazer João de Torres, mestre d'ella depois que deixou de obrar a da villa da Ribeira Grande, de que adiante contarei; e com esta agua d'esta ribeira ser muito fria, está fervendo em muitas partes com a respiração que fas aquentar a dos vieiros de enxofre que está debaixo d'aquella terra, por onde vae correndo; pela qual razão se chama a ribeira que ferve, cuja agua dizem ser a melhor de toda a Ilha, se o não fôr a da cidade de Ponta-Delgada, principalmente na fonte d'onde nasce, onde está mui fresca e fria, porque na d'onde sahe vae já muito amassada, e encalmada, sem perder sua bondade; mas ás vezes por isto, e por causa das raizes, que dentro nos alcatruzes crescem, muito sabe a terra, e não se bebe tão fresca e fria, postoque a agua que vem de longe por canos limpos, é melhor (quanto mais comprido tem o curso) que na fonte d'onde nasce, por vir purificada de algumas escorias, que da terra nascem. Defronte da fabrica, um pouco mais acima, está uma fonte com um cano d'agua que sabe a ferro, e se mette na mesma ribeira; pelo que, quem quer boa agua d'ella, a toma acima do lugar onde esta fonte de ferro se mette n'ella. D'esta *ribeira fria*, que ferve pouco espaço, para o poente está uma ermida de *Nossa Senhora da Consolação*, de muita romagem, que agora com grande custo mandou concertar o magnifico e liberalissimo Balthazar de Brum da Silveira, em condição Alexandre. Além d'ella um tiro de bésta está a *ribeira quente*, que nasce perto da dita ermida, de dous grandes, e apartados olhos de agua turva, e tão quente, que se se não temperasse com outra fria de outras fontes, que ao redor nascem, não se poderia soffrer sua quentura, mas com esta mistura fica sua agua temperada, sem ferver, como ferve a outra ribeira fria, que atras disse, ficando a ermida entre estas duas ribeiras, a fria e a quente; abaixo da cruz da ermida mui perto está uma fonte muito fria, e amarella ametade d'ella, e a outra ametade verde, não tão fria; na qual ribeira quente se curam muitas pessoas de *flegmo*, *salsa*, e *sarna*, e outras enfermidades, tomando n'ella banhos, sem mais outros suadouros, a que não faltam senão officinas e edificios para se igualarem ás celebradas *caldas da Rainha*, que estão em Portugal junto de *Obidos*, e as caldas da *villa de Vouzello*, e quesquer outras. Da ermida das Furnas, a mais de tres tiros de bésta para o poente, está uma grande lagôa d'agua doce, que terá em circuito mais de uma legua, e da parte das Furnas acima d'um serro, e baixa encomcada, que está entre ella, e as mesmas Furnas, tem outras quatro, ou cinco Furnas, fervendo, e fumegando da mesma maneira que as já ditas, das quaes dizem que procede a ribeira quente, e os dous olhos que já disse que d'ella nasciam, em que se tomam os banhos, e quando a agua cresce no inverno as cobre d'agua, como tambem se secca no verão parte d'ella, e ás vezes se vê esta lagôa vasar alguma cousa, e tornar-se a encher, como maré pelas bordas, de que parece ser causa o vento, que a faz ir para uma parte, e tornar a seu lugar, quando a calma cursa, ou vem da parte contraria, ou por causa da lua; póde ter esta lagôa (que é mais larga que as das sete cidades, mas não tão comprida) dez moios de terra, a qual deu El-Rei a um *João Tavares*, da villa da *Ribeira grande*, que lh'a pedio com determinação de a vasar pela parte do *Sanguinhal de Duarte Pires*, e d'alli a levar ao mar pela ribeira quente, por se aproveitar da terra d'ella para semear pastel ou trigo, o que não houve effeito. Está claro, que onde está esta lagôa grande, foi outro alto pico, que em outro tempo arrebentou, e ficou feita alli aquella concavidade dividida com o serro, que está entre ella, e o campo das Furnas, em que se fez aquella grande lagôa,

correndo para ella algumas ribeiras, regatos, a grotas de chuvas, e enchentes. Disem que de toda a terra ao redor d'ella se póde fazer capa-rosa, se se soubesse quantos dias ha de estar a apodrecer, e houvesse mestre d'ella, como tambem d'alguma terra entre as Furnas se fez já muito boa. D'alli a pouco espaço para a banda do Sul, abaixo do caminho que vae das Furnas para a Villa Franca, estão duas lagôas pequenas d'agua doce; a respeito das quaes a outra atraz se chama a *lagôa grande*; e das duas menores, a que está da banda das Furnas é a mais escura, em uma cova d'um pico, que em outro tempo arrebentou, cercada a agua ao redor d'altas arvores. Outra da banda do poente é mais clara, onde vai ter uma ribeira, que se chama de *Diogo Preto*, nome do um homem principal, que alli morou, e tinha sua fasenda, na qual lagôa clara (que tem em baixo arêa) se sume a dita ribeira de *Diogo Preto*, e vai por debaixo da terra espaço d'uma legua a sahir no mar, nas fontes que sahem junto do *forninho*, perto da baixa chamada *Lobeira* (como já tenho dito), o que tenho por mais certo, que o que outros dizem serem aquellas fontes, que nascem no mar, da lagôa grande; porque se d'ella sahiram, fôra minguando, o que não fas, pois está sempre em um mesmo ser, afóra as mudanças, que lhe fas faser o vento, ou as enchentes que n'ella entram no inverno, ou seccura do estio, ou a lua. Das Furnas até á ribeira de *Diogo Preto* vão dous caminhos bem assombrados, em que espaceceem, e desenfadam muito os caminhantes, um ao longo da lagôa grande, pela qual se estendem os olhos d'agua por suas aguas, e outro por um lombo alto, acompanhado de altissimo arvoredo d'uma e d'outra banda; o da do Sul se vão os olhos apascentando por altos montes, e baixos valles, povoados de espessas arvores, que fazem aquelles lugares e caminhos estranhamente alegres, e saudosos. Anda n'ella diversidade de aves em grande numero, como são adens, mergulhões, maçaricos, galeirões, patas bravas, e outras especies d'ellas; podiam-se criar alli infinidades de peixes d'agua doce, se houvesse curiosidade para os trazer a ella de fóra. A noite que amanheceu a 7 de Outubro de 1588, choveu por aquellas partes tanta agua, que entupio muitas d'estas Furnas com suas enchentes, e levou algumas casas com seus moradores ao mar, da que tomou bom espaço posse um pedaço de terra que quebrou do *pico da Vara*, mudando a ribeira quente de sua primeira madre, a em diversos lugares e partes d'esta Ilha, fazendo muitas mudanças, e espantosas novidades.